

INSPIRAÇÃO SAÚDE



EDUARDA HAECKEL VIEIRA
CAMILA HAECKEL BLANKE

I N S P I R A Ç Ã O
S A Ú D E

EDUARDA HAECKEL VIEIRA
CAMILA HAECKEL BLANKE

Equipe

Concepção e Autoria

Camila Haeckel Blanke
Eduarda Haeckel Vieira
Felipe Haeckel

Direção de Conteúdo

Camila Haeckel Blanke
Eduarda Haeckel Vieira
Voz Comunicação
Agência Um

Equipe de Conteúdo

Ana Carolina Moraes
Marcílio Albuquerque
Nathália Ferraz
Nilton Lemos
Raquel Lafayette
Marina Blanke

Conteúdo Digital

Agência Amarelo
Beatriz Blanke

Curadoria

Camila Haeckel Blanke
Eduarda Haeckel Vieira

Projeto Gráfico/Editorial

Daniel Farias
Agência Kerno

Diagramação

Ivson Sampaio

Revisão

Leo Barbosa

Fotografias

Carlos Cajueiro
Cláudia Araújo

Impressão

Gráfica Santa Marta



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0
Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

Copyright ©2020 Camila Haeckel Blanke, Eduarda
Haeckel Vieira

Copyright é uma variedade de licença que
permite certa liberdade em relação a uma obra
intelectual. Desde que seja respeitado o conteúdo
publicado, é permitida a cópia.

Dedicatória

A pandemia do coronavírus, uma crise sanitária mundial sem precedentes, escancarou não só a fragilidade do ser humano frente a um inimigo invisível, como também evidenciou a importância vital do profissional de saúde na nossa sociedade.

O momento não poderia ser mais oportuno para exaltar e compartilhar as histórias de quem exerce, tão bravamente, esta missão de vida.

Dedicamos esta obra aos milhares de profissionais de saúde que aceitaram o desafio e dedicaram seu tempo, disposição e conhecimento, arriscando suas próprias vidas, para nos ajudar a vencer essa batalha.

Sua força e resiliência nessa luta serão lembradas para sempre.





Gratidão

Dr. Alberto Cherpak
Dr. Álvaro Dantas
Dra. Ângela Vieira
Beto Ferreira da Costa
CREMEPE
Eduarda Dubeux
Dr. Eustácio Vieira
Felipe Haeckel
Dr. Francisco Trindade
Guilherme Blanke
Dr. Guilherme Robalinho

Gustavo Araújo
Dr. Hildo Azevedo Filho
Joelli Azevedo
Dr. José Aécio Vieira
Karla Dantas
Kléber Fernandes
Dra. Lourdes Araújo
Luiz Augusto Filho
Marcelo Vieira
Mariana Costa
Roseana Amorim



Introdução

O protagonismo de Pernambuco na medicina é fruto de um trabalho árduo e competente, atraindo olhares de diversas partes do mundo. Esta colocação de destaque advém do empenho de bravos profissionais que, desde o passado até os dias atuais, assumem a louvável missão de cuidar do próximo e de ajudar a sanar as doenças do corpo, da mente e da alma. E é com o propósito de exaltar parte expressiva desses grandes médicos, que nasce essa obra.

O conteúdo das próximas páginas coloca em evidência as trajetórias de superação, resiliência e abdicção de homens e mulheres que fizeram da medicina um sacerdócio e se tornaram referências em suas áreas de atuação. A começar pela capa, repleta de simbologia, um pouco da história de uma das profissões mais antigas e célebres do mundo é contada, através de vários elementos, místicos e humanos, que se complementam e interagem entre si.

Em destaque está o busto de Hipócrates, médico e filósofo grego, considerado o “pai da medicina”. Seus ensinamentos e ideais inspiraram o tradicional Juramento de Hipócrates, texto recitado em uníssono durante a colação de grau, na qual os formandos juram praticar a medicina honestamente. Ao seu lado, está a representação da Deusa Hígia, portando o cálice e a serpente. Segundo a mitologia grega, a divindade era associada à prevenção da doença e à continuidade da boa saúde. Também representados na ilustração estão a esmeralda, gema que simboliza a cura e que adorna o anel de formatura dos profissionais da saúde, o Caduceu de Hermes, utilizado pelos romanos como símbolo do equilíbrio moral e da boa conduta, além do eletrocardiograma, com suas linhas da vida, e do estetoscópio, instrumento de trabalho que acompanha os médicos desde o início de suas carreiras.

Juntos, esses elementos abrem alas e levam o leitor para uma imersão no universo único, rico em experiências e ensinamentos dos médicos homenageados, que generosamente compartilharam suas histórias, aprendizados, paixões e expectativas para o futuro. E, além disso, eles têm diante de si o desafio da atualização constante, mas sem deixar de lado o olhar atento e humano, capaz de fazer a diferença no tratamento e na qualidade de vida dos pacientes. Boa leitura!

Pernambuco

Uma história de tradição e pioneirismo na medicina

A segunda metade do século XIX foi transformadora para a medicina. Os hospitais, que antes eram estigmatizados e vistos como antessala da morte, passam a ser locais de esperança, cura e renascimento. O médico húngaro Ignaz Semmelweis, em Viena, comprova que as dramáticas e letais infecções puerperais estavam relacionadas à falta de higiene e prega as bases da assepsia e também a importância da lavagem das mãos.

O médico Joseph Lister, em Glasgow, como também outros estudiosos em Edimburgo e Londres, confirmam e reafirmam a importância dessas rotinas na prevenção das infecções. Louis Pasteur, em Paris, e Robert Koch, em Berlim, provam que as bactérias são os agentes etiológicos das infecções, sendo reconhecidos como os pioneiros da microbiologia. E James Simpson utiliza, em Edimburgo, a primeira anestesia nas intervenções cirúrgicas.

A medicina passa a caminhar lado a lado com a ciência. Os avanços nos meios diagnósticos e terapêuticos se sucedem. As doenças começam a ser vencidas. Os hospitais se reinventam. O saber médico abandona o empirismo e os misticismos. Abraçam-se com a tecnologia, os laboratórios e as pesquisas.

Recife, com seus sessenta mil habitantes, era a segunda cidade brasileira, com um centro cultural e político efervescente. As vozes daqui ecoadas ressoavam no Brasil. Quatro dos grandes hospitais de hoje são dessa época e foram renovados, revitalizados e são fundamentais, até hoje, ao nosso sistema de saúde.

O Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco, fundado em 1855 e transferido cinco anos depois para o Sítio Cajueiro, onde até hoje está instalado em oito edifícios, com cento e vinte mil metros quadrados de área construída, com 800 leitos, sendo 200 de UTI. Além disso, conta com 7.000 funcionários e mais de 2.500 médicos especialistas cadastrados. É o maior hospital filantrópico do norte nordeste e centro-oeste brasileiro.

O Hospital Pedro II, inaugurado em 1861, é uma edificação tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, projetado pelo arquiteto José Mamede de Almeida Ferreira. Durante décadas foi o Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Administrado

pelo IMIP, totalmente reformado, mantendo a sua belíssima arquitetura original, é centro de treinamento da Faculdade de Saúde de Pernambuco.

Em 1870, a cidade ganha o Hospital Santo Amaro, que desde sua fundação até hoje é dirigido pela Santa Casa de Misericórdia, vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Pernambuco. Durante anos, o Hospital sediou os serviços de ortopedia do professor Barros Lima e o de dermatologia, do professor Jorge Lobo.

Em 1884, criado para ser especializado em doenças infectocontagiosas, sendo até hoje a principal referência do Estado para o tratamento dessas enfermidades, foi fundado o Hospital Oswaldo Cruz. Chamado no passado de Hospital Santa Águeda, é hoje vinculado à Universidade de Pernambuco. Lá, nasceu a moderna hemoterapia brasileira, com a criação do Hemope, primeiro hemocentro brasileiro.

Nos anos 20, a cidade necessitava de um serviço médico de urgência e emergência. Era o que reclamavam os inúmeros jornais recifenses. Então, em 1930, é instalado em um prédio adaptado, localizado na Avenida Fernandes Viera, o Serviço de Pronto Socorro do Recife. Planejada desde 1947, só mais de vinte anos depois, em 1969, é inaugurada a sua sede definitiva, quando ganha o nome de Hospital da Restauração.

Em 1940, surge o Hospital São Marcos, a segunda iniciativa exitosa da saúde privada, que hoje pertence à rede D'Or. A partir da segunda metade do século XX, juntam-se a esses já citados os Hospitais Previdenciários. Em 1953, é inaugurado o Getúlio Vargas e transformado em hospital, para os comerciários, o privado São João, que ganha o nome de Agamenon Magalhães.

Nos anos 70, o Hospital Barão de Lucena, construído pelo Sindicato das Usinas e inaugurado em 1958, é anexado à rede do Instituto Nacional de Previdência Social. Surgem e têm vidas curtas vários empreendimentos da iniciativa privada. Na grande maioria, clínicas especializadas. Dessa época, resistiu às crises e hoje se destaca o Hospital Jaime da Fonte, inaugurado em 1953.

O Hospital Santa Joana foi um marco exitoso para a cidade. Edificado de acordo com a melhor arquitetura hospitalar e bem administrado, foi um estimulante para o surgimento de novas unidades hospitalares. O Albert Sabin, o Memorial São José e o Esperança estão aí. Ademais, outros estão sendo construídos.

O Polo médico se consolidou. Ao lado de uma rede pública e filantrópica de grandes hospitais, a iniciativa privada encontrou seu espaço de atuação.

Sempre estivemos antenados com a modernidade médica. Paris e Londres eram nosso norte no passado. Hoje, a influência americana é predominante.

A genética, a inteligência artificial, a tecnologia da informação, a biotecnologia, a imunologia, a cirurgia robótica, com seus avanços constantes, não permitem imaginar a medicina do futuro. Porém, dois valores fundamentais deverão estar sempre presentes e são inalienáveis: “Humanismo e Ética”

Por Dr. Guilherme Robalinho.





In Memoriam

Uma homenagem aos grandes médicos de Pernambuco

Pernambuco, berço de humanistas e rico em cientistas, vem há anos divulgando e levando para o resto do Brasil e do mundo a sua produção literária e os seus resultados exitosos obtidos no campo científico, sobretudo nas ciências da vida. E são muitas as figuras de outrora, expoentes em suas áreas de atuação, que ajudaram a escrever a relevante história da medicina no estado. Nessas linhas, cito apenas alguns dentre tantos outros médicos que deixaram marcas indeléveis durante suas trajetórias, como forma de homenagear e celebrar aqueles que já se foram e que transformaram, em vida, o cuidado com a saúde em um verdadeiro sacerdócio.

Entre eles, Ênio Cantarelli. Uma perda tão precoce; uma alma tão rara. Sem egoísmo, era uma pessoa que só visava o bem, dedicada a criar espaços para transmitir conhecimento. Foi um cardiologista da mais alta competência, assim como Ovídio Montenegro, médico que nos deixou como legado a fundação do pronto-socorro em cardiologia e a primeira unidade coronariana pública de Pernambuco.

Na parte de clínica médica, destaco Amaury Coutinho. Catedrático de excelência que formou e inspirou a maioria dos médicos contemporâneos que temos em nossas terras. Foi uma figura como poucas no mundo, assim como o saudoso Hélio Mendonça, professor intensamente envolvido com a prática do ensino, exigente e inesquecível para quem teve a honra de ser seu aluno.

Outro destaque na área acadêmica e um lenda da patologia, Aluizio Bezerra Coutinho tinha como foco a formação na destreza do pensar. Sua “metodologia do pensamento” ajudou a formar médicos de excelência. Expoente na pesquisa e na produção de trabalhos científicos, o notável Salomão Kelner foi um marco na medicina pernambucana. Extremamente qualificado, aqui foi pioneiro nas cirurgias cardíacas e abdominais. Era, sobretudo, um grande humanista. Assim também defino o professor Ayrton Ponce de Souza, que liderou pesquisas e estudos experimentais em transplantes de fígado, e o notável Luiz Ignácio de Barros Lima. Ele foi um dos maiores nomes da ortopedia em Pernambuco.

Brilhantismo, liderança e sensibilidade são alguns dos adjetivos que definem os notáveis Fernando Simões Barbosa, Octávio de Freitas, Aggeu Magalhães, Frederico Barbosa e Correia Picanço. Figuras visionárias, sonhadoras, com olhar aguçado e que deixaram suas marcas para a eternidade. Outra figura emblemática, Manoel Caetano de Barros, foi responsável pelo desenvolvimento e qualificação da neurocirurgia no estado. Seu nome, para mim, é sinônimo de seriedade, disciplina e respeito pela profissão.

Meteorico. É assim que defino Joaquim Cavalcante. Nos deixou muito cedo, com pouco mais de 30 anos, mas viveu tempo suficiente para deixar um legado imenso na cirurgia torácica. Já Martiniano Fernandes, que partiu com quase 100 anos, escreveu uma história longa na ginecologia. Homem de personalidade forte e excelente professor, era respeitado pelo seu vasto conhecimento e deixou um rastro de seguidores. Da mesma forma, me vem à mente o notável Jorge Lobo. Ímpar na dermatologia, teve seu nome gravado nos anais da especialidade, com destaque internacional.

Responsável por trazer a hemodiálise para os pacientes com doença renal crônica, William Pereira Stanford foi um cirurgião vanguardista, tendo efetuado o primeiro transplante de rim na região Nordeste. Era um apaixonado pela medicina, assim como Luiz Tavares da Silva, que se dividia entre o amor pela cirurgia cardíaca e pelo xadrez, atividades que desempenhava com perfeição. Homem visionário, tinha força para realizar seus sonhos.

Há ainda outros sacerdotes da saúde que são difíceis de descrever com fidelidade. Nelson Caldas é um deles. Competente, fácil de lidar, caprichoso nos detalhes. Tinha um conhecimento exuberante e, por isso, posso afirmar que foi o melhor cirurgião otorrino do Recife em sua época. Na mais alta conta tenho também Romero Marques. Pessoa de uma inteligência fantástica e humor sagaz, além de uma gentileza sem igual. Quase tudo o que temos, hoje, em cirurgia vascular no Recife, é fruto do seu legado.

E se me perguntarem qual foi o melhor médico que, pessoalmente, conheci em vida, eu diria com tranquilidade que este foi Henrique Cruz. Como estudioso da astrologia, posso afirmar que seu nascimento em capricórnio o fez ser um profissional exemplar. Vocação, dedicação, cuidado não só com o corpo, mas com a mente dos seus doentes. Assim era ele.

Por fim, e não menos importante, enalteço aqui o professor Fernando Figueira, imortalizado em nossa história com a fundação do instituto que leva seu nome, o IMIP. Foi um idealista. Homem de pé no chão, mas que sonhava alto. Extremamente preocupado com a formação da sociedade médica e dos especialistas em pediatria, foi um fanático pela educação. Tinha um coração enorme, assim como sua sensibilidade humanística, com olhos sempre voltados para a parte mais carente da nossa população.

As histórias desses e de tantos outros médicos que deixaram suas marcas em vida reforçam a importância de exercer a medicina não só como está nos livros. Todos eles, para além dos pioneirismos e contribuições à ciência, tinham em comum o olhar para o ser humano por trás da doença. E este, sem dúvidas, é o legado mais importante a ser deixado para as novas gerações.

Por Dr. Francisco José Trindade Barretto

Mulheres na medicina

O grande marco para a introdução das mulheres no mercado de trabalho se deu com a chegada da industrialização por volta de 1940. A mulher passa a participar da economia, embora ainda com pequena representatividade. As atividades que eram executadas apenas pelos homens foram ganhando novas personagens (as mulheres) que exerciam de forma tímida a tarefa do trabalho extradomiciliar.

Aos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos (cabendo a ela a parte de educação, bem-estar e toda a logística para que um lar funcione) foi acrescentado o trabalho fora de casa, inicialmente de forma acanhada, mas que foi ganhando força, mesmo que a passos lentos e com uma parcela considerável de desigualdade. Salários menores em relação aos homens e muita discriminação. Grandes foram e são, até hoje, os desafios enfrentados pelas mulheres que ousam e procuram um lugar ao sol no mercado de trabalho.

Falando da medicina, ponto de interesse desse livro sobre médicos que fizeram a história em Pernambuco, nós temos a honra de citar Elizabeth Blackwell, a primeira mulher a exercer a medicina no mundo. No Brasil, a primeira mulher brasileira formada em Medicina foi a gaúcha Rita Lobato Velho, na Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1887, dando, assim, o pontapé inicial na possibilidade de as mulheres exercerem esse árduo e brilhante ofício.

Várias foram e são as mulheres que se destacaram e se destacam atualmente em nosso estado, como podemos citar: Helena Moura, Mercês Pontes Cunha, Miriam Kelner, Laís Clébia Saraiva de Castro, Naide Teodósio, Fernanda Wanderlei, Ana Lucia Coutinho, Ana van der Linden, Vanessa van der Linden, Jacitara D'Almeida Lins Beltrão, Angelina Farias Maia, Analiria Moraes Pimentel, Jane Cordeiro Lemos e Ester Azoubel Sales.

Perdoem por não ter aqui o espaço para falar de todas e da forma como cada uma merece. Além de importantes e com excelentes serviços para a sociedade, algumas em especial ocupam um lugar de destaque em minha formação como médica, como pesquisadora e gestora.

Começo por Ana Maria Feitosa Pôrto, grande pessoa humana, médica ginecologista e obstetra, que, com o seu senso de justiça, lições de ética e respeito pelas mulheres e pelos colegas. Seriedade, comprometimento com a medicina e com as pessoas e amor pelo trabalho foram as lições mais

fortemente fincadas por ela. Não só em mim, como em cerca de 400 residentes que com ela tiveram a oportunidade de aprender.

Melania Amorim conseguiu nos sensibilizar com o movimento da humanização no parto e assistência, trazendo de volta o respeito à autonomia da mulher, que lhe fora retirada com a introdução dos avanços da ciência e tecnologia, bem como com a entrada do homem neste universo que fora feminino desde sempre. A sociedade, enfim, conseguiu assimilar novamente e entender que a humanização é a linguagem mais doce e compreensível para todas as pessoas, começando pelas mulheres.

Merece também menção honrosa Cinthia Komuro, ginecologista e obstetra que atua como diretora técnica do Hospital da Mulher do Recife. Médica, cuja sensibilidade, competência, doçura e postura sempre cortês, consegue tornar mais digno, acolhedor e eficiente o atendimento que damos às mulheres que buscam nosso serviço.

São muitas as mulheres maravilhosas que me servem de inspiração. Posso citar Gláucia Guerra, Telma Cursino, Brena Melo e Sônia Cahu como referenciais de terem compreendido e assimilado o que de fato é “ser médica”.

Aproveito esse momento para agradecer a todas essas profissionais médicas. Gratidão às que passaram por minha vida e àquelas com as quais ainda desfruto de seus ensinamentos e companheirismo. Agradeço ainda a tantas mulheres que desbravaram caminhos para que a geração atual pudesse estar hoje, aqui, fazendo uma medicina ao lado dos homens, em situação de igualdade.

Essa publicação reconhece de uma forma muito sensível e respeitosa os grandes nomes da medicina. No que se refere às médicas, podemos ver a conquista, cada vez maior, da presença feminina na área. Parabéns a essas profissionais inspiradoras, parabéns aos organizadores do livro!

Por Dra. Isabela Coutinho Neiva

Médicos

Adélia Souza	22
Airton Ayres.....	24
Alex Caetano	26
Álvaro Dantas	28
Ana van der Linden	30
André Flávio	32
André Novaes	34
André Valença	36
Angelina Miranda.....	38
Candido Pinheiro	40
Carlos Abath.....	42
Carlos Homero.....	44
Carlos Moraes	46
Célia Dantas	48
Cláudio Lacerda.....	50
Cláudio Marques.....	52
Clovis Fraga	54

Cristiana Almeida	56
Eduardo Paixão.....	58
Ernesto Roesler	60
Eustácio Vieira.....	62
Evyo Maranhão	66
Fábio Casanova	68
Fernando Augusto	70
Fernando Basto	72
Fernando Cruz	74
Fernando Queiroga	76
Filipe Prohaska.....	78
Francisco Bandeira.....	80
Francisco de Biase.....	82
Francisco Trindade	84
Francisco Pedrosa	86
Geraldo de Sá Carneiro	88
Guilherme Lima	90

Guilherme Maia	92
Guilherme Robalinho	94
Gustavo Andrade	96
Gustavo Caldas	98
Gustavo Trindade.....	100
Hermilo Borba	102
Isabela Coutinho.....	104
Izabel Christina Carneiro.....	106
João Bosco	108
João Wanderley	110
Jorge Pinho	112
José Aécio Vieira	114
José Henrique Moura.....	118
José Iran	120
José Luiz de Lima.....	122
José Rocha.....	124
Jucille Meneses.....	126

Júlio Lustosa.....	128
Justiniano Luna.....	130
Leila Beltrão	132
Leonardo Arcoverde.....	134
Lúcia Brito.....	136
Lúcia Salerno.....	138
Lucilo Ávila.....	140
Luiz Fernando Maciel.....	142
Luiz Griz	144
Madalena Caldas	146
Manoel Emídio Leão	148
Marcello Pontual	150
Marcelo Cabral	152
Marcelo Ventura	154
Márcia Azevedo	156
Marconi Meira	158
Maria Ângela Rocha.....	160

Maria do Carmo Lencastre	162
Mario Gesteira	164
Mauri Cortez.....	166
Maurício Gama	168
Mirela Ávila	170
Misael Wanderley	172
Moisés Wolfenson	174
Murilo Guimarães	176
Norma Maranhão.....	178
Odin Barbosa.....	180
Otelo Schwambach.....	182
Paulo Almeida	184
Pedro Salerno	186
Regina Coeli	188
Roberto Cohen.....	190
Romualdo Almeida	192
Ronald Cavalcanti.....	194
Rosa Arcuri.....	196

Rui Pereira	198
Sandra Mattos	200
Sarita Martins	202
Sebastião Teixeira	204
Sérgio Gondim	206
Silvana Sobreira	208
Silvio Caldas	210
Tiago Queiroz	212
Tibério Moreno	214
Valentina Carvalho	216
Victorino Spinelli	218
Vilma Guimarães	220
Wenceslau Ribas	222

Adélia Henriques Souza



Recifense, filha de Orlando de Miranda Henriques Filho (*in memoriam*), piloto de avião, e de Israelita Cysneiros Cavalcanti, defensora pública, a médica Adélia Henriques Souza graduou-se em pela Universidade de Pernambuco (UPE), em 1990. Fez residência de neurologia infantil na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), finalizando em 1995. É mestre e doutora em neuropsiquiatria e ciências do comportamento pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi presidente da Liga Brasileira de Epilepsia - LBE e coordenadora do departamento científico de epilepsia da Sociedade Brasileira de Neurologia - SBN, de 2014-2016. Coordenou a comissão científica da Sociedade Brasileira de Neurologia Infantil - SBNI, no biênio 2018-2019. Atualmente, é neurologista infantil do Hospital da Restauração e do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), onde também é preceptora dos residentes de neurologia, neurologia infantil e pediatria. É coordenadora do ambulatório de dieta cetogênica para epilepsias fármaco-resistentes no IMIP desde 2015.

Nada é mais importante do que a gratidão, pois este sentimento reflete uma alma dizendo 'obrigada'.

Por que escolheu ser médica?

Tudo começou com um sonho de criança que foi se solidificando e se concretizou com a entrada na faculdade. Mas essa escolha, com certeza, foi baseada em esperanças, admirações, incertezas e inquietudes, uma vez que eu fui a primeira médica de minha família.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que o melhor médico não é aquele que está embebido em conceitos e títulos, mas sim o que tem a sensibilidade de “enxergar” o seu paciente na essência. Devemos conhecer as teorias e dominar as técnicas, mas, ao tocar uma alma, devemos ser apenas outra alma, pois ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Ter excelente conhecimento técnico e usá-lo racionalmente e com bom senso. Trabalhar de forma ética e honesta, respeitando os profissionais que fazem parte da sua equipe. Não ser arrogante e não permitir que a profissão encubra o maior esteio do ser humano, a família e os amigos. Ter bom humor e lembrar que o tempo é sábio.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dra. Cleusa Lapa, cardiologista infantil; Dr. Sílvio Litvin, neuroradiologista; Dr. Adriano Calado, urologista infantil.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A minha família e meus amigos.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Jamais a tecnologia poderá sobrepujar o contato humano. Os avanços tecnológicos servirão apenas como um instrumento de excelência para melhorar o aprendizado, diagnósticos e tratamentos. O bom e velho exame clínico e neurológico, somados à experiência do profissional, ainda serão os principais aliados de qualquer médico.

Ser médica é...

Estudar muito, sem esquecer que a base sólida do conhecimento só tem valor quando se alia às outras prerrogativas essenciais: bom senso, bom humor, empatia, generosidade.

Airton Ayres



**Ser médico é acreditar
na essência da vida.**

O médico Airton Ayres nasceu no Recife, em 1970, filho de uma sertaneja do Pajeú com um potiguar. Estudou em escola pública até o Ensino Fundamental e concluiu o Ensino Médio no antigo Colégio Nóbrega com uma bolsa de estudos para atletas. Kursou medicina na Universidade de Pernambuco (UPE) e fez residência médica em anesthesiologia no Hospital Getúlio Vargas, concluindo em 1997. Ocupou por 12 anos cargos na diretoria da Sociedade de Anesthesiologia do Estado de Pernambuco (SAEPE), chegando até à presidência da renomada instituição. Também foi professor na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, em paralelo, ocupou cargos nos conselhos de administração da Cooperativa dos Médicos Anesthesiologistas de Pernambuco (COOPANESTE/PE) e do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco (CREMEPE). Atualmente, coordena o serviço de anesthesiologia do Hospital Esperança Recife - Rede D'Or São Luiz e atua como diretor tesoureiro da SAEPE, além de ser conselheiro da cooperativa de crédito SICREDI Recife. É casado com a médica Elizabeth Moreno e pai de Amanda Moreno Ayres e Filipe Moreno Ayres.

Por que escolheu ser médico?

Porque a medicina, dentre outras lindas profissões, me traz a sensação de que o ser humano tem a maior oportunidade de SER HUMANO, pois quanto mais humano o médico é, melhor médico ele será!

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Precisamos respeitar a dor do paciente. A dor física ou psíquica transforma as reações e respostas do organismo e define o ser. Então, nunca devemos desvalorizar a queixa e a informação trazida.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Em primeiro lugar, permanecer atualizado para oferecer o seu melhor ao paciente. Segundo, não descuidar da sua própria saúde. Terceiro, sempre ter tempo para a família e amigos, nossos pilares emocionais. E nunca colocar a remuneração antes da escolha terapêutica! Por fim, pedir sempre proteção e orientação a Deus.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São tantos, mas certamente os mais humanos estão entre meus preferidos. Posso citar a minha esposa, Elizabeth Moreno, cirurgiã vascular, que tem um coração do tamanho do mundo!

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, o maior dom da vida! Também as viagens que me enriquecem de cultura e me dão a oportunidade de conviver e dividir intensamente várias experiências.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Vejo uma medicina muito menos humana e muito mais máquina. Certamente, será muito eficiente e nos trará uma longevidade maior, mais velocidade nos diagnósticos, eficiência nos tratamentos e destreza cirúrgica, além da possibilidade de atender pessoas de localidades mais distantes que antes não tinham esse acesso. Porém, vai faltar aquele belo abraço e a confiança criada na relação médico-paciente.

Ser médico é...

Acreditar na essência da vida! É ter o dever de ajudar o próximo! É dar esperança a quem está sofrendo e aprender, cada dia mais, a AMAR!

Alex Caetano de Barros



O médico pernambucano Alex Caetano de Barros formou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1969. Fez residência em cirurgia geral na Escola Paulista de Medicina de 1970 a 1972 e estagiou na French and Polytechnic Medical School de New York, nos Estados Unidos, entre 1972 e 1973. Em seguida, fez residência em neurocirurgia na Tufts University School of Medicine, em Boston. De volta ao Brasil, tornou-se professor associado do departamento de neuropsiquiatria da UFPE, área que também chefiou por quatro vezes. É mestre e doutor em neurocirurgia pela UFPE e foi chefe do serviço de neurocirurgia do Hospital das Clínicas durante 25 anos. Tem título de especialista em neurocirurgia pela Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, é membro titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, da Academia Brasileira de Neurocirurgia, do Congress of Neurological Surgeons e do North American Spine Society. Atualmente, comanda o serviço de neurocirurgia do Real Hospital Português, em Pernambuco.

**Jamais faça algo maior
do que você mesmo.**

Por que escolheu ser médico?

Na verdade, não sei o motivo primário. Talvez o fato de ter nascido em uma família de médicos tenha influenciado o meu subconsciente.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que você deve sempre tentar saber tudo e estar sempre atualizado sobre sua especialidade já que, a cada insucesso, você sempre se culpará e se perguntará: se eu soubesse mais, isto teria ocorrido?

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Não existe uma fórmula, mas, como eu sempre disse aos meus alunos, só terá sucesso quem tem duas coisas: talento e o máximo de conhecimento técnico.

Quais médicos pernambucanos você admira?

O professor Manoel Caetano de Barros, meu pai, e o professor Romero Marques, meu tio.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O que realmente me move é minha paixão pela vida, a coisa mais maravilhosa que há.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia não tem limites e assim será, também, com a medicina. Agora, sou pessimista quanto ao futuro da medicina no Brasil, com suas 360 escolas médicas, produzindo um número grande de profissionais, sem demanda e, pior ainda, com mais de 50% dos formados sem residência médica. Então, é fácil prever a qualidade da medicina que teremos no Brasil.

Ser médico é...

Uma metamorfose física e espiritual sem retorno.

Álvaro Dantas



Pernambucano, Dr. Álvaro Dantas nasceu em Salgueiro e sua infância foi em Belém do São Francisco. Tem como marca a dedicação profissional e a busca incansável pela inovação. É graduado em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pós-graduado em Oftalmologia pela Fundação Altino Ventura (FAV), fellowship em glaucoma pela Fundação Hilton Rocha, Mestre pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente doutorando pela mesma instituição. Foi um dos pioneiros em cirurgia de catarata minimamente invasiva no Brasil, sendo membro ativo das Sociedades Brasileira, Americana e Europeia de Catarata e Cirurgia Refrativa. Ocupou o cargo de Tesoureiro da Sociedade Brasileira de Glaucoma (SBG), atualmente é Conselheiro da Sociedade Internacional de Cirurgia Refrativa (ISRS), entidade afiliada da Academia Americana de Oftalmologia (AAO) e professor da cadeira de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Uninassau. Fundou, em 2014, o ICONE - Instituto de Cirurgia Ocular do Nordeste, primeiro Zeiss Reference Center da América Latina, conceito criado pela Zeiss, empresa internacional líder em tecnologia do setor óptico e optoeletrônico, para identificar hospitais de olhos instalados com a melhor tecnologia diagnóstica e cirúrgica, rigorosos processos de prevenção de infecção, máxima acessibilidade e alta qualidade de atendimento.

**Não sabendo que
era impossível,
ele foi lá e fez.
-Jean Cocteau**

Por que escolheu ser médico?

Recebi muita influência do meu pai, também médico, e comecei a cursar ainda sem muita empolgação. Porém, quando conheci a oftalmologia, foi amor à primeira vista.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A descoberta do meu verdadeiro propósito nesta vida. Não se vive a medicina apenas para trabalhar e se sustentar. É uma missão. No momento em que você a abraça e sente a responsabilidade que é ter a visão de uma pessoa em suas mãos, é encantador e apaixonante. O resto é secundário.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Primeiro, é preciso ter paixão pela profissão. Sair para trabalhar em uma segunda-feira tem que ser motivo de alegria. Depois, a qualidade na formação e buscar sempre as melhores tecnologias. Não podemos comprar talento, destreza e habilidade. Isso nós recebemos de Deus e teremos que devolver um dia. Mas a melhor tecnologia nós podemos e devemos comprar. É preciso ser inquieto na busca pelo que há de melhor.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Carlos Moraes e Alex Caetano, médicos exemplares. Na oftalmologia, Charles Kelman, inventor da cirurgia moderna de catarata, e Harold Ridley, inventor da lente intraocular.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Sou um apreciador dos vinhos e da arte, principalmente das pinturas. Máquinas em geral também me fascinam.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia é inevitável e vai sempre trazer muitos benefícios. A medicina, assim como a tecnologia, é ilimitada. A palavra impossível para a medicina é só uma questão de momento. Porém, não podemos jamais esquecer da relação humana entre médico e paciente. Tecnologia nenhuma deve substituir essa relação. O contato humano é insubstituível.

Ser médico é...

Cuidar de pessoas no limite do seu conhecimento e da sua arte.

Ana van der Linden



Nascida no Recife, Ana van der Linden prestou vestibular para medicina em 1957, ingressando na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Formou-se em 1963 e, em 1966, realizou um curso de especialização em neurologia infantil no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP). De volta ao Recife, assumiu a neurologia infantil da Clínica Neurológica. Entre 1968 e 1969, esteve em Paris, na França, complementando sua especialização em neurologia infantil no Hospital Saint Vincent de Paul. É professora aposentada do Centro de Ciências da Saúde da UFPE, na disciplina de neurologia e neurocirurgia, e médica neurologista Infantil do IMIP desde 1993. Em 2016, junto com sua filha, Vanessa van der Linden, também neurologista infantil, detectou um surto de uma patologia nova que posteriormente foi designada como Síndrome Congênita do Zika Vírus.

**A vida é uma viagem
que deve ser desfrutada
a cada passo.**

Por que escolheu ser médica?

Sinceramente, não sei. O que me lembro é que, aos 14 anos, quando terminei o antigo primário, meu pai quis que eu cursasse o pedagógico. Eu recusei dizendo que faria o científico (ensino médio) porque queria ser médica. Como ele insistiu muito, disse que faria os dois cursos ao mesmo tempo, porém, se não aguentasse, deixaria o pedagógico. Consegui terminar os dois e passar no vestibular. Satisfiz meu pai e cumpri o que eu desejava.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a vida pode ser efêmera, interrompida a qualquer momento, independente de condição social, de cuidados com a saúde e da própria medicina. Por isso, devemos apreciar cada minuto.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Fazer com amor e amar o que se faz.

Quais médicos pernambucanos você admira?

In memoriam, Fernando Figueira, criador do IMIP; José Alberto Maia, a quem devo ser neurologista; José Carneiro Leão, maravilhoso pediatra. Atuais, minha filha, Vanessa van der Linden, neurologista infantil; Carlos Morais, cirurgião cardíaco; Geysel Lima, coordenadora do projeto Canguru do IMIP; José Carlos Moura, neurocirurgião; Cleuza Lapa, cardiologista infantil e outros.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Jardinagem, ler e curtir meus filhos e netos.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Quando iniciei a profissão, medicina era semiologia, raciocínio clínico. Com o desenvolvimento da genética, dos novos meios de diagnóstico, dos instrumentais, pode-se crer em melhor prevenção de doenças, em correção de doenças genéticas e, quem sabe, na cura do câncer. Na neurologia infantil, a introdução de algumas drogas, baseada na genética, tem mudado a história natural de doenças que há poucos anos eram fatais.

Ser médica é...

Prevenir, tratar e curar doenças e, se não for possível, consolar ou minimizar os sintomas.

André Flávio Freire Pereira



Ortopedista referência em cirurgia de coluna, André Flávio Freire Pereira não escolheu a medicina como primeira opção ao dar início à sua vida acadêmica. Ao ingressar no curso de engenharia, em 1992, aos 16 anos, logo percebeu que ali não era o seu lugar. Mesmo diante de inúmeras adversidades, com o apoio dos pais, decidiu seguir o sonho antigo, iniciando, em 1993, a trilhar o caminho da medicina, ao ser aprovado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Após concluir a graduação, fez residência de Ortopedia e Traumatologia no Hospital Getúlio Vargas (HGV), seguida da especialização em cirurgia de coluna na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Entre 2014 e 2015, foi chefe do serviço de Ortopedia e Traumatologia do HGV e, em 2016, atuou à frente da presidência da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) - Regional Pernambuco. Atualmente, é membro do Comitê de Valorização Profissional da SBOT nacional.

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus
-Isaías 41:10

Por que escolheu ser médico?

Eu escolhi a medicina porque sempre achei intrigante o modo como o médico encarava situações como a vida e a morte. Da alegria do nascimento de um bebê ao trágico desfecho de uma morbidade, a anúnciação cabia àquela figura inteligente, respeitosa e respeitável, de caráter ilibado. Isso sempre me fascinava!

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Não existem doenças, existem doentes. Cada indivíduo reage de forma peculiar ao aparecimento de sintomas, a um diagnóstico, ao tratamento. Desvendar esta singularidade é o maior desafio da medicina.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Humildade! Esta receita de palavra única, parece tão simples, mas é, muitas vezes, esquecida por profissionais que passaram por um rígido processo de seleção e formação. Do esquecimento vem o desinteresse pelo aprendizado perseverante e pelo paciente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dr. Sérgio Gondim (clínico), Dr. Hildo Azevedo (neurocirurgião), Dr. Claudio Oliveira (ortopedista e precursor da cirurgia de coluna em Pernambuco) e o Dr. Adalberto Guido (cirurgião geral).

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha esposa Luciana, meus filhos Pedro, Lucas e André e, acima de tudo, a minha fé em Deus!

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero uma medicina mais mecanizada, menos paixão e mais razão, impactando em uma relação médico-paciente automatizada. Espero estar um pouco enganado.

Ser médico é...

Ser escolhido, é servir, é conquistar, é cativar, é saber perder, é ter que provar, é desafiar, é morrer e renascer, é amar!

André Novaes



Nunca busque atalhos.

Formado em medicina pela Universidade de Pernambuco (UPE), em 2005, André Novaes trabalhou na cidade de São Vicente Férrer durante nove meses, o que o fez ter ainda mais certeza da escolha de sua profissão. Retornou para o Recife, onde fez residência em clínica médica e em gastroenterologia no Hospital Osvaldo Cruz. Ao finalizar a residência, foi convidado para ser médico preceptor no Instituto do Fígado de Pernambuco, onde ficou durante um ano. Decidiu cursar especialização em endoscopia após ser aprovado no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo (HCFMUSP). Após o período de dois anos, retornou para o Recife, tendo sido convidado por Dr. Josué Santos para participar da sociedade da Clínica de endoscopia Unigastro, que mais tarde viria a se chamar Multigastro, do Hospital Memorial São José. Em 2019, tornou-se Presidente da Sociedade Brasileira de Endoscopia, unidade Pernambuco. Também em 2019, foi convidado pelo Dr. Eustácio Vieira para ser diretor médico da clínica Endogastro.

Por que escolheu ser médico?

Certamente, ao ver a dedicação e o respeito à profissão médica através do exemplo, meu pai, Cláudio Novaes, fui influenciado desde muito pequeno.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Com a vivência na minha profissão, aprendi que nem sempre conseguiremos o resultado almejado, mas sempre temos que nos dedicar ao máximo para alcançá-lo. Assim, de alguma forma, conseguimos ajudar os pacientes.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Invista em sua formação profissional fazendo as melhores residências e pós-graduações na especialidade escolhida.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dr. Rommel Pierre de Montenegro.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Viagens em família.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Os avanços tecnológicos na medicina são fundamentais. Os tratamentos tornam-se cada vez menos invasivos e com maior taxa de sucesso. No entanto, a tecnologia não pode impactar nas relações médico-paciente e na essência da medicina, que é cuidar das pessoas ouvindo as suas queixas e trazendo conforto em pequenos gestos.

Ser médico é...

Colocar a vida em primeiro lugar.

André Valença



**Nada vence a força
do trabalho.**

André Valença Guimarães nasceu no Recife, em 1960. Aos 18 anos, começou a cursar medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), formando-se em 1984. Fez seu internato no Rio de Janeiro e, nessa mesma cidade, fez toda sua residência médica, inicialmente em cirurgia geral e depois em cirurgia vascular. Terminada a residência, viajou para os EUA e fez seu fellowship na cidade de Iowa. Ao retornar para o Brasil, trabalhou na PUC, em Curitiba, onde ficou por cinco anos. Tão logo voltou a se estabelecer no Recife, fez processo seletivo para cursar o mestrado na UFPE, que concluiu em dois anos. Em 1998, fez concurso e foi aprovado para professor assistente do departamento de cirurgia. Anos depois, concluiu seu doutorado e hoje é professor adjunto de cirurgia vascular da mesma universidade. Vinculado à Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular, exerceu diversos cargos na instituição. Publicou artigos em revistas nacionais e internacionais. Atualmente, é supervisor do programa de residência médica em cirurgia vascular do Hospital Getúlio Vargas, no Recife.

Por que escolheu ser médico?

Desde cedo, já tinha sido “fisgado” pelo ato de ajudar as pessoas. Na adolescência, a certeza só aumentou e, mesmo não tendo parentes médicos, encarei o duro desafio de fazer medicina.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que somos todos finitos e devemos tratar com generosidade e humildade nossos pacientes, pois, quando nos tornarmos um deles, gostaríamos de ser tratados por profissionais que tenham essas virtudes.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Escolher a especialidade por paixão e desenvolvê-la com foco, obstinação e não esperar retorno imediato. O sucesso é o reconhecimento da sua reputação e ela leva tempo para ser construída.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Maria de Fátima Lôbo (cardiologista), Carlos Teixeira Brandt (cirurgião pediátrico), Francisco Trindade (Chicão), Armínio Collier (ginecologista) e, com muito orgulho, os meus colegas de turma (1984 - UFPE).

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A pintura tem sido minha companheira há mais de 20 anos. Não faço por hobby, mas com o compromisso de encontrar a melhor composição. Ler é outra paixão que desenvolvi na maturidade. Tenho também me dedicado à filosofia, ciências políticas e ao pensamento dos grandes escritores conservadores. De quebra, adoro cozinhar ouvindo blues.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Acredito no avanço da genética, dos ensaios holográficos, das simulações em 3D e na telemedicina. O que espero da tecnologia na ciência médica é que ela possa ajudar a diminuir os erros e as complicações, trazendo conforto e segurança para os pacientes. Que seja altamente eficiente, mas que não perca sua humanidade.

Ser médico é...

Dedicar nossa vida, apaixonadamente, a cuidar das pessoas!

Angelina Miranda



A médica recifense Angelina Miranda formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1980. Fez residência médica em gastroenterologia clínica na mesma instituição, em 1983. Durante a especialização, estagiou por três anos no Serviço de Endoscopia do Real Hospital Português. Em 1985, fundou sua primeira clínica de endoscopia, a Endosabin, no Hospital Albert Sabin, no Recife. Durante este período, fez estágios no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, com o professor Kyioshi Hashiba; em Marselha, na França, com o professor Joseph Sael; em Houston, nos EUA, com o professor Isaac Rajjman; e em Tóquio, no Japão, na Universidade de Keio. Buscando o aprimoramento contínuo, fez mestrado em medicina interna e doutorado em cirurgia do aparelho digestivo, ambos na UFPE, além de MBA em gestão médica na Cedepe Business School. Fundou, em sociedade com a filha, também médica, a clínica Angelina Miranda | Renata Miranda Diagnóstico Digestivo, localizada no bairro de Boa Viagem, na capital pernambucana.

**Sonhe, acredite,
faça acontecer.
Deus estará sempre
com você.**

Por que escolheu ser médica?

Sempre me encantei por ciências e biologia e tinha curiosidade aguçada nas novas descobertas e em tecnologia. Vi na medicina uma maneira de exercer esses meus anseios e de ter contato com pessoas, proporcionando um aprendizado diário.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que nossos pacientes precisam de diagnóstico e tratamento humanizados. Diagnosticar, tratar e curar com dedicação, amor e respeito, buscando o melhor que a medicina pode oferecer, sem esquecer de ouvir aquela pessoa que está ali, tão próxima.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

A vivência médica requer dedicação, estudo contínuo e trabalho árduo, mas é prioritário ter os valores pessoais e humanitários bem conscientizados. Todo empenho será amplamente recompensado com as manifestações de gratidão e amizade dos seus pacientes.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Destaco o professor Edmundo Ferraz, que ministrava aulas com maestria, nos estimulando a adentrar no conhecimento da cirurgia abdominal. O professor Djalma Vasconcellos, que fez despertar em mim o interesse pela gastroenterologia. O professor Fernando Cordeiro, que agregava discípulos e futuros amigos com sua simplicidade e disponibilidade constantes em dividir seu conhecimento.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Estar com amigos, viajar, ouvir música e ter uma religiosidade tão forte e presente na minha vida.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A endoscopia digestiva foi apenas diagnóstica, tornou-se terapêutica e vai crescendo, permitindo ir além das cavidades com os inúmeros instrumentos desenvolvidos. Hoje é cirúrgica, preventiva, cura-se com total rigor científico com procedimentos menos agressivos e de mais fácil recuperação para o paciente.

Ser médica é...

Ter a certeza de ter escolhido uma profissão que me encanta e me faz feliz.

Candido Pinheiro



**Se você quiser
liderar, deve primeiro
aprender a servir.**

Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Dr. Candido Pinheiro Koren de Lima é presidente do Conselho de Administração e fundador do Sistema Hapvida. A história da empresa se funde à do fundador. Em 1979, após concluir residência em Oncologia no Hospital AC Camargo (SP), retorna a Fortaleza e funda a Clínica Antônio Prudente, em Fortaleza (CE). Em 1986, a clínica dá espaço ao Hospital Antônio Prudente, pioneiro, desde sua fundação, em procedimentos de alta complexidade e no atendimento humano a seus pacientes. Foi o primeiro a acolher um paciente soropositivo no Ceará, a realizar um transplante de coração, a oferecer serviço de tomografia computadorizada, a disponibilizar ressonância magnética e videocirurgia. Em 1993, Dr. Candido criou a operadora Hapvida, que oferece planos modernos e acessíveis. Sob seu comando e dos seus filhos, Jorge Pinheiro (presidente-executivo) e Candido Pinheiro Junior (vice-presidente Comercial e de Relacionamento), o Hapvida expandiu sua atuação e hoje atende com rede própria em todas as regiões do País, possui 6,7 milhões de clientes e mais de 36 mil colaboradores, que atuam diretamente em 45 hospitais, 191 clínicas médicas, 46 prontos atendimentos, 175 centros de diagnóstico por imagem e coleta laboratorial.

Por que escolheu ser médico?

Eu não escolhi. Meu pai quem decidiu que eu e os meus irmãos seríamos médicos. E foi exatamente assim que tudo aconteceu. Os anos se passaram e estou aqui cumprindo o desejo que ele queria.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Minha maior lição sempre foi servir. Um dos meus maiores prazeres sempre foi salvar vidas. Eu sinto uma imensa alegria, quando tenho certeza que conseguimos salvar pessoas. E essa lição virou uma missão que até o hoje se cumpre através do Sistema Hapvida. Hoje, com um trabalho em larga escala, podemos salvar não somente uma pessoa por vez, mas inúmeras vidas ao mesmo tempo. E isso é o que nos alegra e dá sentido ao que realizamos.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Pense sempre no outro. Qualquer projeto que você faça pra você mesmo está fadado ao fracasso. Você precisa realizar algo sempre pensando em ajudar alguém. Se for algo que o seu cliente gosta e ama, com certeza será sucesso.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Edison de Barros e Silva e Fernando de Barros e Silva. Dois grandes médicos e amigos. Sempre tivemos uma excelente relação. Eu os admiro como profissionais e como pessoas.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Viver.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia tem mudado tudo, a cada dia. Está cada vez mais próximo de pensarmos em uma vida bem mais duradoura. Eu penso que está cada vez mais perto de nos alimentarmos de energia.

Ser médico é...

É amar o próximo. Se você não é médico de corpo, não realiza cirurgias, você é um médico de alma. Cada vez que você se aproxima de alguém e interage, no sentido do bem e tentar ajudar, encorajar, lutar ao lado ou dizer uma palavra de ânimo, toda vida que você faz isso, você está sendo um médico. Então, nós somos médicos. Boa parte, sem diploma, mas somos.

Carlos Abath



No final, vai dar tudo certo. Se ainda não deu, espere mais um pouco. O fim ainda não chegou.

Carlos Abath é recifense, nascido em 1960. Prestou vestibular para medicina em 1978, conquistando o primeiro lugar geral da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez residência em Radiologia e Diagnóstico por Imagens no Centro Radiológico de Brasília, concluindo em 1985, quando retorna ao Recife para iniciar sua carreira como radiologista no Hospital Oswaldo Cruz e no UNIRAD. Posteriormente, especializa-se em Radiologia Intervencionista no Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo. De volta à capital pernambucana, começa a promover a subespecialidade, realizando procedimentos inéditos na América Latina. Em 1990, funda a Angiorad, hoje reconhecida nacionalmente pela excelência técnica e qualidade dos seus treinamentos. Em 1998, especializa-se em Neurorradiologia Intervencionista pela Fundação Rothschild, em Paris. Fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Radiologia Intervencionista e esteve à frente da Sociedade Pernambucana de Radiologia. É também sócio da Sociedade Brasileira de Cirurgia Vasculard, membro titular da Sociedade Brasileira de Neurorradiologia Diagnóstica e Terapêutica e sócio honorário da Sociedade Uruguaia de Cirurgia Vasculard.

Por que escolheu ser médico ?

Não é uma resposta fácil, pois representa uma opção de vida. Penso que passou por um conjunto de fatores que incluem uma forte influência familiar, já que meus pais eram médicos e exemplos da profissão exercida com dedicação prazerosa.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão ?

Que o aprendizado nunca tem fim. Estamos constantemente estudando e aprendendo. A interação com o paciente, respeitando sua individualidade, sentimentos e vontades, também muito nos ensina.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando ?

Sem cair no lugar-comum, a medicina é um sacerdócio, onde grande parte da vida é dedicada ao trabalho, visando o bem-estar dos pacientes. Doses diárias de altruísmo, esta é a receita do sucesso!

Quais médicos pernambucanos você admira ?

Citaria alguns nomes que se destacaram pela liderança em áreas do saber médico, com reconhecido prestígio nacional: Salomão Kelner e Amaury Coutinho. Fernando Figueira, Romero Marques, Edgar Victor, Carlos Moraes e Manoel Caetano.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Sou uma pessoa de interesses plurais, especialmente na música, literatura, filosofia e cinema. Gosto também do futebol pela paixão que desperta. Tenho ainda necessidade de um contato íntimo com a natureza.

O que esperar da medicina do futuro ? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão ?

Creio que o futuro da medicina estará vinculado aos novos conhecimentos oriundos da genética. Através dela, entenderemos melhor a influência do código de DNA no desenvolvimento de doenças, ajudando a preveni-las e identificando quando e como cada um deve ser tratado. Ao mesmo tempo, este progresso trará desafios e questionamentos éticos a serem discutidos e regulamentados pelos cientistas e pela sociedade civil.

Ser médico é...

Ter interesse pelo sofrimento do paciente, conquistar sua empatia e se preocupar mais com o doente do que com a doença.

Carlos Homero



Carlos Homero é amazonense, nascido em Manaus. Veio com seus pais para Recife nos anos 50. Estudou no Colégio Marista e entrou na faculdade de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1968. Formou-se em 1973 e foi fazer pós-graduação no Hospital A.C. Camargo e posteriormente no Hospital dos Defeitos da Face, em São Paulo. É especialista em cirurgia plástica pela Sociedade Brasileira de Cirurgia plástica, membro titular da Sociedade Brasileira de Laser em Medicina. Foi cirurgião buco-maxilo-facial do Hospital da Restauração por 15 anos e cirurgião plástico do Hospital do Servidor do Estado por 16. Com mais de quinze mil cirurgias realizadas, tem sua clínica especializada em estética no bairro do Espinheiro, com larga experiência em lipoaspiração, lipoescultura, plásticas mamárias com inclusão de silicones e plástica abdominal com vibrolipoaspiração.

**Na vida sempre existirão
dificuldades. A capacidade
de resolvê-las indica sua
proximidade com Deus.**

Por que escolheu ser médico?

Escolhi por gostar de estudar a anatomia do corpo humano e pelo interesse em resolver deformidades corporais.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A importância da dedicação aos pacientes. Essa relação é de extrema importância, já que influencia no pré e pós-operatório. Antes, o médico deve transmitir a confiança necessária para que o paciente assimile a possibilidade de resolução daquilo que não o satisfaz, uma deformidade ou insatisfação no seu corpo. O pós é uma consequência da segurança apresentada, o que torna a recuperação mais fácil.

Qual receita de sucesso que você prescreveria para quem está começando?

Competência, dedicação e vontade de vencer. Esses pilares, na minha opinião, levam ao sucesso profissional.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meu eterno chefe, Dr. João Suassuna. Profissional extremamente competente e exemplo de seriedade e respeito, Dr. César Montezuma, cirurgião geral ímpar. Dr. Edvalson Rocha, que me deu a oportunidade de estagiar no Hospital da Restauração. E o Dr. José Aécio, que me deu a oportunidade de

operar no Hospital Memorial São José.

Quais as paixões te movem na vida para além da medicina?

A alegria de ter uma esposa companheira, meus filhos e netos. Ter Deus no coração. Ser fã do tênis e do Sport Club do Recife.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A cirurgia de modo geral tende a desaparecer devido à evolução dos tratamentos precoces. Exemplo: se a pessoa nasce com uma tendência a ter uma apendicite, o combate a essa enfermidade será realizado de forma antecipada. Na cirurgia plástica, os tratamentos da pele serão realizados com substâncias criadas em laboratório que retardarão o envelhecimento.

Ser médico é...

Auxiliar o paciente, através de diagnósticos e tratamentos, a prolongar a saúde e, conseqüentemente, a qualidade de vida. É dedicação e cuidado com o próximo.

Carlos Moraes



Carlos Roberto Ribeiro de Moraes nasceu em 1940, no Recife. Estudou no Grupo Escolar João Barbalho e no Colégio Marista, graduando-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1964. Dedicou-se à cirurgia torácica e cardiovascular, realizando sua formação básica com o professor Luiz Tavares da Silva entre 1965 e 1966 no Hospital Pedro II, e com o professor E. J. Zerbine entre 1967 e 1968 no Hospital das Clínicas de São Paulo. Estagiou na Inglaterra entre 1969 e 1970. Em 1980, tornou-se, por concurso, Professor Titular de Cirurgia Torácica da UFPE. É presidente e cirurgião do Instituto do Coração do Real Hospital Português, exercendo intensa atividade profissional em cirurgia cardíaca. Fez o primeiro transplante de coração em Pernambuco em 1991.

**Não faça mal
a ninguém.**

Por que escolheu ser médico?

Seguramente por influência familiar, já que meu pai era médico.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a vida é muito fugaz.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Trabalhe, trabalhe, trabalhe e continue trabalhando.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Especialmente Fernando Moraes, meu filho, e toda a equipe do Instituto do Coração de Pernambuco.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Viajar, ler e ouvir boa música.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Impossível prever o futuro da medicina, justamente pelos avanços tecnológicos e pelas modificações que vêm ocorrendo nos hospitais.

Ser médico é...

Sobretudo, estar preparado para se doar ao próximo.

Célia Dantas



A médica Célia Dantas nasceu na cidade de Picos, no Piauí. Coursou medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fez residência em pediatria pela Universidade Nacional de Brasília (UNB) e mestrado também na UFPE. Tem pós-graduação em pediatria e neonatologia pela Universidade Autônoma de Barcelona, onde estudou por quatro anos. Foi responsável pela orientação dos residentes em neonatologia no Hospital Barão de Lucena, a partir do vínculo com o Ministério da Saúde, e coordenadora da UTI pediátrica do Hospital Santa Joana Recife desde sua fundação. É casada com o também médico Murilo Duarte da Costa Lima, professor titular de psiquiatria da UFPE, com quem tem duas filhas: Maria, também médica, e Ana Isabel, advogada, além de dois netos, Luís e Murilo.

**No amor e na fé
encontraremos as
forças necessárias para
a nossa missão.
-Irmã Dulce**

Por que escolheu ser médica?

Minha essência humana é marcada fortemente pelo apego e valorização da vida, nosso dom maior. A medicina possibilita cuidar de pessoas, amenizando sofrimentos e contribuindo para o máximo alongamento possível de sobrevida.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A maior, a grande e definitiva lição: vale a pena ter e cultivar a esperança. Sempre.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Minha prescrição: cultivar empatia com seus pacientes, ser perseverante, manter-se como um “eterno aprendiz”, abraçar os avanços tecnológicos sem medo, interagir com velhos e novos colegas. O ato médico pode ser um exercício solitário, mas o saber é uma aquisição, não é e nem foi uma aquisição individual. Há de ter segurança e humildade.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Tenho admiração por alguns. Para citar dois na minha área, professor doutor Fernando Figueira e doutor Fernando Cruz.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Sou movida por afetos, por isso cultivo pessoas, a começar pela minha família, aquela que me deu origem e a que construí com meu marido. Estar com amigos, celebrar, dançar, vivenciar minha religião católica, inclusive transpondo seus limites para a prática existencial. Vinho ou cerveja, bem dosado, ajuda na celebração.

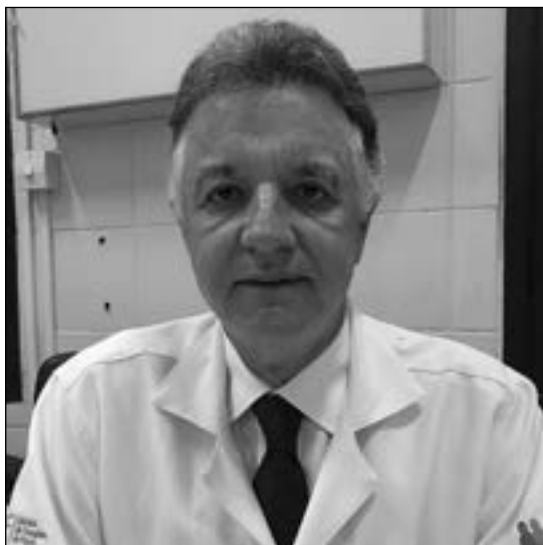
O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Novidades podem ser assustadoras no início, dentre elas, as novas tecnologias, mas elas vêm como valiosa ajuda. O fundamental consiste em usá-las com ética.

Ser médica é...

Partilhar e compartilhar, o que requer paciência, tolerância, firmeza, capacidade de decidir com profundo e seguro embasamento, bem como nunca desistir ante os desafios. Medicina é doação gratificante.

Cláudio Lacerda



**A vida só tem sentido
com a prática cotidiana
da solidariedade humana.**

O recifense Cláudio Lacerda formou-se na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco em 1976. Fez residência em cirurgia geral no Hospital Pedro II e estágio no Guy's Hospital de Londres. Tornou-se mestre em cirurgia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em clínica cirúrgica pela Universidade de São Paulo (USP), onde trabalhou na Unidade de Fígado entre 1987 e 1991. Através de concurso público, tornou-se professor titular de cirurgia abdominal da Universidade de Pernambuco (UPE) e chegou à posição de professor associado de cirurgia abdominal da UFPE. Realizou o primeiro transplante de fígado do Norte/Nordeste em 1993 e vários procedimentos e cirurgias inéditas no estado. Fundou e preside a Associação Pernambucana de Apoio aos Doentes de Fígado. Estagiou no Instituto de Doenças do Fígado do King's College Hospital de Londres, em 2003. Em 2007, passou a ocupar a cadeira 15 da Academia Pernambucana de Medicina. Atualmente, dirige o curso médico do Centro Universitário Maurício de Nassau e comanda o serviço de cirurgia abdominal e transplante de fígado do Hospital Universitário Oswaldo Cruz e do Hospital Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa.

Por que escolheu ser médico?

Desde a primeira infância, sempre sonhei em ser médico. E, na medicina, sempre fui fascinado pela cirurgia. Talvez, o fato de não ter médicos na família tenha ajudado nessa escolha. Como o mais novo de seis irmãos, fui o último a ter a chance de exercer a medicina, e esse desejo era claro entre meus pais.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a vida só tem sentido com a prática cotidiana da solidariedade humana.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Muito trabalho! Com foco, espírito de superação, honestidade e criatividade.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Vera Moraes, oncologista pediatra e presidente do GAC - Grupo de Ajuda à Criança Carente com Câncer. E Paulo Barreto Campelo, pneumologista e criador do projeto “A arte na medicina de vez em quando alivia, às vezes cura, mas sempre consola” e do Castelinho das crianças com câncer, no Hospital Universitário Oswaldo Cruz.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família e a música.

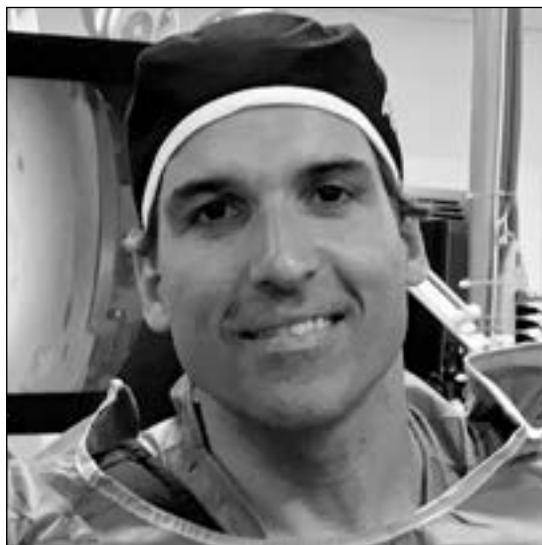
O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Existe a necessidade de evitar que a medicina se torne excessivamente tecnificada e fria, distanciando os médicos dos seus pacientes.

Ser médico é...

Uma escolha de vida. Com muitas gratificações, mas também com muito sacrifício pessoal.

Cláudio Marques



O recifense Cláudio Marques se formou em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco em 1996. Fez residência médica em ortopedia e traumatologia no Hospital das Clínicas e especialização em cirurgia do quadril no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 2002. Em seguida, realizou vários aperfeiçoamentos em cirurgia reconstrutiva do quadril nos Estados Unidos. É membro da Sociedade Brasileira de Ortopedia, da Sociedade Brasileira de Quadril e da Associação Americana de Cirurgia do Quadril e Joelho. Em seu currículo está a chefia do serviço de ortopedia do Imip e dos hospitais Dom Hélder Câmara e Otávio de Freitas. Coordenou o banco de tecidos músculo-esqueléticos do Imip, o primeiro do Norte/Nordeste do Brasil, e realizou o primeiro transplante ósseo desta natureza em Pernambuco. Foi presidente da regional Norte/Nordeste da Sociedade Brasileira de Quadril e coordenou vários projetos de cirurgias no SUS.

**Se quer viver uma vida
feliz, amarre-se a uma
meta, não às pessoas
nem às coisas.**

Por que escolheu ser médico?

Porque desde muito jovem já tinha a paixão pela profissão, especialmente após viver a experiência de ter sido um paciente grave aos 15 anos.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprender a cuidar de vidas através da ciência e humanização da mesma forma que gostaria de ser cuidado.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Dedicação, disciplina, humanidade e humildade.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Marcelo Pontual e Regis Andrade.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Ser pai, cinema e corrida.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Impactam na facilitação da comunicação a distância com os pacientes, diagnósticos e no avanço das técnicas cirúrgicas.

Ser médico é...

Se doar plenamente ao paciente.

Clovis Fraga



O médico Clovis Fraga nasceu em São Paulo, mas chegou ao Recife ainda aos 11 anos, onde concluiu o Ensino Médio e ingressou na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE), graduando-se em 1994. Fez residência médica em cirurgia geral no Hospital dos Servidores do Estado entre os anos de 1995 e 1997 e em urologia no Hospital Oswaldo Cruz, entre 1998 e 2000. Dedicando-se à cirurgia minimamente invasiva, fez estágios na Universidade de São Paulo (USP) e no Institut Montsouris, em Paris. Em 2007, ingressou no mestrado na UPE, apresentando sua dissertação assim que regressou de Bordeaux, na França, onde fez sua formação em cirurgia robótica na Clinique Saint Augustin, concluída em 2009. Foi presidente da Sociedade de Urologia de 2014 a 2015 e, em 2016, começou a atuar na robótica. Dois anos mais tarde, foi convidado para criar e gerenciar o Programa de Cirurgia Robótica do Real Hospital Português.

**Quando os problemas
se tornam absurdos,
os desafios se tornam
apaixonantes.
-Dom Hélder Câmara**

Por que escolheu ser médico?

Por gostar de gente. É uma profissão fantástica que me permite vivenciar histórias e, às vezes, mudar a vida das pessoas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que nunca devemos nos colocar em posição de superioridade, mas ao lado de quem nos confiou a vida. Ter humildade, solidariedade, ética e empatia faz a diferença.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

O sucesso na medicina é relativo. Pode estar ligado ao status ou dinheiro, mas a maior busca deve ser pela realização naquilo que fazemos. Numa profissão onde há tantas pressões e onde lidamos com dor, sofrimento e morte, o caminho do sucesso é aquele no qual você se coloca a serviço do paciente, através dos seus conhecimentos, de forma ética, humana e solidária. O reconhecimento seguramente virá daí.

Quais médicos pernambucanos você admira?

A lista é grande, mas eu destaco alguns que são eternos pelos seus feitos, como Dr. Josué de Castro e Dr. Fernando Figueira; Dr. Grimauro Fraga, meu tio, e a Dra. Deuzeni Tenório, pela inspiração. Cito outros que participaram na minha formação, como Dr. Antônio Lopes, Dr. Amaury Medeiros, Dr. Moraes, Dr. Roberto

Cohen, Dr. Seráfico Filho.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, a música e as viagens.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Nos meus 20 anos de urologia, pude ver várias mudanças como as cirurgias endoscópicas, laser, laparoscopia e, sobretudo, a robótica. Tem muita coisa ainda por vir, como cirurgias a distância e automatizadas, através da Inteligência Artificial, que podem melhorar o diagnóstico e os tratamentos, mas a humanização ainda é fundamental.

Ser médico é...

Sobretudo gostar de gente. Dedicar-se às pessoas e aos seus problemas. É nunca parar de aprender e nem deixar de se indignar com as injustiças que podem impactar na vida da população.

Cristina Almeida



Nascida no Recife, em 1943, estudou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluindo em 1966. Fez especialização em endocrinologia e medicina nuclear no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP) e no IPEN. Voltando a Recife, trabalhou como médica no Laboratório de Radioisótopos do Hospital das Clínicas da UFPE e fundou o CERPE (Centro de Endocrinologia e Radioisótopos de Pernambuco), atuando como médica nuclear e endocrinologista. Foi vice-presidente de medicina nuclear do Colégio Brasileiro de Radiologia e presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Nuclear por duas gestões. Atualmente, é membro do conselho permanente da mesma sociedade. No ano 2000, inaugurou o Real Nuclear, serviço especializado do Real Hospital Português, reconhecido pela qualidade técnica e modernidade de equipamentos. Ao lado do exercício profissional, é mãe orgulhosa de cinco filhos, avó de doze netos e vive parte do ano em Evoramonte, aldeia feudal no Alentejo, em Portugal.

**Às vezes ouço passar o
vento; e só de ouvir
o vento passar,
vale a pena ter nascido.
-Fernando Pessoa**

Por que escolheu ser médica?

Acho que essa escolha foi influenciada por meu pai e por meu avô paterno, ambos médicos e professores. Compartilhava desde jovem da experiência de meu pai. Nessa fase adolescente, dois livros me impressionaram: “A Peste”, de Albert Camus, e “A Cidadela”, de A. J. Cronin, ambos sobre a vivência e dedicação de médicos.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a medicina exige dedicação total e paixão. Tenho amor pelo que faço, prazer no aprendizado e no ensino. A vida é o maior bem e trabalhamos para curar, priorizando a qualidade de vida do paciente.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Amar o que você faz, trabalhar com dedicação, ter empatia, cuidar com carinho, dar o melhor de você, aprender com os erros, estudar sempre e ouvir o que seu paciente lhe diz. Acreditar que vai dar certo.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meu pai, Evaldo Altino e meu avô, Edgar Altino, minhas primeiras referências médicas. Alguns professores, especialmente Amaury Coutinho e Salomão Kelner. Fernando Almeida, que me orientou na profissão. Dois filhos médicos que seguiram minha especialidade: Paulo Almeida Filho e Sérgio Altino de Almeida.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha vida é movida à paixão. E a vida é a maior paixão. Pequenas coisas me dão prazer. A natureza, música, livros, arte, a convivência com a família e amigos, viagens, minha casa no campo em Portugal.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Minha especialidade é, especialmente, tecnológica e em evolução contínua em diagnóstico e terapia. Esses avanços em nível molecular aumentam a probabilidade de sucesso. Acredito na medicina que coloca o paciente como seu primeiro e único objetivo.

Ser médica é...

Ter como princípio fundamental o respeito ao paciente e ao seu bem-estar, que devem prevalecer sempre.

Eduardo Paixão



**Viva o presente como
não houvesse
um amanhã.**

Eduardo Paixão é natural de Pesqueira, caçula de uma família de oito irmãos. Em 1962, por decisão dos pais, deixou o Agreste e passou a morar no Recife. Quando criança, estudou em escola pública até a 4ª série, concluindo os ensinamentos fundamental e médio no Colégio Marista. Com apenas 17 anos, ingressou na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, onde concluiu o curso de medicina, aos 22 anos. A paixão pela cardiologia veio logo cedo, ingressando na residência médica do Hospital do Coração (HCor) em São Paulo. Eduardo Paixão concluiu a residência em 1988, casando-se com Beatriz Curi e, posteriormente, retornando para o Estado. Em 1989, foi convidado para fazer parte do recém-construído Hospital Memorial São José, sendo cofundador da Unicardio. Em 1995, por vislumbrar um promissor mercado na medicina nuclear, optou por uma especialização na Yale University, nos EUA. No retorno, atuou no Hospital Santa Joana, no serviço de Medicina Nuclear. Em 2008, encarou novos desafios, passando a trabalhar também em tomografia cardiovascular. Desde 2019, passou a lecionar na graduação da Faculdade de Medicina de Olinda, ajudando na formação de novas gerações de médicos.

Por que escolheu ser médico?

Tenho uma grande paixão por cuidar de pessoas. Tive boas referências, bastante inspiradoras para a minha decisão, como Ciro de Andrade Lima, que cuidava dos meus pais e avós, além do meu pediatra, Samuel Pontual. Foram grandes médicos, capazes de ouvir mais do que falar, atraindo pela maneira gentil e criteriosa.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Apreendi a cuidar das pessoas sem precisar saber quem elas são ou já foram. Tentar oferecer o meu melhor sempre, para curar quando possível, aliviar quando necessário e confortar sempre. Procuro praticar isso no meu cotidiano.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Recentemente, eu comecei a ensinar na graduação de futuros médicos. Tem sido muito bom transmitir a essência da medicina, que é querer cuidar de pessoas. Para que eles possam chegar a isso, é necessário ter intuição, mas, essencialmente, muito estudo, trabalho e dedicação.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Minhas inspirações para a medicina foram Ciro de Andrade Lima e Samuel Pontual. Além deles, já como médico formado, o meu marco de referência foi e sempre será o exemplar Dr. Henrique Cruz.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Adoro escrever. Já escrevi um livro sobre a genealogia da minha família. Mensalmente, escrevo um folheto científico onde descrevo artigos relevantes nas minhas áreas de atuação. No momento, estou preparando um livro de culinárias familiares.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina vem sofrendo transformações constantes. O que era visto como ficção há alguns anos, hoje é realidade. Trabalho com cardiologia nuclear que essencialmente envolve muita tecnologia e inovações. A inteligência artificial será, sem dúvida, a maior ferramenta tecnológica que teremos nos próximos anos.

Ser médico é...

Estar pronto para ajudar.

Ernesto Roesler



**A vida passa num
pisar de olhos,
desfrute-a com
objetividade e sabedoria.**

Desde muito pequeno, Ernesto Henrique Roesler demonstrou interesse pela medicina. Foi influenciado pela história do seu avô paterno, Dr. Ernesto Henrique Roesler, de quem herdou o nome. Ele estudou no Colégio Marista São Luís e, ao final do segundo ano científico, viajou para a Inglaterra para estudar. No retorno ao Recife, cursou medicina na Faculdade de Ciências Médicas, se formando em 1985. Fez a residência em radioterapia no Hospital de Câncer e também nos Estados Unidos, no Mallickrodt Institute of Radiology. Retornou ao estado no fim de 1988, quando começou a trabalhar com o pai, no Instituto de Radium e Supervoltagem Ivo Roesler (IRSIR), e como médico concursado no Hospital de Câncer de Pernambuco (HCP). Em 1990, assumiu a direção do instituto, dando continuidade à tradição familiar na especialidade de radioterapia. Em 2013, o serviço do IRSIR foi incorporado e passou a fazer parte do Real Hospital Português (RHP), quando passou a atuar como chefe e como coordenador dos serviços. Atualmente, permanece atuando no Real Onconcenter do RHP.

Por que escolheu ser médico?

Desde pequeno sempre quis ser médico. Vindo de uma família com pai e avós médicos, isso pesou ainda mais na minha escolha consciente do caminho a seguir.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

São várias lições de vida. Passamos a perceber o quão frágil é a nossa saúde. Nossa passagem por este mundo é efêmera, por isso é preciso saber viver e aproveitar a família e os amigos, estendendo sempre a mão a quem precisa.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Seja perseverante para alcançar os seus objetivos, estude bastante, seja pé no chão e não se deixe levar por deslumbramentos. Saiba ouvir e sentir as necessidades dos seus pacientes para poder oferecer-lhes um excelente acolhimento e a melhor conduta profissional e humana.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São vários, mas vou citar alguns que tanto me influenciaram e deixaram grandes ensinamentos, como o meu pai, o Dr. Ivo Carlos Roesler, Getúlio Isidoro da Rocha, Jaime Queiroz, Milton Cunha, Almir Couto e Adonis Carvalho.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A família, as artes e a pesca.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia veio para ficar, não para substituir os médicos. É uma ferramenta importante para nos auxiliar a, cada vez mais, fazer diagnósticos mais precisos e tratamentos mais eficazes, com menos morbidade aos pacientes.

Ser médico é...

Poder ter privilégio de ajudar a curar e/ou aliviar os males físicos e mentais que promovem o sofrimento do próximo, para que ele possa seguir a sua jornada da vida em harmonia.

Eustácio Vieira



Eustácio Vieira nasceu no sertão da Paraíba, em Uiraúna, filho de agropecuarista e mãe com atividades do lar. Estudou no Ginásio Diocesano de Patos, sob a direção do seu tio, Monsenhor Vieira, fez o científico no Colégio Padre Félix e o curso médico na Faculdade de Medicina do Recife (UFR), concluindo em 1965. Foi orador oficial da turma. No mesmo ano, junto aos irmãos Sávio Vieira e José Aécio, também médicos, fundou a Casa de Saúde Santa Helena. Fez especialização em gastroenterologia e endoscopia digestiva no Hospital das Clínicas (FMUSP) e no IGESP, em São Paulo. Foi professor de gastroenterologia da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco (FCMP) de 1969 a 1988. Tem título de especialista em gastroenterologia (FBG) e endoscopia digestiva (SOBED). Também estudou na Escuela de Patologia Digestiva em Barcelona e por um ano foi professor visitante da Universidade Sul da Califórnia (USC, Medical Center) em San Diego, EUA. Presidiu a Sociedade de Gastroenterologia de Pernambuco e a Sociedade de Endoscopia Digestiva. Também presidiu a Federação Brasileira de Gastroenterologia entre 1980 e 1982, 1986 e 1988. Enquanto presidente, o Brasil foi eleito, de forma inédita, como sede do Congresso Mundial de Gastroenterologia, realizado em 1986. Foi membro do Conselho de Governo da Organização Mundial de Gastroenterologia (1986-1990). Como empresário, fundou e dirigiu instituições de referência como os Hospitais Santa Joana e Memorial São José, Santa Joana Diagnóstico, Maximagem, Bramex, entre outros. Em 2019, cofundou a Evipar, holding que reúne investimentos em ativos estratégicos com participações em empresas de saúde, agribusiness e segmento imobiliário.

**A vida é
um encontro
de destinos.**

Por que escolheu ser médico?

Eu nasci em uma pequena cidade do alto sertão paraibano, que na minha infância, era um vilarejo chamado de Vila Canã. Naquela época, duas figuras me despertavam à atenção. Uma delas cuidava das almas, no caso o sacerdote, a outra cuidava de salvar vidas, que era o médico. Dentre esses sacerdócios, nunca tive dúvidas de que o meu caminho seria o de salvar vidas. Na Vila Canã (Uiraúna - desde 1953), tinha um único médico, Dr. Oswaldo Bezerra Cascudo, admirado e respeitado pela população. Outras inspirações se seguiram e naturalmente consolidaram a minha escolha profissional.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Tenho a certeza de que quanto mais aprimoramos e aprofundamos os conhecimentos médicos, mais identificamos a insuficiência dos nossos conhecimentos e a necessidade de melhorá-los. De fato, vale lembrar uma reflexão importante para a vida: quem acha que sabe de tudo vai acabar descobrindo que ainda tem muito a aprender.

Qual receita do sucesso você prescreveria para quem está começando?

Na realidade, não existe receita. Talvez, algumas recomendações fundamentais. A maior de todas elas é a atenção, interesse e

dedicação ao paciente. Além da humildade e ética de não exceder nos seus conhecimentos e, sempre que necessário, solicitar opiniões e pareceres dos mais experientes ou, até mesmo, encaminhar o paciente para outro colega. Neste caso, não se perde o cliente, ao contrário, adquire-se grandeza.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Poderia mencionar dois vultos da medicina pernambucana.

1)O Prof. Fernando Figueira (falecido em 2003), professor catedrático de pediatria, grande mestre, inteligência empreendedora, líder, gestor e criativo. Foi diretor da F.C.M.P, reitor da UPE e fundador de uma das maiores instituições filantrópicas na área da saúde e do ensino do Brasil;

2)Francisco Trindade Barreto (Chicão), meu colega de turma, exerce a medicina como sacerdócio, imune a vaidades e interesses materiais. Tem excepcional cultura médica e foi sempre ávido pelo conhecimento e acultramento humanístico. É membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Pernambucana de Medicina.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Eu não poderia me dedicar a qualquer atividade que não tivesse a dependência do relacionamento humano, do empreendedorismo e da possibilidade de criação de algo inovador. Nenhuma atividade me atrairia se não tivesse esses atributos. E eu também diria que uma das paixões que tenho, e isso implica em grande dedicação, é a família, esposa, filhos, netos, genros, noras e irmãos, com uma reverência total e absoluta aos meus antepassados, vínculos indestrutíveis pra mim. Honrar essas raízes é um dos fundamentos da minha vida e por isso ergui um memorial da Família Fernandes Vieira no sítio Curupaiti (Uiraúna/PB) em 2010, onde nasceram oito gerações da minha família. Neste momento, estou prestes a inaugurar uma grande ampliação de natureza física e funcional desta instituição.


O que espera da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Os avanços da medicina serão sempre animadores e motivo de esperança para a humanidade, trabalhando para atender as demandas dos grandes desafios que se apresentam, tais como: novas doenças e o domínio do tratamento e cura de muitas outras, a exemplo de algumas enfermidades oncológicas, genéticas, imunológicas e mesmo infecciosas (Covid-19). Mas ressalto a minha

visão de que a humanidade e a medicina esquecem rapidamente as suas conquistas do passado e lembram, apenas, daquelas do presente. Por exemplo, não se exalta mais a penicilina, o primeiro antibiótico que foi descoberto e passou a ser utilizado há pouco mais de 80 anos. Cito outra descoberta ainda mais recente e que revolucionou o tratamento da úlcera péptica, por muitos séculos tratada como um desequilíbrio entre os fatores defensivos e agressivos endógenos e a concorrência dos fatores exógenos, como alguns alimentos, bebidas alcoólicas, tabagismo, etc. Foi quando, em 1983, Warren J. e Marshall B. isolaram o *Helicobacter pylori* no estômago de pacientes com gastrite crônica e levantaram a hipótese de que essa bactéria era causadora da doença. A descoberta foi encarada com enorme descrédito, mas poucos anos depois foi amplamente aceita e revolucionou o tratamento da úlcera péptica no mundo. Como lição disso, a saúde da humanidade será sempre um grande desafio, assim como os mistérios da existência humana.

Ser médico é...

Um sacerdócio. É ser um intermediário entre Deus e o homem.



**O bom médico
trata a doença;
O grande médico trata o
paciente que tem a doença.**

William Osler



Evyo Maranhão de Abreu e Lima



O médico pernambucano Evyo Maranhão de Abreu e Lima Sobrinho é reconhecido por seu espírito humanístico no exercício da medicina, o que lhe rendeu várias condecorações ao longo da carreira. Foi homenageado em 2019 pelo Hospital de Câncer de Pernambuco (HCP), onde se dedicou por 22 anos aos pacientes da instituição. Em 2016, foi reconhecido pela Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) e, em 2011, foi o médico mais votado dentre todas as especialidades na pesquisa “Médico indica Médico”, realizada pela Deloitte. Em 2006, recebeu a medalha de ouro Monsenhor Vieira pelo Hospital Santa Joana. Formado em 1977 pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fez residência médica no HCP, com estágios no Instituto Nacional do Câncer (RJ) e Hospital AC Camargo (SP). É especialista em oncologia clínica pela SBC, SBOC e AMB, CFM. Foi professor de medicina clínica da UFPE de 1978 a 2015, além de fundador e chefe do serviço de quimioterapia do Hospital das Clínicas. De 1980 a 2002, foi médico titular do departamento de Clínica Médica do HCP.

**A vida é breve, a arte é longa,
a oportunidade passageira,
a experiência enganosa e o
julgamento difícil**
-Hipócrates

Por que escolheu ser médico?

Acredito que foi, sobretudo, porque convivi com bons médicos quando era menino, a exemplo do meu tio e ginecologista, Dr. Ângelo Abreu e Lima, e meu padrinho, o pediatra Dr. Marco Suassuna. Uma inspiração baseada na admiração por esses profissionais.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Valorizar sempre a queixa do paciente é uma delas. Individualizar cada caso, tratando o paciente como único (e não como grupo), talvez seja a maior lição. Mais pessoalmente, fica a lição de humildade, pois também adoecemos e sofremos.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Considerando que o sucesso é ser um bom médico, prescreveria que se dediquem mais ao paciente do que às teorias e tecnologias, prestem mais atenção, ouçam mais.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Além dos já citados, tenho grande admiração pelos saudosos Drs. Adonis Carvalho, Henrique Cruz e José Rodrigues (in memoriam), assim como, Sérgio Gondim, Luiz Fernando Maciel, Alcides Bezerra, Francisco Trindade Barreto e Magda Maruza.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Adoro minha família e o convívio com ela - esposa, filhas, netas (e um neto a caminho), minhas irmãs e irmãos (saúde especial do querido Tevoca). Gosto muito de ir à minha casa de praia, viajar, tomar vinho e praticar *wind surf*.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Tenho uma visão otimista dos avanços, que possibilitam métodos mais eficazes de tratamento, aumentam as chances de cura e a qualidade de vida dos pacientes, mas não se pode desumanizar a medicina. Sempre terá de existir o comando do bom médico por trás das tecnologias, fazendo o melhor uso delas.

Ser médico é...

Entender não apenas das doenças, mas sobretudo dos seus pacientes, ajudando-os no enfrentamento e no alívio de suas dores e sofrimentos, de maneira humana e individualizada.

Fábio Casanova



**Tentar, tentar e tentar
até conseguir.**

O mais velho de três irmãos, Fábio Casanova foi o único que seguiu a profissão do pai, o também oftalmologista Rui Casanova. Formou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1997. Mudou-se para São Paulo onde concluiu a residência médica na Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (UNIFESP – EPM), com especialização em catarata e cirurgia refrativa, além do doutorado em catarata, em 2003, na mesma instituição. Em 2004, foi para Boston, nos EUA, onde cursou o pós-doutorado em Harvard. Voltou ao Brasil em 2005 e fixou residência em São Paulo por três anos. Durante este tempo, trabalhou na criação do serviço oftalmológico do Hospital Memorial São José, o Memorial Oftalmo, no Recife, inaugurado em novembro de 2008 com a inédita transmissão ao vivo de uma cirurgia pela internet. Com projeto inovador, a clínica foi a primeira do Brasil a implantar uma lente multifocal tórica, a primeira do Nordeste a ter um centro cirúrgico com pressão positiva e filtro absoluto em oftalmologia e a primeira do mundo a alcançar mil implantes de lentes trifocais na cirurgia de catarata.

Por que escolheu ser médico?

Para ajudar o próximo, pois não há nada mais gratificante do que ajudar pessoas a reestabelecerem a sua saúde, torná-las felizes novamente. Fazer com que retomem a vida, a rotina, isso não tem preço.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que todos nós temos limites. Não podemos resolver todos os problemas do mundo, mas temos que dar o melhor de nós. É fundamental que o médico esgote todas as possibilidades na tentativa de curar o paciente. E, mesmo que isso não seja possível, que seja humano e consiga dar um suporte emocional.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Não desistir, não esmorecer. Aliado a isso, competência, muita dedicação, inteligência, principalmente a emocional, muito trabalho e valorizar o próximo. Afinal, está lidando com vidas.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São tantos, mas não poderia deixar de destacar meu pai, Rui Casanova, oftalmologista que me influenciou desde pequeno. Minha inspiração para tratar meus pacientes de forma humana. Além de Tércio Bacelar, João Eudes, Francisco Cordeiro e José Aécio, que foram essenciais para minha formação e trajetória profissional.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família. Amo ficar com meus dois filhos e minha esposa e espero conseguir manter essa unidade familiar até o fim dos meus dias.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Os avanços nos diagnósticos, a telemedicina, a robótica, tudo isso está mudando de forma definitiva a nossa medicina. Eu espero que todas essas mudanças não distanciem o médico do paciente e que possamos manter esse calor humano, essa troca, porque nada substitui o toque e o exame clínico.

Ser médico é...

Poder exercer uma das mais belas e nobres profissões que eu poderia sonhar em fazer. É poder ajudar as pessoas e ser grato por isso. É uma dádiva, um presente.

Fernando Augusto Figueira



Formado em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1999, Fernando Augusto Figueira seguiu os passos do pai e enxergou no exercício da profissão um instrumento de transformação social. Natural de Campinas, no interior de São Paulo, veio para o Recife e exerceu residência médica nos hospitais da Restauração, entre 2006 e 2008; e no Instituto do Coração de Pernambuco, entre 2008 e 2012. Fernando também ampliou sua qualificação fora do país, como médico visitante no John Radcliff Hospital, na Universidade Oxford, no Reino Unido; assim como no Toronto General Hospital, em Toronto, no Canadá. Realizou MBA em Gestão Executiva da Saúde INSPER/Eistein e foi coordenador dos serviços de Transplante de Coração e Assistência Circulatória Mecânica e Cirurgia Cardiovascular, ambos no IMIP. Na carreira acadêmica, tornou-se professor do MBA em Gestão Executiva da Saúde da FPS, além de preceptor das residências médicas em cirurgia e enfermagem. Atualmente é vice-presidente do Departamento de Assistência Circulatória Mecânica, Transplante e Perfusão da SBCCV e membro titular da Câmara Técnica de Transplante de Coração, do Sistema Nacional de Transplantes.

Nada, absolutamente nada, resiste ao trabalho.
-Euricydes de Jesus Zerbini

Por que escolheu ser médico?

A influência recebida pelo meu pai, o professor Fernando Figueira, foi muito relevante. A medicina, como instrumento gerador de igualdade social, sempre permeou os ensinamentos recebidos desde a minha infância.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que somos falíveis. Todos nós. Porém, capacitação técnica, altruísmo e, acima de tudo, empatia, são os principais elementos para ser reconhecido como um bom profissional.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Ao ser médico, pratique, todos os dias, a empatia. E, embora não exista receita mágica para isso, sempre trate, cada paciente ou acompanhante de paciente, como se fosse sua mãe, seu pai, seus filhos ou irmãos.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Em primeiro lugar, pela relação e ensinamentos que extrapolaram os conhecimentos médicos, meu pai. E, naturalmente, agradeço a todos os profissionais que passaram ensinamentos teóricos e práticos durante a minha formação.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Paixão pelos meus filhos, geradores da energia final para continuarmos a exercer nossas atividades com dedicação. E, uma paixão mais recente, tem sido uma visão mais gerencial, buscando entender com mais precisão a gestão da saúde.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero que a medicina busque maneiras sustentáveis, independente da fonte de financiamento, de ser capaz de oferecer assistência populacional de forma mais segura e com qualidade. Sobre os avanços, a tecnologia caminha, a passos largos, para técnicas menos invasivas, que levam a menos dor, menos tempo de internamento e são capazes de acolher os pacientes mais frágeis.

Ser médico é...

Sentir a dor do próximo como se fosse sua própria dor.

Fernando Basto



Recifense, o médico Fernando Basto é referência mundial e autor de diversos trabalhos científicos sobre transplante capilar. É formado pela Universidade de Pernambuco (UPE), com residência em cirurgia plástica na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com Dr. Perseu Lemos. Fez pós-graduação em Cirurgia Plástica com Dr. José Júri, na Argentina, e fellow em cirurgia plástica com Dr. Ivo Pitanguy, no Rio de Janeiro. É membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, da Sociedade Internacional de Cirurgia da Restauração Capilar e da Sociedade Europeia de Cirurgia da Restauração Capilar. Integra, ainda, a Sociedade Internacional de Cirurgia Estética e foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Cirurgia da Restauração Capilar. É membro da Ordem dos Médicos de Portugal e diplomado pela American Board of Hair Restoration Surgery (ABHRS), primeiro no Brasil a ter o título. Já realizou milhares de cirurgias de calvície no Brasil e no exterior e, em 2019, inaugurou o maior centro de cirurgia plástica, tratamento capilar e dermatologia do Recife, com equipamentos de última geração.

**Se eu pude enxergar
mais longe, foi por estar
apoiado em ombros
de gigantes.**

-Issac Newton

Por que escolheu ser médico?

Ainda adolescente, li uma reportagem sobre o incêndio do Gran Circo Norte-Americano, que matou mais de 500 pessoas. Enfatizavam a dedicação do cirurgião plástico Dr. Ivo Pitanguy e outros médicos no atendimento às vítimas, salvando muitas vidas. Naquele momento eu decidi que seria cirurgião plástico.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a saúde física e mental é o bem maior que possuímos. Comprovo isso convivendo com a fragilidade emocional dos pacientes que buscam a cura de doenças ou corrigir defeitos físicos, congênitos ou adquiridos, através da cirurgia plástica. Por isso amo o que faço. Sei exatamente o que a especialidade, quando bem indicada e conduzida, pode fazer pelo paciente.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Não existe receita, mas eu prescreveria sem medo de errar: DEDICAÇÃO, AMOR e ESTUDO.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meu eterno professor e mestre da cirurgia plástica, Dr. Perseu Lemos. O Dr. Carlos Leal, que conduziu com maestria a arte da anestesia. E também o Dr. Otelo Ferreira, reconhecido por seus serviços na pediatria.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Sou realizado na profissão, mas também como marido, amigo, companheiro, pai de três maravilhosos filhos e avô. Tenho outras paixões, como tocar violão, viajar, admirar as artes plásticas e curtir boas músicas.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A cirurgia plástica sempre será uma especialidade artesanal. Com a evolução da inteligência artificial, penso que o robô poderá ser um grande aliado. Porém, jamais a máquina substituirá o homem, justamente pela conjugação de ciência e arte. O ser humano é incansável!

Ser médico é...

Um sacerdócio! A realização de um sonho! É escolher querer o bem das pessoas, aliviar o sofrimento alheio e respeitar o ser humano.

Fernando Cruz



Nascido no Recife, Fernando Cruz colou grau em medicina, em 1962, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi residente em cirurgia geral no Hospital do IAPC em São Paulo e fez estágio em cirurgia pediátrica no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP). Também fez residência no mesmo tema no Hospital for Sick Children, no Canadá. Tem atuação como cirurgião geral e pediátrico no Hospital da Restauração, assim como cirurgião pediátrico no Barão de Lucena. Em seu currículo, também está a docência em cirurgia pediátrica na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, assim como o título de professor emérito da Universidade de Pernambuco (UPE). Foi diretor médico e diretor geral do Hospital da Restauração, onde criou a primeira UTI pediátrica pública do estado. Também foi diretor médico do Oswaldo Cruz, atuando na criação da UTI pediátrica neste hospital. Fundou, no Hospital Português, a Unidade da Criança, que depois foi transferida para o Hospital Memorial São José. Foi diretor médico do Hospital Unimed Recife III, primeiro hospital digital da América Latina.

**O respeito pelas pessoas
deve nortear as nossas
ações, tanto na vida
profissional, quanto
na pessoal.**

Por que escolheu ser médico?

Lembro que decidi aos 15 anos. Porque, realmente não sei. Talvez influência de um primo, cirurgião e médico de minha família.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

São várias lições. Uma que considero importante é que o nível de gratidão de um paciente curado não guarda relação com a gravidade do seu problema, nem com a dificuldade que o médico enfrentou no seu tratamento. Talvez a maior lição seja a humildade de aprender com nossos erros.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Manter-se sempre atualizado. Ter respeito pelos pacientes e colegas. O sucesso com os pacientes é alcançado quando percebem que você realmente se preocupa com eles.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Henrique Cruz, Vera Moraes, Fernando Azevedo, Marcelo Valença, Marcos Silveira, Danilo Nines, Clene Magalhães.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A tecnologia da informação que comecei a aprender com minhas filhas e me ajudou na gestão da saúde, com todo o seu potencial para melhorar a segurança dos pacientes.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Usar a tecnologia atual e a do futuro, em prol da melhor assistência e do resgate dos valores humanos, definidos no juramento hipocrático.

Ser médico é...

Dar o melhor de nós em benefício das pessoas.

Fernando Queiroga



O pernambucano Fernando Queiroga estudou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por concurso, foi aprovado para fazer o internato no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo. Na capital paulista, passou mais três anos no Hospital das Clínicas, fazendo pós-graduação em pneumologia e cardiologia. De volta ao Recife, fez concurso e ingressou na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE), onde foi professor durante 36 anos. Foi também médico do antigo INAMPS em São Paulo e, durante 35 anos, do antigo IPSEP, em Recife, atuando no Hospital de Servidor do Estado e Hospital Osvaldo Cruz. Na década de 1980, fez estágio em pneumologia em Londres, sob indicação do colega pneumologista pernambucano Dr. Murilo Guimarães. De volta ao Brasil, continuou a vida profissional. Foi agraciado com a Medalha do Mérito São Lucas em 18 de outubro de 2017, concedida pelo Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, Sindicato dos Médicos e Associação de Medicina de Pernambuco.

**Nunca fraqueje mesmo
nas adversidades.**

Por que escolheu ser médico?

Desde criança, fui inspirado na figura de um primo médico que se tornou o consultor de toda a família, o que muito me admirava, por todos confiarem nele. Modestamente, assumi esse papel há muitos anos.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que precisamos prezar pelo nosso paciente e sentir as suas queixas no contexto da condição em que vive, seus sentimentos, dificuldades, tudo que influencie no sucesso do tratamento. É claro, o embasamento científico é extremamente importante para não tratarmos a medicina só como arte e emoção, mas sim aplicando o que aprendemos.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Começa por abraçar profissão, que não é fácil e nos priva de muito tempo da nossa vida social. Manter as lições aprendidas com os mestres e se atualizar sempre através de informações científicas, diretrizes e inovações tecnológicas, não esquecendo que o paciente é uma pessoa e não uma máquina.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Enio Cantarelli, Francisco Trindade e Luiz Fernando Salazar de Oliveira. Não poderia deixar de citar, mesmo não sendo pernambucanos, João Valente Barbas Filho e Luiz Vénère Decourt. E, sem qualquer modéstia, admiro muito Fernando José Pinho Queiroga Júnior e Fábio Lima Queiroga, meus filhos médicos.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Durante muitos anos, foi a minha atividade docente. No entanto, a minha principal motivação é a família, aqui incluindo os meus quatro netos.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Sem as inovações tecnológicas estaríamos literalmente estacionados no passado. Que elas nos forneçam mais informações e tecnologia, mas que nunca substituam a figura do médico e seu papel fundamental nas relações humanas.

Ser médico é...

Saber determinar e perseguir o seu objetivo, pensando primordialmente no benefício do ser humano.

Filipe Prohaska



Filipe Prohaska nasceu no Recife, mas já no segundo dia de vida mudou-se para Vitória de Santo Antão, onde passou a infância e adolescência. Fez os quatro primeiros anos da faculdade de medicina no Ceará e os dois últimos anos, já no internato, na capital pernambucana. Especializou-se em infectologia, atuando na Universidade de Pernambuco (UPE) e em outras redes terciárias nos pacientes imunossuprimidos não ligados ao vírus do HIV. Fez preceptoría em duas residências médicas – medicina interna no Real Hospital Português e infectologia no Hospital Oswaldo Cruz. Na área de gestão, atuou inicialmente como chefe da emergência do Hospital Paulo da Veiga Pessoa e do SAMU/Gravatá, posteriormente alcançando o cargo de gerente médico do mesmo hospital. Foi coordenador médico do SAMU e do Real Imagem. Dedicou-se ao mestrado/doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sob a égide do professor Dr. Arnaldo Lopes Colombo, maior micologista do Brasil e entre os melhores do mundo.

**Ser médico é um
sacerdócio.**

Por que escolheu ser médico?

Não me vi fazendo outra coisa. Meus pais eram médicos, trabalhavam de domingo a domingo e eram felizes dentro e fora do trabalho. Notei que, para eles, a paixão pela medicina era o maior combustível.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Compaixão, dividir a dor, estar no lugar das pessoas. A empatia é reconfortante e fortalece, seja qual for o desfecho.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Dedique-se com paixão ao que você ama fazer! Esqueça mercado de trabalho ou remuneração. Independentemente do que venha a acontecer, é um prazer sair de casa todos os dias para trabalhar no que gosta.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Admiro muitos e serei injusto por não citar outros, mas foram determinantes na minha formação Antônio Lopes, Cristiano Hecksher, Demetrius Montenegro, Érika Coelho, Francisco Trindade (Chicão), Gustavo Trindade, Maria do Carmo Lencastre, Rosa Arcuri, meus pais, Rauland e Marilda, e a melhor nefrologista e médica que eu poderia ter, Zaira, com quem divido os bons e maus momentos, me inspirando todos os dias.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Os desafios diários de tentar fazer um mundo melhor. Quero que minhas filhas vivam em um mundo mais justo, com mais oportunidades, independente de sexo, cor ou raça. Como médicos podemos ajudar a população muito além da medicina. Não podemos abrir mão do social e dos abandonados.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Vamos passar por uma grande revolução com o melhor conhecimento de imunidade, no enfrentamento das superbactérias, no diagnóstico precoce. O maior desafio será o custo. Como poderemos tornar viáveis essas novas tecnologias dentro do serviço público/privado?

Ser médico é...

Um sacerdócio. Uma mistura constante de alegrias e tristezas. Um preço alto a se pagar, mas recompensador.

Francisco Bandeira



O médico Francisco Bandeira recebeu a graduação em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE) e completou sua formação em medicina interna e endocrinologia no Hospital Agamenon Magalhães. Após treinamento na Universidade de Oxford, na Inglaterra, recebeu seu PhD pela Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ. É professor e chefe da disciplina de endocrinologia da UPE e da Divisão de Endocrinologia e Diabetes do Hospital Agamenon Magalhães (SES). Também é membro da Academia Pernambucana de Medicina. Coordena pesquisas em doenças metabólicas e diabetes e tem publicados inúmeros artigos em revistas de língua inglesa. Já lançou 14 livros sobre sua especialidade médica e foi o primeiro endocrinologista do Brasil a ingressar no American College of Endocrinology e na American Association of Clinical Endocrinologists (ACE/AACE), sendo fundador e primeiro presidente do Capítulo Brasileiro da AACE (AACE Brazil).

**Ciência e dedicação são
inseparáveis no
exercício da medicina.**

Por que escolheu ser médico?

Profissão que une técnica e ciência, além de humanismo. Ou seja, tem uma ampla multidisciplinaridade.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

O paciente é bem diferente do “doente”, pois a perspectiva do paciente perante a doença é extremamente importante no alívio e na cura.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

O sucesso pleno do exercício da medicina não se mede apenas pelo acerto do diagnóstico da doença ou a sua compensação financeira, mas também pelo sentimento de satisfação na obtenção do alívio ou da cura. Apesar de todo avanço tecnológico, o sucesso de ser médico depende do gosto pela ciência e uma razoável proporção de sacerdotismo.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Henrique Cruz (*in memoriam*), Francisco Trindade Barreto, Luiz Fernando Maciel, Hildo Azevedo Filho e Henry Alves de Farias.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Além da família e amigos, automóveis e “conhecer o mundo”.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero que o médico nunca se afaste do paciente no sentido mais amplo do seu significado.

Ser médico é...

Dedicar-se a ciência para cuidar melhor dos pacientes, produzir novos conhecimentos, disseminá-los aos seus discípulos tendo como fundamento a preservação da ética.

Francisco de Biase



O médico recifense Francisco Mário De Biase Neto formou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1992. Fez residência em otorrinolaringologia na Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto, em São Paulo. Atualmente, é coordenador da otorrinolaringologia, residência em otorrino e centro de implantes cocleares do IMIP. Tem experiência na área de otorrinolaringologia geral com maior ênfase em otologia e implantes cocleares.

**Na vida, o mais importante
é plantar as sementes do
bem, sem se importar com
aquelas que, ao invés de
frutos, te trarão espinhos.**

Por que escolheu ser médico?

Essa escolha vem de quando eu ainda era criança e via meu pai tratando dos animais da fazenda do seu patrão no Curado, em Jaboatão dos Guararapes, onde tive uma infância espetacular. Depois, a minha grande inabilidade com números me fez selar esse destino.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprendi que devemos avaliar se o que a ciência comprova é o melhor para cada caso, adequando os tratamentos às realidades sociais e culturais. Outro grande ensinamento é sempre se colocar no lugar do paciente, tratando-o como gostaria de ser tratado. Aprendi ainda sobre a importância de se manter atualizado para oferecer sempre o melhor àqueles que lhe confiam a vida.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

É simples. Muito estudo, humildade e felicidade no que pode fazer para o próximo. Quando seu trabalho alimenta sua alma, sem se preocupar com algum retorno, seja financeiro, midiático ou qualquer outro tipo de benefício, isso já é sucesso.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Pernambuco é repleto de grandes médicos. Para não cometer injustiças, gostaria de falar de Dr. Fernando Carneiro Leão, inspiração para mim e várias gerações de otorrinolaringologistas do estado.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A minha primeira paixão é a família, fonte do sucesso na vida. A segunda é a prática esportiva, sempre presente em meu dia a dia. E a outra é o Clube Náutico Capibaribe.

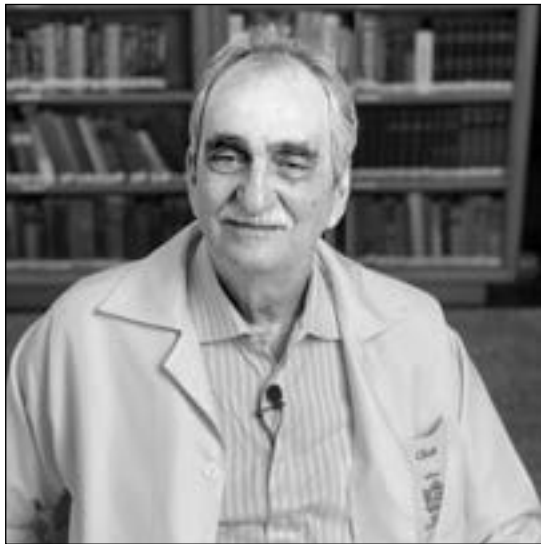
O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Com a invasão tecnológica, o futuro da medicina não será muito diferente do de outras profissões, mas vejo que várias patologias poderão ser curadas. Trago como exemplo disso os implantes cocleares com que trabalho hoje, promovendo a recuperação total da surdez de quase todas as etiologias.

Ser médico é...

Ter a capacidade científica e humanizada para ajudar os outros.

Francisco José Trindade Barretto (Chicão)



Filho de um pianista e de uma funcionária pública, Francisco José Trindade Barretto, o Dr. Chicão, nasceu no Recife e ingressou no curso de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1956. Três anos depois de terminar a graduação, partiu para os Estados Unidos, onde se especializou em clínica médica e em doenças do fígado na University of Southern California e trabalhou nos hospitais John Wesley County e Los Angeles County. De volta ao Recife, foi professor da UFPE de 1970 a 1980, quando deixou a vida acadêmica para se tornar um marco na medicina brasileira, criando a primeira residência médica em serviço público não universitário do país, no Hospital Agamenon Magalhães (HAM). Dr. Chicão também foi responsável pela criação da residência em clínica médica do Real Hospital Português (RHP). Além da medicina, outra paixão move a vida do médico, que ainda na infância se viu fascinado pelo mundo das palavras. Atualmente, ocupa a cadeira de número 17 da Academia Pernambucana de Letras (APL) e é membro da Sociedade de Escritores Médicos de Pernambuco.

**Quem acha vive
se perdendo.**

Por que escolheu ser médico?

Aos 11 anos, conclui que eu só poderia ser duas coisas na vida: padre ou médico. Em comum, a vontade de ajudar o próximo. O desejo de ser padre durou uma semana. Outro fator também me ajudou nesta escolha: tranquilizar minha mãe. Com dez filhos, ela nos queria independentes. Só depois, descobri no meu mapa astral que minha lua estava na casa dez, a da profissão. Acredito que isso implicou no desejo por trabalhar com assistência. Então, houve ainda um componente astral no meu caminho.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Apreendi que o sucesso está intimamente ligado à felicidade. Não é destaque pessoal, mas o sentimento de que realizou seu destino. A meu ver, o marco maior da minha carreira foi a criação das residências médicas nos hospitais públicos de Pernambuco.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Seja autêntico. Além disso, ter empatia com o sofrimento alheio é essencial. Solidez na formação vem em segundo lugar, mas não é menos importante.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dr. Severino Bezerra de Carvalho, que fundou a Faculdade de Medicina de Campina Grande. Grande analista de laboratório, escritor e poeta. Também os doutores Amaury Coutinho e Cyro de Andrade Lima.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A felicidade. Descobri a alegria em viver com as mulheres que já amei. Elas me ensinaram que o prazer não precisa ser pesado e que a alegria não é condenável.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina está em crise. Transformou-se em um shopping center. Querem vender uma vida sem dor, sem doença. Só que quem muito anda na estrada da vida pagará pedágio. Querem tirar esse pedágio. O cliente deixou de ser a pessoa que sofre e passou a ser aquela que quer envelhecer sem ficar velha.

Ser médico é...

Ter empatia com o sofrimento alheio. Se não tem essa capacidade, desista.

Francisco Pedrosa



Francisco de Paula Ramos Pedrosa nasceu nas terras do Engenho Belmonte, na cidade de Vicência, Mata Norte de Pernambuco. Formou-se em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1963 e foi para São Paulo em 1964, onde fez especialização em hematologia no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP). Fez concurso para médico no antigo INAMPS, sendo lotado no Hospital Barão de Lucena, onde criou o Serviço de Oncologia Pediátrica. Em 1979, fez estágio no Sloan-Kettering Memorial Hospital, em Nova York, EUA. Em 1982, viajou para Memphis, no mesmo país, onde fez estágio no St. Jude Children's Hospital, tendo firmado com a entidade um contrato de colaboração (partner) para tratar adequadamente as crianças com câncer em terras brasileiras. Em 1985, fundou o Núcleo de Apoio à Criança com Câncer (NACC) para dar suporte socioeconômico aos pacientes e familiares. Participou, ainda, no Instituto Materno Infantil de Pernambuco (IMIP) e no Real Hospital Português, da criação dos Serviços de Oncologia Pediátrica nas duas instituições.

**É preciso conhecimento,
mas, sobretudo,
comprometimento
para tratar bem nossos
pacientes.**

Por que escolheu ser médico?

Sempre tive vontade de seguir esta profissão. Durante a infância, no interior de Pernambuco, admirava muito o trabalho do médico e esta vontade se consolidou com a leitura dos livros de A. J. Cronin, autor escocês formado em medicina e que escrevia sobre seu trabalho no interior da Inglaterra.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Mesmo com as dificuldades socioeconômicas de nossa região, muito podemos fazer em benefício dos nossos pacientes, mas é preciso lutar e buscar soluções.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Procurar sempre fazer o melhor, não aceitar as dificuldades, enfrentá-las e resolver. Na receita: tomar duas pílulas de teimosia por dia.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Os professores Fernando Figueira, Adonis de Carvalho e Edmundo Ferraz.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, esposa e filhas. O trabalho médico e o voluntário no suporte socioeconômico às famílias de nossas crianças com câncer.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A resolução de doenças até então incuráveis.

Ser médico é...

Ser humano.

Geraldo de Sá Carneiro



O neurocirurgião Geraldo de Sá Carneiro Filho é médico graduado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestre pelo departamento de neuropsiquiatria da mesma instituição. É membro titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e da Sociedade Brasileira de Coluna. Entre seus cargos já ocupados estão o de professor do curso de técnicas de cirurgia da coluna vertebral para brasileiros no Curso BR Neuro no Laboratório de Anatomia – MARC Miami (FL); coordenador de cirurgia da coluna vertebral do programa de residência médica em neurocirurgia do Hospital da Restauração, no Recife; e chefe dos serviços de neurocirurgia nos hospitais Memorial São José, Esperança e São Marcos, todos integrantes da Rede D'OR.

**Aprender é seguir
regras. Experiência é
reconhecer exceções,
provérbio árabe.**

Por que escolheu ser médico?

A vontade de ser médico vem desde a infância. Já era um fascínio e paixão muito incentivada pelos meus queridos pais.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

O que tenho aprendido ao longo de tantos anos é que precisamos ouvir mais as pessoas, reconhecer que somos humildes servos de Deus e que nunca devemos retirar a esperança do próximo.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Eu gosto sempre de usar esse provérbio árabe: “Aprender é seguir regras. Experiência é reconhecer exceções”. Mas o sucesso depende muito da paixão pela profissão. Isso é duradouro.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Admiro muitos médicos ícones como Luiz Fernando Maciel, Glerystane Holanda, Antônio Lopes, Evyo de Abreu e Lima, Roberto Vieira de Melo, Fernando Amaral, Antônio Peregrino da Silva, Denys Nóbrega, Leonardo Arcoverde, Hildo Azevedo, Nivaldo Sena, José Aécio Vieira e Francisco Eustácio.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

É saber que não estou só. Agradeço a Deus todos os dias pela minha família, pela convivência harmônica com os amigos, inclusive no trabalho. Portanto, tenho mais o que agradecer do que reclamar. Gosto de também de bons filmes, livros e músicas dessas que se eternizam.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Tenho certeza de que a tecnologia estará sempre a serviço da medicina para o bem comum, mas cada indivíduo é um mundo, portanto, ouvir e palpar o paciente são atos insubstituíveis.

Ser médico é...

Curar quando possível e nunca retirar a esperança do próximo.

Guilherme Cavalcanti Lima



Guilherme Cavalcanti Lima nasceu em 1975, no Recife. Estudou no Colégio São Luís, graduando-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, em 1998. Dedicou-se a Urologia, iniciando sua formação de Residência Médica em Cirurgia Geral no Hospital dos Servidores de Pernambuco e de Urologia no Hospital Getúlio Vargas. Entusiasta das novas tecnologias, entre 2004 e 2005 fez Fellowship em Laparoscopia e Cirurgia Robótica no Hospital Johns Hopkins, Baltimore, EUA. Mestre em Medicina pelo IMIP, trabalhou no serviço de urologia da instituição por 10 anos. Atualmente se dedica à clínica privada onde realiza Cirurgias Minimamente Invasivas e Cirurgia Robótica em Urologia.

**Você pode ser ousado
no que faz, mas jamais
seja imprudente.**

Por que escolheu ser médico?

Quarto filho de família de médicos, pensei em cursar engenharia eletrônica, mas a medicina me escolheu. A decisão foi motivada por valores inculcados em mim por minha fé e pela família. Ajudar o próximo, independente das circunstâncias, torna a medicina uma das profissões mais gratificantes.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Entendi que, apesar de todos os esforços para salvar, perdas também farão parte do nosso cotidiano.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Respeito aos pacientes e ética com seus pares. Respeite a escolha que faz e a conduza com amor, se esforçando para fazer tudo o que imagine trazer dignidade e alegria ao seu paciente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Minhas maiores inspirações sempre foram meu pai Luciano Lima e meus irmãos Felipe, Luciana e Eduardo por quem nutro admiração pela maneira ética com que se relacionam. Outros nomes, Oscar Coutinho, Chicão, Marcelo Costa Lima, André Dubeux, Evandro Falcão e meu parceiro na Urologia, Antônio Cesar.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família e amigos, minha esposa, meus filhos, que são minha principal motivação para viver; além, é claro, o Santa Cruz.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina do futuro estará cada vez mais vinculada à tecnologia, devendo andar de mãos dadas. Em minha área, a cirurgia robótica melhorou os resultados e minimizou os efeitos indesejados. Porém, nenhuma inteligência artificial poderá substituir a mão amiga, o abraço caloroso e o afago em seu paciente.

Ser médico é...

Ser médico é algo simples. É um sentimento que nos acompanha desde o início da vida. É gostar de gente, das relações humanas, olhar o outro com respeito e tratá-lo com amor e dignidade.

Guilherme Maia



O recifense Guilherme Maia cursou medicina na Universidade de Ribeirão Preto, em São Paulo. Fez residência médica em cirurgia geral e urologia pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP). Ao se aprimorar em urologia, concluiu sua primeira especialização em cirurgia laparoscópica também no IMIP, com fellow pela Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) e, em seguida, capacitou-se no Memorial Sloan Kettering Cancer Center (MSKCC), em Nova York, nos EUA. Em 2014, especializou-se em cirurgia laparoscópica e robótica com um fellowship no Groupe Hospitalier Diaconesses Croix Saint-Simon, na França. Na ocasião, operou o robô Da Vinci, que possui braços articulados e que, sob o comando do médico responsável, é capaz de executar cirurgias minimamente invasivas com o máximo de precisão e eficácia. Após intenso treinamento, conquistou a certificação de operação no Da Vinci Training Center, em Bogotá, na Colômbia. Foi convidado, em 2016, para compor a equipe de cirurgia robótica do Hospital Santa Joana Recife e tem atuação também no IMIP e em sua clínica particular.

**Melhorar é mudar.
Ser perfeito é mudar
com frequência,
-Winston Churchill**

Por que escolheu ser médico?

Cresci numa família de dois grandes médicos, vovô Luiz (Dr. Luiz Tavares, cirurgião cardíaco) e tio Zé (Dr. Jose Aécio Vieira, cirurgião digestivo). Desde muito pequeno, os dois já me chamavam muita atenção, pela forma como se relacionavam com todos, sempre alegres e solícitos. Concluí que o ponto em comum entre os dois era serem médicos e assim sonhei todos os dias em me tornar um pouco parecido com eles.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Humildade, saber se comunicar na linguagem dos pacientes, pensar todos os dias que somos totalmente iguais a qualquer um que nos rodeia. Nunca destratar ou menosprezar ninguém.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

O sucesso depende de diversos fatores, como dedicação, estudo e persistência. Mas, uma boa orientação para tomar decisões certas, estar no local e momento adequados podem ser cruciais para o sucesso. Tive ao longo de minha formação médica a sorte da orientação de tio Zé e a sabedoria de observar e assimilar antes de falar.

Quais médicos pernambucanos você admira?

As minhas grandes referências são Dr. Luiz Tavares (vovô Luiz) e Dr. José Aécio Vieira (meu tio Zé). Porém, vários outros contribuíram para minha formação médica e caráter.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Meus filhos são o motivo de toda dedicação. Curtir a vida de forma simples, leve e rodeada de amigos do bem será sempre a paixão principal que me norteia.

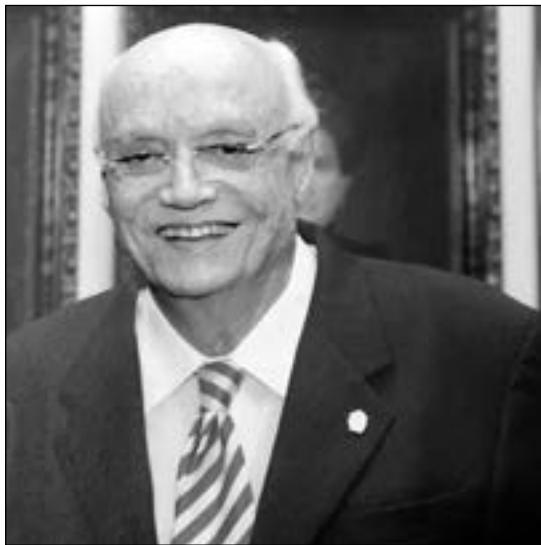
O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

O futuro vai ser pautado por três pontos principais: a genética, com suas terapias preventivas; a inteligência artificial, com diagnósticos super precisos; e a nanotecnologia, com máquinas, robôs e ferramentas minúsculas que causarão pouco ou nenhum dano ao paciente.

Ser médico é...

Humildade, dedicação e resiliência.

Guilherme Robalinho



Um pernambucano comprometido com a saúde dos seus conterrâneos há mais de 50 anos. Assim é conhecido o médico Guilherme Robalinho Cavalcanti. Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com curso concluído em 1963, Dr. Robalinho é especialista em gastroenterologia pela Associação Médica Brasileira. Grande debatedor das questões que envolvem as políticas públicas, foi secretário de saúde do Recife de 1993 a 1998. Assumiu a mesma pasta no Governo de Pernambuco entre 1999 e 2004, sob a gestão de Jarbas Vasconcelos. É professor adjunto da UFPE, no departamento de medicina clínica, e coordena, desde 2005, o Real Gastro, localizado no Real Hospital Português.

**Me realizei em
cuidar das pessoas.**

Por que escolheu ser médico?

Certamente por influência familiar. Meu avô era médico, meu pai também, entre vários outros familiares que seguiram a profissão.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Minha geração, formada nos anos 60, foi privilegiada. Pudemos acompanhar a grande evolução da medicina. A grande lição que fica, para mim, é que a tecnologia mudou o acesso e a possibilidade de cura, mas que continuam sendo indispensáveis as mãos, os olhos e os ouvidos do médico.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Primeiro, saber que, para ser médico, é preciso estudo contínuo. Em segundo lugar, ter humildade para saber que é um ser humano com fraquezas, buscando sempre hipertrofiar seus pontos fortes e cuidar dos seus pontos fracos.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Não posso deixar de falar de Fernando Figueira e do meu tio Nelson Chaves – pessoas marcantes na minha vida profissional. Da minha geração, cito Dr. Carlos Moraes, Dr. Edmundo Ferraz e Dr. Fernando Cordeiro.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A preocupação com a história e política do Brasil. E, como hobbie, gosto muito de música, principalmente jazz, e de jardins.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero que, no futuro, o Brasil adote uma política de saúde racional, que faça com que os avanços cheguem à maior parte da população. Saúde e educação são bens que temos que distribuir igualmente a todos. Sobre a tecnologia, a inteligência artificial já está entre nós. Podemos usar esses recursos em prol da saúde, mas a humanidade na medicina é indispensável. As individualidades de cada paciente, às vezes, nos contam muito mais do que os exames mais modernos.

Ser médico é...

Uma realização profunda. Me realizei em cuidar das pessoas e em formar gerações de novos médicos.

Gustavo Andrade (Pipoca)



Recifense, foi apelidado de Pipoca no Colégio São Luís. Em 1994, iniciou o curso de medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 2000, iniciou Residência Médica em Radiologia e Diagnóstico por Imagem no Hospital das Clínicas, seguida de especialização em Radiologia Intervencionista (RI) na ANGIORAD. Entre 2004 e 2005, realizou estágios em Houston (EUA) e na Fondation Rothschild em Paris. De volta ao Brasil, ingressou na ANGIORAD. Durante 10 anos, dedicou-se ao IMIP, onde montou o serviço de RI e um centro de treinamento. Concursado do Hospital da Restauração, criou o Serviço RIR – Radiologia Intervencionista da Restauração e credenciou junto ao MEC duas residências médicas: Radiologia Intervencionista e Neurorradiologia. Faz parte da diretoria da Sobrice – Sociedade Brasileira de Radiologia Intervencionista e Cirurgia Endovascular desde 2009 e é professor da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande (FCM-FACISA). Em 2019, publicou um livro pela editora Elsevier e encerrou seu doutoramento na Universidade de São Paulo (USP). Palestrante dos eventos mais importantes da especialidade no Brasil e no exterior. Bairrista, nem pensa em sair do Recife.

**Feliz aquele que
transfere o que sabe e
aprende o que ensina.
-Cora Coralina**

Por que escolheu ser médico?

Apesar de ser filho e sobrinho de médicos, a engenharia muito me atraiu. O desafio do vestibular e o convívio familiar falaram mais alto. Decidi no último ano e acertei.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A igualdade. Não interessa classificação ou graduação, somos todos iguais. A classe médica, de forma geral, é soberba. Pura ignorância.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

É difícil escolher entre as tantas áreas da medicina. Alguns escolhem por quesitos fúteis. Porém, terão se abraçado com aquela especialidade por toda a vida. Escolha então a que te dá prazer. Trabalharás com satisfação e o sucesso virá naturalmente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São inúmeros. Para não ser injusto ou esquecer alguém, prefiro falar da admiração por meu pai, Paulo Andrade, médico exemplar. Sinto pelos que já partiram e expresso aqui minha admiração pelo Prof. José Remígio, que tive o prazer do convívio.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A família como alicerce e guia. Viajar e dirigir em países civilizados é um grande prazer. Outras são os cães, sempre fiéis, a música e a aviação.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia tem afastado as pessoas também na medicina. Ela melhora a capacidade diagnóstica e terapêutica, mas esfria o relacionamento humano. Os protocolos e padronizações para redução do risco de processos judiciais enclausuram a atividade médica. Porém, estamos realizando tratamentos cada vez menos invasivos, com ótimos resultados. A Radiologia Intervencionista é uma das especialidades que mais cresce na medicina, mas ainda é pouco conhecida. Em alguns anos, isso mudará com a formação de mais profissionais e a divulgação dos tratamentos minimamente invasivos.

Ser médico é...

Ser parceiro, ajudar, lutar e amortecer o sofrimento.

Gustavo Caldas



Pernambucano, filho de Leni Caldas Pinto Costa e Gildo Pinto Costa, o médico endocrinologista Gustavo Caldas é formado pela Faculdade de Ciências Médicas e fez residência em clínica médica no Hospital Barão de Lucena. Especializou-se em endocrinologia e diabetes no Hospital Saint Bartholomew's, em Londres, entre os anos de 1991 e 1992. Retornando ao Brasil, foi trabalhar no Instituto de Endocrinologia do Recife, no Hospital Santa Joana e, juntamente com os colegas Francisco Bandeira, Luiz Griz e Geísa Macedo, fundou a Unidade de Endocrinologia e Diabetes do Hospital Agamenon Magalhães, que logo se tornou referência nacional e já formou mais de 150 especialistas oriundos de todo o país. É casado com Madalena Caldas, médica especialista em infertilidade, com quem teve dois filhos que estão seguindo os passos dos pais na área médica.

**Experiência não se
ensina, se adquire com
o passar do tempo.**

Por que escolheu ser médico?

Sempre desejei ajudar as pessoas, especialmente em momentos de dificuldade.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Nunca achar que estou 100% certo nos diagnósticos e tratamentos dos pacientes, sempre reavaliar a minha conduta e possíveis diagnósticos diferentes. Todos que abraçarem esta profissão irão passar por momentos de dificuldades e de excesso de trabalho.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Estudar muito e ter paciência, pois experiência e confiança são capacidades que adquirimos ao longo do tempo.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Luiz Fernando Maciel, Chicão, Oscar Coutinho e Henrique Cruz (*in memoriam*).

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Saber que minha família está bem, que meus filhos são felizes com o que fazem e preservar os amigos que fiz ao longo da vida.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A Inteligência Artificial, a robótica e a telemedicina irão impactar definitivamente no futuro. A internet, que nos permite acessar, instantaneamente, publicações científicas, e o avanço da tecnologia na aferição da glicose permitirão um controle mais rígido nos pacientes diabéticos.

Ser médico é...

Dedicar-se a essa profissão praticamente 24 horas por dia. Auxiliar, curar ou pelo menos aliviar o sofrimento daqueles que lhe procuram.

Gustavo Trindade Filho



Gustavo Trindade Filho graduou-se em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez residência e mestrado em medicina interna na mesma instituição. Tem título de especialista em clínica médica pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica e em medicina intensiva do adulto pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira. Foi clínico da emergência do Hospital Agamenon Magalhães entre 1993 e 1994, intensivista da UTI do Hospital da Restauração de 1994 a 1997 e da UTI de doenças infecciosas do Hospital Universitário Oswaldo Cruz de 1997 a 2015. Também atuou na UTI de doenças hematológicas do HEMOPE, entre 2005 e 2015, e do CTI do Hospital Santa Joana Recife, de 1996 até os dias de hoje. Foi coordenador da emergência do Hospital Santa Joana Recife, superintendente médico do Oswaldo Cruz e exerce o cargo de superintendente do Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco (UPE). Foi ainda conselheiro do CREMEPE; membro da diretoria da Sociedade de Terapia Intensiva de Pernambuco e seu presidente entre 2006 e 2009. Desde 2008, é membro da Câmara Técnica em Medicina Intensiva do CREMEPE.

**O amor é a única coisa
que cresce à medida
que se reparte.**

-Saint-Exupéry

Por que escolheu ser médico?

Faço parte de uma família de médicos, onde toda conversa girava em torno de casos, ensinamentos e exemplos de como ser um profissional respeitado. A medicina está no nosso sangue.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Nunca desistir dos objetivos, mesmo diante de adversidades. Sermos persistentes, sem esquecer honestidade e respeito para com os outros.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Para minhas filhas, Eduarda e Alice, e meus sobrinhos: cuidem de sua profissão como cuidam de si e do seu maior amor, de seus pacientes como cuidam de seus entes queridos e de seu ambiente de trabalho como cuidam de sua casa. Trabalhem e estudem, mas também vivam, amem, construam amizades e família. Equilibrem tudo, coloquem amor no que fazem e não se esqueçam das maiores virtudes de um ser humano: gratidão, ética e honestidade.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meus pais Carminha e Gustavo e meus irmãos Antônio, Dolores e Alice, exemplos de dedicação à profissão e à família; minha esposa Luciana Gurgel Trindade Henriques, excelente companheira, mãe, amiga e grande incentivadora. Meu cunhado, Fernando Gurgel, gênio em tudo que faz; e meus amigos Lígia Arruda e Odin Barbosa, colegas que sempre me orientaram e apoiaram.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, amigos e viagens.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Que a melhor tecnologia seja cada vez mais acessível para ser aplicada à prática clínica de forma humana, ética e respeitosa para cada paciente, dentro de suas necessidades e perspectivas individualizadas, com objetivo de cuidar das pessoas e não necessariamente das doenças.

Ser médico é...

Partilhar a vida com os outros, conter seus anseios e transmitir confiança e esperança.

Hermilo Borba Griz



Nascido no Rio de Janeiro, Hermilo Borba Griz sempre teve o sonho de ser médico e se interessou pelos assuntos relacionados ao corpo humano. Aos 13 anos, atendeu ao convite de um primo, anestesista, para assistir a cirurgias. A partir daí, a vontade aumentou. O garoto começou a fazer “cirurgia” em sapos. Utilizava éter para anestesia, via órgãos e suturava. O jovem ingressou na faculdade de medicina em 1986. Na época, queria ser cirurgião cardíaco. Bastante apegado a avó, Débora, acompanhava de perto as cirurgias cardíacas a que era submetida. Observava o tratamento dado pelo médico Rostand Paraíso, regado a cuidado e carinho. Foi apresentado ao Dr. Escobar, cirurgião cardíaco do Hospital Português, dando início a um estágio em sua equipe. Após a formatura, em 1991, fez residência em clínica médica no Hospital Oswaldo Cruz e depois em cardiologia, no mesmo local. Nesse período, iniciou atividades na urgência e na UTI do Hospital Santa Joana. Em 2001, começou no serviço de cardiologia onde permanece até hoje. No Hospital Agamenon Magalhães, é preceptor da residência em cardiologia.

A arte na medicina às vezes cura, de vez em quando alivia, mas sempre consola.

Por que escolheu ser médico?

Escolhi ser médico para servir, saber o melhor caminho não só para a cura, mas também para acolher e confortar quem me procura.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Ser humilde diante do paciente e seus familiares. Que temos que nos colocar no lugar dele para melhor entender seus sentimentos e suas angústias e, assim, tratá-lo melhor.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Trate o paciente, o ser humano, não a doença. Procure escutar com atenção, toque-o, veja o paciente como um todo e não apenas um órgão. Somos médicos de pessoas, não de doenças. *Primum non nocere!* Antes de tudo, não cause dano, não prejudique o paciente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Luiz Fernando Salazar, exemplo de professor; Rostand Paraíso, minha inspiração para ser cardiologista; Carlos Antônio Mota Silveira, por toda oportunidade que me ofereceu; Sérgio Montenegro e Luiz Griz, exemplos de bondade; Eustácio Vieira, gratidão pelo período que estou no Santa Joana Recife; Carlos Frederico Lopes, cientista; Maria das Neves, exemplo de defesa do paciente; Luiz Ataíde, para mim o pai da neurologia em Pernambuco; e Wilson Oliveira, exemplo de humildade.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, minha esposa Fátima e meu filho Rafael. Sou também beatlemaníaco (tive o prazer de subir ao palco do show Paul McCartney) e amo vinho. Até concluí um curso de Sommelier.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Sem dúvidas a tecnologia facilita muitos diagnósticos, mas é apenas um exame complementar. O que me preocupa é que muitos médicos trocam uma boa anamnese por exames de imagens e o pior, querem “tratar o exame” e não o paciente. Os avanços, se não forem bem utilizados, podem “afastar” o médico do paciente.

Ser médico é...

Olhar o outro com respeito e tratá-lo com amor e dignidade.

Isabela Coutinho Neiva



Isabela Coutinho Neiva é médica ginecologista e obstetra. Graduou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1994. Fez mestrado em Saúde Materno Infantil pelo IMIP em 2002 e doutorado em cirurgia pela UFPE em 2007. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Saúde Materno Infantil do IMIP, foi gestora da Maternidade Dia da instituição, no período de 2009 a 2015, além de preceptora da residência médica em tocoginecologia, na enfermagem de gestação de alto risco e no pré-parto. Ocupou o cargo de técnica de políticas de saúde da mulher da Prefeitura do Recife de 2013 a 2016, até assumir a direção geral do Hospital da Mulher do Recife, em maio de 2016. O hospital é referência na assistência humanizada em todos os seus serviços, incluindo parto e nascimento. Em dezembro de 2019, Isabela Coutinho coordenou a abertura da ala de alto risco da unidade, um marco na história da saúde em Pernambuco.

**Sucesso é partilhar
sentimentos e emoções.**

Por que escolheu ser médica?

Eu tinha uma ligação muito forte com o meu avô, o médico Arthur Coutinho, e acho que essa admiração me inspirou nessa decisão. Além da vontade que sempre tive de ajudar as pessoas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Precisamos estar sempre atualizados e conectados com as inovações e avanços, que se revertem em melhores resultados para nossos pacientes. Mas, a maior lição é que somos seres humanos iguais aos que tratamos, podemos padecer das mesmas doenças e morrer das mesmas causas. Por isso, devemos tratá-los da forma como gostaríamos de ser tratados.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Para mim, sucesso é estar bem comigo mesma, na vida pessoal e profissional. É ter uma postura honrada e procurar ser um modelo positivo para as pessoas. Ser humilde, estudiosa para absorver novos conhecimentos e generosa para transmitir o que sei aos que estão começando na profissão.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meu avô Arthur Coutinho, minha grande inspiração. Meu eterno chefe, Dr. Luiz Carlos Santos, um homem sábio; Ana Porto, que foi minha preceptora no IMIP; Melania Amorim, com toda a sua coragem; Leila Katz, uma grande mulher e médica; e tantos outros que ficaram de fora porque é impossível citar todos.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família! Ter um tempo para relaxar e ler. Gosto demais do mar e do sol, que me revigoram, e de me relacionar com meus amigos, sair e conversar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero que ela volte um pouco a ser a medicina do passado. Que a gente possa ter tempo para conversar, fazer um exame clínico acurado. E, sobre as inovações tecnológicas, são muito bem-vindas. Chegam para tornar o diagnóstico mais claro e, conseqüentemente, o tratamento mais eficaz.

Ser médica é...

Uma das coisas que eu mais me orgulho na vida.

Izabel Christina Haig de Carneiro



Izabel Christina Haig de Medeiros Carneiro é recifense, formada em medicina pela atual Universidade de Pernambuco (UPE), em 1976. Fez residência médica no Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Médica concursada pela mesma instituição, teve sob o seu comando, por anos, o Ambulatório de Ginecologia Endócrina e Planejamento Familiar, sendo preceptora da residência. Também fez parte da junta médica da UFPE. Foi coordenadora da maternidade do Hospital Santa Joana, e trabalhou no Instituto de Reprodução Humana. Atualmente atua em clínica privada como ginecologista, com um olhar direcionado à parte da endocrinologia ginecológica.

**Medicina é dedicar a
vida a cuidar dos outros,
praticando amor ao
próximo em sua essência.**

Por que decidiu ser médica?

Convivi com um tio obstetra que eu admirava muito pela postura que adotava, pela generosidade, paciência e tratamento respeitoso com as pacientes. Ao comentar sobre os partos que realizava, deixava-me totalmente encantada. A decisão de ser médica despontou desde cedo.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Tomei como lição que a humanização adquirida pela profissão, a disponibilidade do profissional, a confiança e a boa relação médico-paciente são fatores que influenciam na recuperação do paciente.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Dedicação, honestidade, disponibilidade, veracidade, amor e paixão à profissão, e procura constante por atualização nas questões da medicina e áreas afins.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Tenho admiração eterna pelos meus mestres do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que me ajudaram a realizar o sonho de ser tocoginecologista, e pelos meus parceiros, de várias especialidades da medicina.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O amor à minha família, que sempre esteve ao meu lado me apoiando em todas as missões e desafios.

O que esperar da medicina no futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia possibilita diagnósticos mais precisos e rápidos. Além disso, o intercâmbio entre médicos, por consequência também da telemedicina, torna as condutas mais acertadas. O universo da genética abre caminhos inimagináveis. Na área cirúrgica, destaco a robótica, que é um segmento que oferece maior segurança e exatidão às cirurgias. Assim, podemos até inferir que, no futuro, as mãos do cirurgião serão as garras da robótica. Mas, sem esquecer a importância da relação médico/paciente.

Ser médica é...

Ter paixão, amor, doação, dedicação ao próximo. É olhar o ser humano com respeito e dignidade, é abdicar de seus prazeres, é lutar pela vida de outros como se fosse a sua. Ser médica, para mim, é uma realização plena e sublime.

João Bosco de Oliveira Filho



Natural de Arcoverde, interior de Pernambuco, João Bosco de Oliveira Filho é médico-cientista com mais de 15 anos de experiência em genética e imunologia, formado em medicina pela Universidade de Pernambuco (UPE). Fez residência em clínica médica pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e especialização e pós-doutorado em imunologia clínica e laboratorial pelo National Institutes of Health, nos EUA. Também tem doutorado em patologia clínica pela Universidade de São Paulo (USP) e Ph.D. em imunologia experimental pela Universidade de Amsterdã. Foi ainda codiretor do setor de Genética e Imunologia do departamento de medicina laboratorial do National Institutes of Health, nos EUA. Tem vasta experiência no uso das novas tecnologias de sequenciamento genético para uso diagnóstico e para a descoberta das causas genéticas das doenças raras e hereditárias. Em 2013, fundou no Recife um dos laboratórios pioneiros na área de genética de alta complexidade no Brasil, a Genomika Diagnósticos, hoje Laboratório Genomika-Einstein, com unidades em vários estados brasileiros.

**Eu não falhei. Apenas
encontrei 10.000 maneiras
que não funcionam.
-Thomas Edison**

Por que escolheu ser médico?

Nasci em Arcoverde e, no interior, àquela época, só existiam três profissões no imaginário popular: médico, advogado e engenheiro. Escolhi ser médico.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que você pode se reinventar quantas vezes quiser. Basta querer e se preparar.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Nunca tive como objetivo o sucesso. Acho que é um mau começo. Minha meta sempre foi saber mais (que todos, de preferência) e fazer bem, cuidando com empatia (que não precisou ser aprendida). Achei uma área que me fazia brilhar os olhos e me dava gana de aprender e me dediquei intensamente. Acho que essa receita é praticamente infalível, havendo força para perseverar e trabalhar.

Quais médicos pernambucanos você admira?

O meu principal mentor foi Dr. Francisco Trindade Barreto (Chicão), que me inspirou a fazer imunologia, a não estudar o óbvio e a cuidar de pessoas, não somente de doenças. Outros que me inspiraram durante a formação foram Carlos Moraes, Fernando Moraes, Clézio Sá Leitão, Sérgio Gondim, Virgílio Lucena, Iran Costa e Norma Filgueira. Todos aliavam o mais alto conhecimento técnico com o carinho e o cuidado à beira do leito.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha esposa, Christianine, e meus três filhos, Filipe, Davi e Clara. Todos os meus momentos vagos são ocupados com eles, com amigos e irmãos. É o meu elixir para relaxar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Estamos passando por um momento de revolução na medicina. Ferramentas como inteligência artificial vão substituir algumas funções médicas e nos ajudar na tomada de decisão e revisão de todo o conteúdo de literatura, instantaneamente. Teremos mais tempo para o que é importante: cuidar e criar.

Ser médico é...

Ter múltiplas possibilidades de carreira.

João Wanderley



O médico pernambucano João Wanderley estudou no tradicional Colégio São Luís. Seguindo os passos do pai, o cardiologista Frederico Wanderley, formou-se em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez residência médica no Hospital Barão de Lucena e especialização em cardiologia no Hospital Oswaldo Cruz. No Royal Brompton Hospital, maior centro médico especializado em coração e pulmão no Reino Unido, fez fellow em cardiologia. É preceptor de clínica médica do Hospital Barão de Lucena, além de atuar, também, no Instituto do Coração de Pernambuco – Incor/PE.

Viva uma vida plena.

Por que escolheu ser médico?

Nunca me imaginei fazendo outra coisa. Minha família tem vários médicos, meu avô era pediatra e meu pai também é médico. Convivi com muitos amigos deles, que são na sua maioria da área. Sempre admirei a profissão e as pessoas com quem eu convivia.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Por mais que se estude e se viva, sempre há uma lição nova a se aprender. E a lição mais importante é que temos que manter a humildade, a capacidade de ouvir, tanto os pacientes e quanto os colegas, e respeitar suas opiniões. A medicina é um aprendizado eterno e nela não existe verdade absoluta.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Em primeiro lugar, não se preocupar com sucesso. Trabalhar e estudar muito, se dedicar e fazer o que gosta, sempre. Com isso não há erro. Dedique-se plenamente aos estudos, aos pacientes, faça o seu melhor. O sucesso é você tratar bem os seus pacientes e, mesmo que não os cure, sempre ter uma palavra de carinho e de conforto em situações difíceis.

Quais médicos pernambucanos você admira?

O meu pai, Frederico Fernando Lapa Wanderley.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, o futebol, o Náutico e a medicina.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Penso que a medicina do futuro vai sofrer uma influência muito positiva da tecnologia, é uma coisa que vem para ajudar o médico e o paciente. Só temos que ter cuidado para não abandonar a medicina tradicional. A tecnologia tem que ser uma aliada do médico e das práticas já bem estabelecidas. O computador, o robô, vêm para ser um adicional ao que nós temos hoje e melhorar a qualidade de assistência e de vida do paciente. Afinal, não estamos tratando de objetos, mas sim de pessoas. O caráter humano não deve ser substituído pela máquina.

Ser médico é...

Um sacerdócio.

Jorge Pinho Filho



Jorge Pinho Filho, filho único, nasceu no Recife, em 1956. De origem simples, morou no bairro do Sítio Novo, em Olinda, em um “quarto”. Ao lado dos pais, mudou-se, mais tarde, para a casa da avó e da tia, no bairro de Campo Grande, na capital pernambucana. Com a ajuda familiar, estudou no Colégio Nóbrega, construindo grandes laços de amizade até a conclusão da formação básica. Já na vida adulta, fez a primeira residência médica no Rio de Janeiro, em cancerologia – Cirurgia Oncológica – atuando, por dois anos, no Hospital de Oncologia (hoje Instituto Nacional do Câncer – INCa2-RJ). Passado algum tempo, também se qualificou em outra residência, desta vez em cirurgia de cabeça e pescoço, além da pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica – PUC – RJ. Foi contratado como médico staff, onde permaneceu até o final de 1987. A partir dali, retornou para o Recife, iniciando sua trajetória no Hospital do Câncer de Pernambuco (HCP).

**A ignorância não
duvida, porque
desconhece que ignora.
Provérbio português.**

Por que escolheu ser médico?

Meu sonho de estudar medicina partiu da experiência do meu pai, que chegou até o quinto ano, mas, devido ao alcoolismo, abandonou o curso no seu último ano. Eu queria mostrar para ele que o filho conseguiria dar continuidade ao seu sonho. Infelizmente, ele me viu passar no vestibular, mas não conseguiu ver a minha formatura, vindo a falecer.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Entendemos que o juramento, em suma, é de respeitar e priorizar a vida humana e, cada vez mais, procurei me qualificar no intuito de salvar vidas a qualquer preço, usando todo o meu conhecimento. Contudo, nem sempre é possível, pois o milagre da vida é de dominância divina.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Determinação, foco e disciplina, além de insistir, persistir e não desistir!

Quais médicos pernambucanos você admira?

Admiro os professores Luis Tavares da Silva, Antônio Simão dos Santos Figueira Filho (Tota Figueira), o Dr. José Aécio Fernandes Vieira, entre outros.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O mundo do vinho e a tecnologia.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A ultrassonografia continuará sendo importante e vencerá as barreiras, diferenciando o osso do fluido e do ar. Participará nas decisões emergenciais, realizando trombólise nos AVCs. A genômica ganhará força na medicina convencional e, se Deus quiser, teremos o sequenciamento de todo o genoma para identificar doenças. O futuro da saúde está se formando diante de nossos olhos, principalmente por meio de tecnologias digitais, como inteligência artificial, impressão 3D, robótica ou nanotecnologia.

Ser médico é...

Caminhar com determinação e saber que você, para estar bem formado, necessitará, pelo menos, de sete a quinze anos.

José Aécio Fernandes Vieira



Nascido em Uiraúna, criado em Patos na Paraíba, veio para Recife adolescente para estudar no colégio Padre Félix (1956) e Faculdade de Medicina (UFPE) 1959/1964. Pós-graduação: Hospital Pedro II, 2 anos com o Professor Hindenburg Lemos: Cirurgia Abdominal. Pós-graduação por 2 anos em Cirurgia Abdominal nas Universidades de Oxford e Londres. Staff cirurgião dos Hospitais Agamenon Magalhães e Hospital Oswaldo Cruz de 1967 até 1997, quando se aposentou. Clínica Particular nos Hospitais Santa Joana e Memorial São José. Foi sócio-fundador, junto com seus dois irmãos, Sávio Fernandes Vieira e Eustácio Fernandes Vieira, juntamente com alguns amigos médicos, de vários empreendimentos na área da saúde muito importantes para a construção e consolidação do polo médico de Pernambuco, tais como a Casa de Saúde e a Clínica Santa Helena, o Hospital Santa Joana, o Hospital Memorial São José, a Maximagem Diagnóstico por Imagem, a Medix, o Hemonefron, a Hemato, o Cendor – Centro de Tratamento da Dor, NEOH Memorial etc.

**Sacrifique se preciso o
seu lazer em benefício
dos que dependem do
seu dever.**

Por que escolheu ser médico?

Uma tendência familiar.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprendi muito com a profissão. O dever e a responsabilidade que passa por uma verdadeira entrega no cumprimento das suas funções e isto lhe conduz a algumas renúncias na sua vida pessoal e familiar, dadas as peculiaridades que o dever profissional lhe impõe.

Qual receita do sucesso, você prescreveria para quem está começando?

Trabalho, muito trabalho, prudência e ser preparado profissionalmente na especialidade escolhida.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Pernambuco sempre foi berço de notáveis médicos. Por diferentes critérios e soma de qualidades, escolhi:

A. O mais importante médico pernambucano de todos os tempos, professor Luiz Carvalho Tavares da Silva (1916-1994), excelente cirurgião. Professor de cirurgia do tórax e coração das duas faculdades, pioneiro, empreendedor, diretor da Faculdade de Ciências Médicas por 12 anos, responsável

e negociador para a transferência dessa instituição das suas antigas e modestas instalações da Rua Benfica para as adequadas condições do Hospital Oswaldo Cruz, onde se encontra até hoje. Enxadrista famoso, grande mestre internacional, foi campeão brasileiro na década de 1950.

Professor honorário do Real Colégio Inglês de Cirurgia. Na universidade de Oxford, com seu prestígio, firmou convênio que por muitos anos recebeu doutorandos de medicina de Pernambuco para concluir o curso médico.

Mantinha estreitos e respeitosos contatos com famosos centros de cirurgia do coração na Universidade de Londres, Universidade de Leeds, Universidade do Texas e outras.

Publicou e participou de inúmeros trabalhos científicos no Brasil e no exterior. Em São Paulo, onde se formou, também cursou a Faculdade de Matemática, tendo concluído até o terceiro ano.

Pesca, mergulho, xadrez, motocicleta, fotografia e pintura eram seus hobbies prediletos, além de frequentar os estádios, de vez em quando, para ver o Santa Cruz jogar.

B. Dr. Cyro de Andrade Lima, um mestre, um

missionário na medicina, da paz e da família, da vida! É um conjunto completo.

C. Professor Hindenburg Tavares de Lemos, um mestre, um virtuoso cirurgião, uma cultura.

D. Professor Fernando Simão dos Santos Figueira, visionário e empreendedor. IMIP que por si só, merece indicação. Professor Aluísio Bezerra Coutinho, Professor de Patologia, matemático, físico, filósofo. Um sábio.

Todos esses são incomuns, extremados profissionais, criadores e com especiais qualidades intelectuais e pessoais.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, meus irmãos, filhos, netos e amigos. Curto muito esportes e viagens (curtas) com a família.

O que espera da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Será melhor, cada vez menos invasiva e com diagnósticos mais precisos, máquinas mais rápidas, mais precisas e muito menores, e teremos a cura do câncer. Equipamentos portáteis ou semiportáteis, notadamente aquele mundo tecnológico que depende de novas descobertas, novos materiais.

Continuaremos as eras do alumínio, aço e silício, estamos agora no aguardo de uma nova era que poderá ser a do grafeno, material derivado do grafite que tem sido muito estudado e com aplicações infinitas no futuro tecnológico e eletromagnético no mundo inteiro, inclusive no Brasil. O isolamento deste revolucionário material e suas fantásticas qualidades valeu o Nobel de Física em 2010 para dois ingleses de Manchester.

Ser médico é ...

Preparo profissional, caráter e dedicação.



**Toda a medicina é
feita de experiências.**

Quintiliano



José Henrique Moura



Pediatria especialista em neonatologia, o pernambucano José Henrique Moura concluiu o curso de medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1987. Fez mestrado e doutorado pela mesma instituição, em saúde da criança e do adolescente e em ensino médico, respectivamente. É médico neonatologista do Hospital das Clínicas no setor de neonatal, onde também atua como preceptor da residência médica. É coordenador da UTI Neonatal do Hospital Memorial São José e membro do comitê executivo da Sociedade de Reanimação Neonatal da Associação Brasileira de Pediatria.

Cem vezes, todos os dias, lembro a mim mesmo que minha vida interior e exterior depende dos trabalhos de outros homens, vivos ou mortos, e que devo esforçar-me a fim de devolver na mesma moeda que recebi.

Albert Einstein

Por que escolheu ser médico?

Sempre tive uma curiosidade grande pelo funcionamento do corpo humano. Vi na medicina uma oportunidade em poder ajudar o outro.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que todos são iguais, independente da classe social, religião ou nível cultural, e merecem nosso respeito. Aprendi e internalizei a prática de ter a visão do outro e enxergar o problema pelo lado de quem o está expondo. Aprendi que sempre vamos nos deparar com situações diferentes e que a calma deve prevalecer. Exercitar essa calma é um grande aprendizado.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Que seja simples. Vá em busca do conhecimento e compartilhe-o em prol da melhora da saúde de todos. Enxergue a dor do outro e tente “ver o invisível” para ajudar no que for possível.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Impossível nomear todos eles. Começaria pela minha esposa, Sandra Araujo, que cuida de crianças com câncer com uma dedicação incrível. A Dra. Gisélia Alves, minha orientadora no TCC, mestrado e doutorado. O Dr. Cyro de Andrade Lima, um exemplo a ser seguido. Admiro também meus amigos que trabalham na UTI neonatal. Horas e horas se dedicando a detalhes e procurando dar o melhor.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Gosto de esportes - tênis, basquete e futebol - e de descansar na praia. Mas gosto mesmo de ver gente ajudando gente na vida. Isso me emociona e me ajuda seguir.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Na área da neonatologia, a tecnologia avança em prol da sobrevivência de bebês mais prematuros. Espero que continue avançando e que possamos vencer as dificuldades do presente. Mas, espero também que a sensibilidade dos médicos não seja engolida pelos aparelhos.

Ser médico é...

É colocar sentimento e amor ao cuidar da saúde do seu paciente.

José Iran Costa Júnior



Natural de Várzea Alegre, no Ceará, José Iran Costa Júnior mudou-se para o Recife aos 13 anos. Formou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fez residência em clínica médica no Hospital Getúlio Vargas e especialização em oncologia no Hospital das Clínicas. É especialista em oncologia clínica pela Sociedade Brasileira de Cancerologia (SBC), Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) e é membro da American Society of Clinical Oncology (ASCO). É mestre em medicina interna pela UFPE e doutor em oncologia pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA). Em 2012, assumiu a direção do Hospital de Câncer de Pernambuco, período em que a unidade retomou seus programas de residência e pesquisa científica, além de tornar-se referência em cirurgia oncológica no Brasil. Foi secretário estadual de saúde de 2015 a 2019, na gestão Paulo Câmara. Cofundou, em 2007, a Neoh Memorial, clínica que se tornou referência no tratamento oncológico e hematológico no Nordeste e que, em 2016, passou a integrar o Grupo Oncologia D'or, braço da Rede D'or São Luiz, maior grupo hospitalar do país.

**Quem um dia irá dizer
que não existe razão
nas coisas feitas
pelo coração?**

Por que escolheu ser médico?

Desde cedo eu acompanhava meu pai nas visitas aos pacientes e aos hospitais. Sua forma de conduzir a profissão me inspirou, além da possibilidade de trabalhar com pessoas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Na medicina, o campo é muito vasto – pesquisa, assistência, gestão, docência – e isso é fonte de aprendizado constante. Porém, a maior lição que aprendi foi cada vez mais escutar, ouvir, ser solidário com os pacientes e não ser distante das pessoas.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

As qualidades que encontrei nos vencedores foram: investir numa formação sólida, saber se reinventar e estar disponível sempre. Mas penso que o maior desafio de qualquer profissional é ser adaptável, pois a medicina e a vida são muito dinâmicas.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Entre os que já se foram, Cícero Costa, José Remígio Neto e Edmundo Ferraz. Entre os que estão aqui, Sérgio Gondim, Ricardo Bandeira, Oscar Coutinho, Norma Figueira, Jurema Telles e meus sócios e amigos médicos. Na gestão, Aécio e Eustácio Vieira, Antônio Carlos Figueira, Adelino Santos Neto, Cristina Mota,

Tereza Campos, Filipe Bitu, Fernando Augusto e Evyo de Abreu e Lima, o que mais me inspirou e ajudou. Mas meus maiores professores foram meus pais, Iran e Iolanda Costa, e meus irmãos, Guilherme e Andrea.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O que mais me move e renova é estar com minha família, viajar com eles e com amigos. E tenho um desafio com minha esposa Carol de desenvolver nossos filhos, Heitor, Camila e Vitor, e isto tem sido desafiador e fascinante.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina como é hoje vai se transformar completamente. A telemedicina e inteligência artificial vieram para ficar e nos levarão a locais antes inatingíveis fisicamente.

Ser médico é...

Estudar muito, se reinventar, escutar as pessoas e estar disponível.

José Luiz de Lima Filho



Nascido no Recife, José Luiz de Lima Filho cursou medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), formando-se em 1983. Em seguida, fez doutorado em bioquímica e microbiologia na Escócia, na Universidade de St. Andrews. De volta ao Brasil, atuou como professor de bioquímica na UFPE. Também passou por temporadas em países, como Alemanha, Japão e Estados Unidos. Atualmente, é diretor do Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA-UFPE), cargo que ocupa desde 2000. Além disso, coordenou o desenvolvimento de vacinas contra o HIV, desenvolveu métodos de diagnóstico molecular com a Universidade de Nagasaki e Canon Medical, entre outras dezenas de pesquisas nos últimos anos. Já formou mais de 100 mestres e doutores, sendo alguns destes ex-alunos professores e pesquisadores de universidades no Brasil e no exterior. Recebeu o primeiro prêmio latino em biotecnologia junto com o Instituto Superior Técnico de Portugal e o título de Grã-Cruz da Ordem do Mérito Científico.

**Uma das maiores
alegrias da vida é fazer
o próximo feliz.**

Por que escolheu ser médico?

Para ajudar e minimizar o sofrimento das pessoas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Como é bom ver o sorriso e alegria das pessoas quando podemos, através da ciência e da medicina, proporcionar-lhes uma melhor qualidade de vida as pessoas.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Trabalhar com paixão, fazendo o que gosta com base na ciência. Sempre que possível, dividir o conhecimento, pois assim estaremos multiplicando os resultados.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Amaury Coutinho, Gouveia de Barros, Miguel Doherty, Hildo Azevedo, Sandra Mattos, entre tantos outros amigos e grandes cientistas.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

As pessoas, qualidade de vida, artes e ciência!

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Em um futuro breve, teremos a medicina personalizada como um dos principais avanços, com diagnósticos moleculares realizados pelo celular enviados ao seu médico e tudo isso com baixo custo. Os medicamentos terão como base vetores que farão o organismo produzir substâncias ausentes em nosso genoma. Teremos também terapia transgênica. Esses são alguns avanços em uma grande lista para os próximos anos.

Ser médico é...

Cuidar das pessoas, fazendo elas felizes!

José Rocha de Sá



Primeiro radiologista em Pernambuco com residência médica, José Rocha de Sá formou-se em medicina pela Universidade de Ciências Médicas do Recife em 1962. Fez residência em radiologia no Rio de Janeiro em 1963. De volta ao Recife, seu primeiro emprego foi no Instituto de Radioterapia Ivo Roesler. José Rocha de Sá inaugurou a primeira unidade de radiologia chamada Clínica Radiológica e Ultrassonografia Ltda, localizada na Avenida Visconde de Suassuna, em 1968. O médico também inaugurou o primeiro tomógrafo de corpo inteiro do estado em 1982, dentro do Real Hospital Português. Membro titular do Colégio Brasileiro de Radiologia, foi homenageado pela instituição com uma placa de honra ao mérito por sua atuação e pelo espírito empreendedor na área de diagnóstico por imagem há mais de 50 anos.

**Uma boa medicina só é
feita quando primeiro se
consegue atender
às necessidades
básicas do ser humano.**

Por que escolheu ser médico?

Saí da alfabetização, lá da Lagoa do Forno, na Paraíba, e não tinha uma intenção direta em ser médico. Busquei algo que me fizesse sentir bem-estar. Eu convivia com médicos, achava bonito e interessante você fazer uma especialidade da qual se orgulhasse. É uma coisa que você seleciona sem muito impacto, primeiro acha a especialidade atraente, acha ser médico uma coisa bonita e que te dá prazer em exercer, daí você vai desenvolvendo suas aptidões.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

O maior aprendizado mesmo é dar a um ser humano a condição de ser tratado, fazer o bem ao próximo e se dedicar àquelas pessoas que são mais necessitadas.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

A medicina não é uma escolha definitiva, ela vai pelo que você sente, a atração que você vai desenvolvendo e, principalmente, o ambiente em que você está. Se você se encontra em um local onde tem condições de trabalho, condições de viver e condições de ser útil, então, a medicina se torna uma coisa atraente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Paulo Meireles.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Equitação e criar cavalos.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina não tem limites. Ela evolui com o momento. O médico trabalha em equipe e todos são importantes. Dentro de uma equipe médica, não há diferença entre o mais velho ou mais novo, mais estudioso ou menos estudioso. Você vai selecionar o médico realmente pela atenção que ele dá, pela capacidade que ele tem de se envolver com você na sua doença, na sua necessidade e ser uma pessoa útil em todos os momentos.

Ser médico é...

Ser uma pessoa do trabalho, da cultura e do exemplo também. Esse exemplo vem dos seus familiares e das pessoas com quem você trabalha.

Jucille do Amaral Meneses



O sonho de fazer pediatria sempre esteve presente na vida da médica pernambucana Jucille Meneses. Formou-se em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1986. Fez mestrado em saúde da criança e do adolescente na mesma instituição e doutorado em saúde materno infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP). É professora adjunta da disciplina de pediatria da UFPE. Atualmente também coordena a residência em pediatria com área de atuação em neonatologia do IMIP. É membro da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e instrutora do programa de reanimação neonatal da instituição. Atua, principalmente, em temas como distúrbios respiratórios do recém-nascido, reanimação neonatal e assistência perinatal.

**Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês“, diz o Senhor. Planos de fazê-los prosperar e não lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro.
-Jeremias 29:11**

Por que escolheu ser médica?

Desde pequena brincava de ser pediatra. Portanto, escolhi ser médica para poder realizar esse sonho.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Respeitar o próximo, principalmente os menos favorecidos.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Estudar bastante! Ouvir sempre o paciente e ficar atento aos pequenos detalhes. Olhar sempre o paciente como um todo.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Fernando Figueira, Adeildo Simões, Giselia Alves da Silva.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Adoro viajar, ler um bom livro e tomar um bom vinho.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Esperamos muito da medicina do futuro, que avança muito rapidamente, com seus inúmeros benefícios. Apesar dos avanços tecnológicos serem úteis, sempre será fundamental uma boa anamnese e um detalhado exame físico. É preciso ficarmos atentos para que a tecnologia não influencie na arte da medicina.

Ser médica é...

Um sentimento que acompanha a gente desde criança. É gostar das relações humanas e amar sua arte. É sentir-se realizado e confiante que fez o melhor para o seu paciente. É enfrentar inúmeros obstáculos e não desistir. E, mesmo nas condições mais adversas, fazer o seu melhor.

Júlio Lustosa



Júlio Lustosa formou-se em medicina na Universidade de Pernambuco (UPE) em 1997. Sempre demonstrou interesse pela neurocirurgia, sendo acadêmico voluntário no Hospital da Restauração desde o segundo ano da faculdade. Concluiu residência na área em 2002, mesmo ano em que passou a integrar a equipe da enfermagem de neurocirurgia do Hospital da Restauração. Em 2003, começou a atuar também no Hospital Memorial São José. Em 2007, realizou fellowship em neurocirurgia funcional e tratamento da dor crônica em São Paulo. Em 2015, inaugurou o CenDor, Centro Especializado de Neurocirurgia e Dor, grupo responsável pelo ambulatório de dor crônica e controle da dor nos pacientes internados no Hospital Memorial São José e que, posteriormente, chegaria também aos hospitais Esperança e São Marcos. Em 2016, iniciou fellowship em tratamento clínico e intervencionista da dor no CenDor. É preceptor da residência de neurocirurgia do Hospital da Restauração, responsável pelo ambulatório de neurocirurgia funcional, tratamento cirúrgico dos distúrbios de movimento e dor refratária. É sócio e atende na clínica Neuron.

**Não existe um caminho
para a felicidade.
A felicidade é o caminho.
-Mahatma Gandhi**

Por que escolheu ser médico?

A medicina sempre me fascinou, tanto pelo interesse que desde criança eu tinha pelo corpo humano e seu funcionamento, a investigação e os tratamentos das doenças, como pela oportunidade de ajudar as pessoas, aliviando o sofrimento físico e psicológico.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Uma boa anamnese e exame físico são mais importantes na investigação e sucesso no tratamento das enfermidades do que qualquer exame complementar sofisticado.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

É necessária uma formação teórica e prática sólida e atualização científica constante. Porém, é imprescindível olhar o paciente nos olhos, ouvir atenta e pacientemente suas queixas, entendendo o contexto físico, mas também psíquico e social no qual ele está inserido, pegar na mão e se mostrar solidário ao seu sofrimento.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São muitos os que me ensinaram, inspiraram e ainda inspiram. Professores, preceptores, colegas trabalho que contribuíram e contribuem com seus ensinamentos e exemplos de vida. Entre eles, Dr. Hildo Azevedo, Geraldo Sá Carneiro, Dra. Lucia Brito, Luiz Fernando Maciel, Dr. Henrique Cruz (in memoriam), Dr. José Aécio Vieira.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família e meus amigos, vivo rodeado deles. São a minha grande paixão.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Acho que teremos grandes avanços no campo da genética e da imunologia, o que ampliará ainda mais a compreensão e o tratamento das doenças. A nanotecnologia e a robótica serão mais desenvolvidas, com contribuições nas áreas de diagnóstico e cirurgia. Na neurocirurgia, a estimulação de áreas específicas do cérebro será utilizada para fins mais amplos e de forma mais difundida, como obesidade e depressão.

Ser médico é...

Enxergar o paciente para além da patologia.

Justiniano Othon Luna



O médico Justiniano Luna é formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo concluído o curso em 1990. Ainda no terceiro ano da graduação, após presenciar uma aula da disciplina de gastroenterologia, visualizando as imagens do tubo digestivo pela endoscopia digestiva, despertou o interesse pela especialidade. Realizou residência médica em gastroenterologia, com especialização em endoscopia digestiva, pela Universidade de São Paulo (USP). Após a residência, teve passagem pelo Saint Bartholomew's Hospital e Saint Mark's Hospital, ambos na Inglaterra. Atualmente, é médico com especialização em gastroenterologia pela Federação Brasileira de Gastroenterologia (FBG) e especialista em endoscopia digestiva pela Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva (SOBED), estando como diretor médico da Endogastro, serviço de endoscopia digestiva e terapêutica, com unidade em Santa Joana Diagnóstico e no Hospital Santa Joana Recife. Também é preceptor da residência médica em endoscopia digestiva do Hospital da Restauração.

Sessenta anos atrás, eu sabia tudo. Hoje sei que nada sei. A educação/aprendizado é a descoberta progressiva da nossa ignorância.

-William Durant

Por que escolheu ser médico?

A escolha da profissão médica partiu do desejo de poder ajudar o próximo.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A maior lição aprendida nesses quase trinta anos de profissão foi saber escutar meus pacientes. Isso me ajuda na linha de raciocínio para adequar o melhor exame ou tratamento.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

A receita do sucesso na medicina é exercê-la plenamente e com muito coração em tudo o que faz.

Quais médicos pernambucanos você admira?

A medicina pernambucana é destaque no Brasil e no exterior. Tenho em minha área admiração especial pelo professor Fernando Tarcísio Miranda Cordeiro, como grande formador de toda uma geração de gastroenterologia, e o Dr. Francisco Eustácio Fernandes Vieira, que trouxe a tecnologia da videoendoscopia para o Brasil, bem como implantou em Pernambuco uma administração hospitalar moderna, com alta tecnologia e humanização para os pacientes. Atualmente, temos como destaque o Dr. Admar Borges da Costa Júnior, diretor médico do Centro de Endoscopia Digestiva do Hospital da Restauração, um grande centro formador de novos profissionais na área.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A grande paixão da minha vida é a minha família, ela me dá o alicerce que preciso para exercer a medicina.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia está, atualmente, muito presente na medicina, na prevenção das enfermidades e abordagens menos invasivas para os diversos tratamentos.

Ser médico é...

Vivenciar totalmente a sua profissão, com olhar amplo para todas as classes sociais.

Leila Beltrão



A médica Leila Beltrão ingressou na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1978. Fez residência em clínica médica e em gastroenterologia no Hospital Barão de Lucena e estágio em hepatologia na unidade de fígado da Universidade de São Paulo (USP). Em 1989, fez fellowship em hepatologia no Institute of Liver Studies do King's College Hospital da Universidade de Londres, na Inglaterra. Após o término, ingressou no doutorado (PhD) na mesma universidade, retornando para o Brasil em 1994. Em 1998, voltou para a mesma instituição londrina, dessa vez para realizar o pós-doutorado. De volta ao Recife, realizou, em 2000, concurso para professora titular de gastroenterologia da Universidade de Pernambuco (UPE), tornando-se a primeira mulher e a mais jovem professora titular de gastroenterologia do Brasil. Com o apoio de empresários pernambucanos, fundou, em 2005, o Instituto de Fígado e Transplantes de Pernambuco – IFP, para atendimento aos pacientes do Sistema Único de Saúde – SUS, onde exerce o cargo de diretora presidente até os dias atuais, em paralelo às suas atividades médicas e docentes.

**Deus quer,
o homem sonha,
a obra nasce.
-Fernando Pessoa**

Por que escolheu ser médica?

Passei minha adolescência certa de que seria arquiteta. Mudei para a medicina no último ano do então científico. Vivenciei a medicina em casa por ter em meu pai um médico de referência e ampliei o meu desejo de ajudar e poder salvar vidas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que nada resiste ao trabalho e que a gratidão é dívida que não prescreve.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Acredite nos seus sonhos! Nunca desista deles. Este poema oriental resume uma prescrição contínua: “Homens fortes criam tempos fáceis e tempos fáceis geram homens fracos, mas homens fracos criam tempos difíceis e tempos difíceis geram homens fortes”.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Victorino Spinelli, Amaury Coutinho e Alcides Bezerra.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A música, a jardinagem e a decoração. Talvez reflexo da “arquiteta” escondida dentro de mim.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Será um grande desafio. A máquina e o homem se completam, mas digo sempre aos meus alunos e residentes, jovens profissionais de hoje, que a tecnologia não pode ser soberana às mãos, aos olhos, aos ouvidos e à palavra presencial do SER chamado MÉDICO.

Ser médica é...

Ter o dom da arte de curar. Os homens são médicos do corpo, Deus é “médico” da fé e, os dois juntos, são médicos da ALMA.

Leonardo Arcoverde



Leonardo Arcoverde estudou no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE.) No final do Ensino Médio, seguiu para intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos e, ao retornar, prestou vestibular para medicina, sendo aprovado na UFPE e na Universidade de Pernambuco (UPE), então FESP, optando pela segunda. Tão logo concluiu, passou para a residência médica no Instituto Nacional do Câncer. Durante este período, fez pós-graduação em cirurgia de cabeça e pescoço na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Retornando ao Recife, assumiu, após concurso, vaga de especialista no Hospital de Câncer de Pernambuco, onde permanece até hoje. Nesse hospital, foi diretor médico e superintendente geral. Posteriormente, chefiou o departamento de ensino e o departamento de cirurgia de cabeça e pescoço, onde hoje faz preceptoria da residência médica. Em paralelo, fez preceptoria na otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas. Atualmente, também coordena o serviço de cirurgia de cabeça e pescoço do Hospital Esperança Recife.

**Servir ao próximo
indiscriminadamente tanto
na função de médico quanto
na vida, respeitando as
diferenças e fazendo desse
servir a essência da vida.**

Por que escolheu ser médico?

Ainda adolescente, tinha comigo a firme convicção de ser médico e de fazer da medicina uma história de vida. Me encantava com tudo que se referia a saúde e mais especificamente a cirurgia.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Algumas lições aprendidas com grandes mestres, outras conquistadas pelas múltiplas experiências vividas. Lamentavelmente, a medicina no Brasil muda com a classe social, e as atitudes idem. Essa diferença nos obriga a ter maior sensibilidade no trato com os pacientes de baixa renda. A intuição e a dedicação precisam ser ampliadas.

Que receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

É preciso uma autoavaliação para saber a sua capacidade de doação, a capacidade de se dedicar de forma diuturna. Fazer a profissão exige uma condição de gostar muito do que faz.

Quais médicos Pernambucanos você admira?

Tive uma enorme admiração por Frederico Carvalheira, por Edmundo Ferraz, Luis Tavares, Jaime de Queiroz Lima e, dos ainda ativos, admiro muito Dr. Chicão, Fernando Benício, Hildo Azevedo e muitos outros colegas.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Tenho paixão pela família, alimento que me fortalece muito, e viajar pelo mundo conhecendo povos, culturas e arte.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Na medicina, o futuro está sempre presente. Ser um bom médico é sempre acompanhar a evolução do mundo. Sou aficionado por novas tecnologias e faço uso de todas. Minha mais nova paixão é a cirurgia robótica que estou fazendo com entusiasmo juvenil.

Ser Médico é...

Saber aliar a profissão com entusiasmo e muito trabalho e se dedicar, com humildade e generosidade, a tratar pessoas como objetivo de vida.

Lucia Brito



Maria Lucia Brito Ferreira tem graduação em medicina e residência médica pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e especialização em neurologia pelo Queen Square Hospital, em Londres, Reino Unido. Atualmente é neurofisiologista do Centro de Neurologia do Real Hospital Português, neurologista do Ministério da Saúde, supervisora do programa de residência médica em neurologia do Hospital da Restauração e coordenadora do Centro Estadual de Referência para Atenção a Pacientes Portadores de Doenças Desmielinizantes do Hospital da Restauração (CRAPPDD-HR). É especialista em neurologia, nas áreas de doenças desmielinizantes, com ênfase em esclerose múltipla, e sonologia. Entre o foco das suas atividades estão doenças como as arboviroses, com importantes avanços na área de neurociência. Já publicou diversos artigos científicos, com abrangência nacional e internacional.

**Ser médico é
olhar o outro com
respeito e dignidade.**

Por que escolheu ser médica?

Pelo entendimento de que é uma profissão de doação.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que o acolhimento ao paciente e a família são passos importantes para a aderência e participação ativa, desde a construção do diagnóstico ao sucesso do tratamento. É válido mesmo diante de doenças muito graves e com poucas opções de tratamento.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Primeiramente ouvir, entender quando intervir, esclarecer os passos para o diagnóstico e decidir a conduta a ser seguida.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meus professores durante a formação profissional, pelo conhecimento, dedicação e humanização.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Música, viagens. Buscando sempre vivenciar o dia a dia de cada lugar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero a inclusão de ferramentas que ajudarão a compreender mecanismos de doenças pouco conhecidas até o momento, e que podem influenciar conquistas terapêuticas inovadoras e de sucesso. É inevitável a inclusão desses serviços tecnológicos no cotidiano dos profissionais de saúde, especialmente na área de neurologia. A probabilidade de avaliação, discussão e procedimentos entre equipes, utilizando as novas tecnologias, fará evoluir e melhorar consideravelmente.

Ser médica é...

Gostar de gente, das relações humanas, olhar o outro com respeito e dignidade. É abnegação, renúncia, resiliência e sabedoria ao longo da trajetória profissional.

Lúcia Salerno



Sertaneja, nascida em Patos, na Paraíba, Lúcia Salerno mudou-se para Recife na adolescência, para cursar medicina. Na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apaixonou-se pela cardiologia. Em São Paulo, fez residência em clínica médica na Escola Paulista de Medicina e cardiologia no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, onde ficou por 15 anos. Chegou como residente e, em 2001, chefe da UTI Pediátrica daquela instituição, aceitou o desafio de voltar para o Recife e coordenar a cardiologia pediatria e a ecocardiografia do Hospital Esperança. No mesmo ano, tornou-se coordenadora da cardiologia da Fundação Altino Ventura e, em 2014, cardiologista pediátrica no Hospital das Clínicas. Pela sua ação em prol das crianças cardiopatas, recebeu a medalha Heroínas de Tejucupapo, da OAB/PE, em 2013. É casada com Pedro Salerno, cirurgião cardiovascular, e mãe de Juliana, Carolina e Pedro, todos médicos.

**Tudo vale a pena
quando a alma
não é pequena.
-Fernando Pessoa**

Por que escolheu ser médica?

Queria seguir o exemplo de três tios médicos que muito admirava. E os livros de A.J. Cronin, que escrevia sobre a vida de um jovem médico, me inspiraram a seguir a profissão.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que devemos tratar todos os pacientes da melhor maneira que estiver ao nosso alcance, sem distinção, para que possamos dormir com a certeza de que fizemos o melhor.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Dr. Euclides de Jesus Zerbini dizia: “Nada resiste ao trabalho”. Logo, tenha foco, acredite nos seus sonhos e trabalhe para concretizá-los. Acima de tudo, nunca desista deles.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Drs. Manuel Sávio Fernandes Vieira, José Aécio Vieira e Francisco Eustácio Fernandes Vieira, fundadores da Clínica Santa Helena e do Hospital Santa Joana. Drs. Marcelo Ventura e Ronald Cavalcanti, que fundaram o Hospital de Olhos do Recife. Dr. Ênio Cantarelli, fundador do Pronto Socorro Cardiológico de Pernambuco. Minha irmã, Dra. Liana Ventura, a primeira oftalmologista pediátrica do Brasil cujo trabalho humanitário na Fundação Altino Ventura me enche de orgulho.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A paixão pela minha família, que é a essência do meu ser. A paixão pelos livros, viagens e filmes.

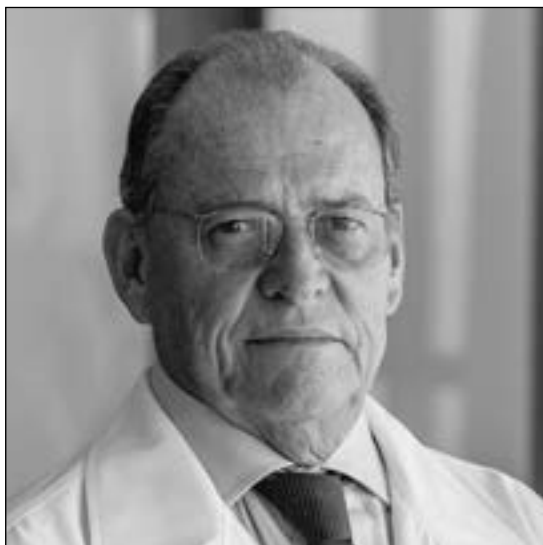
O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Há uma revolução em termos do conhecimento médico e de máquinas mais modernas, rápidas e menores. Já é possível pensar em órgãos feitos com impressoras 3D e a cirurgia robótica é uma realidade. O foco não será apenas na cura, a medicina será preventiva, buscando a relação entre hábitos de vida e estado de saúde das pessoas.

Ser médica é...

O ar que respiro. É o sonho de toda uma vida. É a vontade de aprender e fazer parte das mudanças. Vibrar quando conseguimos salvar o paciente ou chorar de impotência diante do fim.

Lucilo Ávila



**Ser médico é ter o
prazer em ajudar
outras pessoas.**

Formado em medicina pela Universidade de Pernambuco (UPE) em 1973, Lucilo Ávila Júnior é pernambucano, filho de um alagoano com uma portuguesa, e pai de uma família numerosa: são sete filhos e 12 netos. Especialista em radiologia pelo Colégio Brasileiro de Radiologia, foi pioneiro de uma história que envolve competência e muita dedicação. Há 40 anos, fundou o Centro Diagnóstico Lucilo Ávila Jr., referência em radiologia no Norte/Nordeste e que recebeu, recentemente, a qualificação do Programa de Acreditação de Diagnóstico por Imagem (PADI). Com perfil agregador, o médico tem na família o seu bem maior. Sua primeira esposa, Maria Eduarda Rego Pessoa, faleceu em 1986, quando já tinham quatro filhos: Fábio, Adriana, Mirela e Camila. Posteriormente, casou-se com Jerusa Ávila, também viúva, que já tinha três filhos: Mariana, Roberta e Renata. Em 2017, Lucilo e Jerusa formalizaram o processo de adoção socioafetiva de todos os filhos, que hoje possuem os nomes de ambos em suas certidões de nascimento, junto com os nomes dos pais biológicos. Uma trajetória coerente, baseada no amor e no cuidado.

Por que escolheu ser médico?

Pela vontade de tratar as pessoas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Humildade e vontade de sempre fazer o melhor.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Mergulhe profundamente com respeito e amor.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família e pescaria.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero grandes progressos e procuro os avanços tecnológicos sempre.

Ser médico é...

Ter o prazer em ajudar outras pessoas.

Luiz Fernando Maciel



O recifense Luiz Fernando de Andrade Maciel graduou-se em medicina aos 23 anos, em 1966, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por três anos, trabalhou como assistente voluntário na clínica médica, sob a orientação do professor Amaury Coutinho. Fez pós-graduação em gastroenterologia na Universidade de Oxford, no Reino Unido. De volta ao Brasil, trabalhou no Hospital Agamenon Magalhães como chefe de clínica médica e da medicina interna, onde havia sido criado um hospital-escola, com internato e residência, junto com um grupo de colegas, além de um serviço de UTI pioneiro no Nordeste e espaço de fomento à pesquisa científica. Há mais de cinquenta anos, atende como clínico geral e gastroenterologista em consultório e hospitais privados, tendo participado, com seu trabalho, dos fundamentos do atual Polo Médico do Recife.

**O acolhimento carinhoso
e seguro sempre
será fundamental
no processo da cura.**

Por que escolheu ser médico?

Um excelente médico de família impressionou-me profundamente, pela maneira competente e carinhosa com que resolvia nossos problemas de saúde. Tomei esse ideal para mim.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A importância do bom relacionamento com os pacientes e de se colocar como um aliado na resolução da dificuldade de saúde deles e de seus familiares, pois a doença atinge não só o paciente, mas toda a família.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Atualizar os conhecimentos, ter disciplina nos afazeres e colocar-se no lugar do paciente, tratando-o como gostaria de ser tratado.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Entre outros, Cyro de Andrade Lima, Francisco Trindade Barreto, Alcides Bezerra, Luciano Gesteira Costa, Geraldo de Sá Carneiro, Hilda Azevedo, Otelo Schwambach e Evyo de Abreu e Lima.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A leitura, sempre. E esportes náuticos, até algum tempo atrás.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero a diminuição do sofrimento com procedimentos invasivos e proporcionar diagnósticos mais precisos de forma mais simples. No entanto, vale destacar que o fator humano, o acolhimento carinhoso e seguro sempre será fundamental no processo da cura.

Ser médico é...

Estar sempre disponível, acolhendo o paciente e aliando-se a ele, na busca da cura e alívio do sofrimento.

Luiz Griz



Luiz Griz se formou em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco em 1978 e fez residência no Hospital Agamenon Magalhães. Especializou-se na Unidade de Metabolismo Ósseo do City Hospital, na Nottingham University, na Inglaterra. Obteve o título de especialista em Endocrinologia e Metabologia pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia em 1986. É professor adjunto do Departamento de Medicina Clínica, disciplina de Endocrinologia, da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco (UPE). Foi presidente da Sociedade Brasileira para o Estudo do Metabolismo Ósseo e Mineral e da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia/Regional PE, além de secretário geral da Associação Brasileira de Avaliação Óssea e Osteometabolismo. É membro da American Endocrine Society, American Association of Clinical Endocrinologist, American Society of Bone and Mineral Research, Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e Associação Brasileira de Avaliação Óssea e Osteometabolismo. É mestre pela UPE, doutor pela Fundação Oswaldo Cruz e Fellow pelo American College of Endocrinology.

**A vida é uma peça de teatro
que não permite ensaios.
Cante, chore, dance, ria e
viva intensamente, antes que
a cortina se feche e a peça
termine sem aplausos.
-Charles Chaplin**

Por que escolheu ser médico?

Porque sempre foi meu sonho desde adolescente. Ser médico é preocupar-se direta e essencialmente com o ser humano, em toda sua complexidade. Vejo como a mais nobre e humanitária de todas as profissões.

Qual a maior lição aprendida em sua vivência na profissão?

O esforço e a dedicação são recompensados pela sensação do dever cumprido!

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Ter conhecimento científico e nunca se afastar do seu compromisso ético, social e humanístico.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dr. Francisco Trindade (Chicão), Luiz Fernando Maciel, Oscar Coutinho, Évio de Abreu e Lima.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O convívio com minha família, o gosto pela leitura, música, viajar e assistir aos jogos do meu querido Sport Club do Recife.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Muita tecnologia e avanços no campo da genética, possibilitando diagnósticos mais rápidos das doenças e tratamento mais efetivo.

Ser médico é...

Tentar melhorar a qualidade de vida das pessoas, aliviando seu sofrimento e tentando restaurar a sua saúde.

Madalena Caldas



A pernambucana Madalena se formou em medicina aos 24 anos, em 1986, pela Universidade de Pernambuco (UPE) e já vislumbrava a reprodução assistida ao escolher a ginecologia e obstetrícia como especialidade. Especializou-se em vários cursos nos Estados Unidos e na Europa e, em 1999, iniciou a vida empreendedora com sua própria clínica, onde desde então vem implantando todas as tecnologias e tratamentos disponíveis no mundo da reprodução assistida. Hoje, o Grupo Geare, sob sua direção, é um dos maiores centros de reprodução assistida da América Latina, com mais de seis mil ciclos realizados e mais de dois mil bebês nascidos. Em sua vida pessoal, casou-se com o também médico Gustavo Caldas há 25 anos e, dessa união, frutificaram dois filhos, Catarina e Lucas, que seguem os mesmos passos e o amor pela medicina.

**Ser feliz
é um ciclo!**

Por que escolheu ser médica?

Eu sempre gostei de cuidar de pessoas. Acho que a saúde é o fator fundamental para que a felicidade delas seja efetiva. O caminho natural foi a medicina.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A maior lição que a medicina me ensinou é a humildade e a resiliência. Conhecer e aceitar que os limites humanos e da ciência nos tornam impotentes quanto aos resultados.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Aos novos médicos, eu diria para focarem na humanização do paciente. Antes de tudo, há uma pessoa na frente deles.

Quais médicos pernambucanos você admira?

O médico pernambucano que mais admiro é meu esposo, Gustavo Caldas, pela eficiência, humanidade, empatia e carinho com seus pacientes. Também cito a admiração por Sylvia Lemos Hinrichsen, pelo amor à pesquisa e por tudo que tem feito pela medicina pernambucana.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O que me move é o verbo conhecer: as pessoas, lugares, culturas, arquitetura, arte, novas tecnologias, pesquisas e métodos. Relacionar todos esses conhecimentos é o que me move.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina do futuro será regida pela inteligência artificial, que nos surpreenderá com avanços e com ferramentas que ainda não imaginamos, o que desafiará os profissionais a uma adaptação rápida e principalmente a manterem a humanização, a preocupação genuína com o ser humano e com a experiência que ele deve vivenciar no atendimento e procedimentos médicos.

Ser médica é...

Cuidar e buscar constantemente o conhecimento em prol das pessoas.

Manoel Emídio Leão



Nascido em Alexandria, município no interior do Rio Grande do Norte, em 1950, o médico Manoel Emídio de Souza Neto, mais conhecido como Dr. Leão, viveu até os nove anos na pequena cidade potiguar. Kursou o secundário entre Patos, na Paraíba, e Natal. Chegou ao Recife para cursar medicina na atual Universidade de Pernambuco (UPE), formando-se em 1975 como orador da turma. Fez residência em cirurgia plástica pelo serviço do professor Perseu de Castro Lemos. Faz parte do quadro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica desde 1977, já tendo participado de inúmeros congressos como membro e palestrante. Atualmente, atende em consultório médico e é consultor de cirurgia plástica do Hospital Santa Joana, no Recife.

**A humildade é a mãe
de todas as virtudes.
Ela alimenta o coração
e fortifica a razão.**

Por que escolheu ser médico?

Meu pai, Antônio Fernandes Mousinho, era médico e desde criança tive uma grande admiração por essa profissão. Eu me espelhei na figura paterna como um caminho a ser seguido para minha vida.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Uma grande lição de vida que a profissão me ensinou é que a humildade é a mãe de todas as virtudes. Quando o trapezista acha que está na sua acrobacia mais alta, maior é a queda.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Devemos ser humildes para entender e proceder com nossos pacientes, essa é a receita do sucesso.

Quais médicos pernambucanos você admira?

A medicina pernambucana é uma vitrine de estrelas de grandes magnitudes e realmente é difícil escolher uma pequena constelação. Mas colocaria o meu mestre cirurgião plástico, professor Perseu de Castro Lemos; os ortopedistas e professores Cláudio Oliveira, José Rodrigues e Jairo Andrade Lima; o amigo e primo Eustácio Vieira; meu anestesista Roberto Kirzner; e meu paraninfo Ney Cavalcanti. Entre tantos, por esses profissionais eu tenho a maior estima e consideração.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Certamente, o amor pela família e a arte de mensurar a beleza nas pequenas coisas e gestos são obsessões que me motivam diariamente.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Nesses 45 anos de profissão, posso dizer que vi transformações dentro da medicina que eram, de início, inimagináveis e em uma aceleração geométrica, fato que nos leva a pensar que, no futuro, teremos uma revolução total na cura das doenças e que, talvez, a “fonte da juventude” tão procurada por Ponce de León esteja mais perto do que se imagina.

Ser médico é...

Se entregar de corpo e espírito na arte de ouvir, curar, vibrar, sorrir e chorar junto aos seus pacientes.

Marcello Pontual



Marcello Pontual nasceu em 1942, filho de Sylvio Amorim Pontual e Irene Didier Pitta Pontual. Estudou o primário no Grupo Escolar João Barbalho e fez o curso ginásial no Colégio Marista, ambos no Recife. Foi aprovado no vestibular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em janeiro de 1961. Em 1964, fez exame para acadêmico estagiário do Hospital de Pronto Socorro do Recife, ficando em primeiro lugar. Fez residência médica em pediatria no IMIP, de 1967 a 1968. Em fevereiro de 1969, foi nomeado professor auxiliar de ensino da UFPE, exercendo suas atividades no IMIP. Concluiu o mestrado em pediatria em 1976 e prestou concurso para especialista em pediatria e, posteriormente, para nefrologia pediátrica. Em 1982, foi para o Hospital das Clínicas, onde começou a trabalhar como médico voluntário atendendo crianças carentes, função que continua exercendo até a atualidade.

**Quem não
carrega uma cruz
não merece
uma coroa.**

Por que escolheu ser médico?

Ficava encantado com a arte de tratar um paciente. Quando um médico curava uma criança achava lindo e emocionante.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A necessidade de confortar todo paciente, principalmente os mais necessitados, e estar sempre atualizado.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Muito estudo, boa formação ética, fazer pós-graduação, humildade e tratar bem o paciente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Entre os que já se foram, Fernando Figueira, Amaury Coutinho, Salomão Kelner e Helena Moura. Além de João Guilherme Alves, Ruben Schindler Maggi, Evyo Abreu e Lima e Cyro de Andrade Lima.

Quais paixões te movem na vida além da medicina?

Minha família e o tênis.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A médio e longo prazos, os robôs terão um lugar de destaque na medicina. Como consequência, muitos médicos perderão seus empregos.

Ser médico é...

Gratificante.

Marcelo Cabral



Recifense, o médico Marcelo Cabral trabalha no Hospital Esperança Recife. Formado na Universidade de Pernambuco (UPE), com residência médica no Hospital das Clínicas de Pernambuco (HC/UFPE), tem pós-graduação em geriatria pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pelo Mount Sinai Hospital, em Nova Iorque. Atualmente, é presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, seccional PE, e geriatra do corpo clínico do Hospital Albert Einstein de São Paulo, sendo a referência no estado de Pernambuco.

Cada um de nós tem o direito de se sentir realizado com o trabalho que faz e de voltar para casa com a sensação de que contribuiu para algo maior que si mesmo.

Por que escolheu ser médico?

Provavelmente, o motivo principal tenha vindo de forma inconsciente, por ter nascido numa família de médicos conceituados. A admiração por essas pessoas nortearam a escolha da minha profissão.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Escutar e se colocar no lugar do próximo é a melhor maneira de fortalecer uma relação médico-paciente. Uma relação fortalecida é a chave para um diagnóstico e tratamento precisos.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Acho que não existe fórmula de sucesso, mas você precisa de talento, gostar muito do que faz e buscar o máximo de conhecimento técnico.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Primeiramente, o meu avô Rinaldo Azevedo, que já partiu, mas tenho certeza de que caminha ao meu lado. Uma pessoa de origem simples, mas que, através dos estudos, fundou a Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. O meu tio, Fernando Azevedo, por sua empatia e doação ao próximo. Também Daniel Kitner, que abriu meus olhos para a geriatria, e Virgílio Lucena, que me ensina até hoje, conhecimentos além da medicina.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, o mar e vinhos. Sempre que possível, tento juntas as três paixões.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina 4.0 já é uma realidade. Acredito que, se usada corretamente, trará mais precisão no diagnóstico e tratamento dos pacientes, principalmente para os menos favorecidos. Na época da descoberta dos raios X e, depois, das radiografias, achava-se que não mais se precisaria dos médicos. Engano. A partir daí, surgiu uma nova especialidade, a radiologia, uma ferramenta indispensável até os dias atuais.

Ser médico é...

Estudar e se dedicar diariamente ao próximo. Enxergar que atrás de cada patologia existe um ser humano, se emocionar com cada conquista do paciente, lutar sempre pela vida.

Marcelo Ventura



Filho do renomado oftalmologista Altino Ventura, Marcelo Ventura seguiu os passos do pai graduando-se em medicina pela Universidade de Pernambuco (UPE). Completou a sua formação na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e cursou Fellow em Retina e Catarata na Universidade de San Juan, em Porto Rico (EUA). Fez mestrado profissionalizante em administração da prática oftalmológica na Universidade Federal de São Paulo e doutorado em oftalmologia e ciências visuais. Integra o Conselho Brasileiro de Oftalmologia desde 1980. É cofundador e atual presidente da Fundação Altino Ventura, organização sem fins lucrativos com enorme legado e impacto social. Também é cofundador e diretor do Hospital de Olhos de Pernambuco (HOPE), inaugurado em 1996, e fundou, em 2000, o Hospital Esperança. Entre outros reconhecimentos nacionais e internacionais, recebeu, em 2015, nos EUA, o Prêmio Honor Guest, da Sociedade Americana de Cirurgia de Catarata e Refrativa (ASCRS), sendo o primeiro médico do Norte/Nordeste do Brasil a receber a honraria.

**O dia em que não se
aprende algo novo
é um dia desperdiçado.**

Por que escolheu ser médico?

Meu pai, Altino Ventura, oftalmologista de grande sucesso, sempre me encantava com suas histórias. Dizia ele: “a felicidade de recuperar a visão de alguém não se pode descrever com palavras, tem que ser vivida”. Isso foi decisivo para a minha escolha e por ser apaixonado pelo que faço. Testemunho milagres todos os dias.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Nós, oftalmologistas, não temos direito de tirar a esperança de alguém enxergar. Ninguém fica cego, mas pode estar sem ver. Estar cego é uma sentença para toda a vida, porém estar sem ver é temporal. Acredito que, aquilo que nós, oftalmologistas, ainda não podemos curar, as novas gerações o farão. Resolver a cegueira é questão de tempo. Aceitar uma cegueira evitável seria o mesmo que reconhecer a derrota da nossa profissão.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Gostar de pessoas e ser solidário. Ter foco no seu objetivo de vida. Fazer da profissão um lazer, pois quanto mais você se diverte, mais você se realiza e ganha dinheiro sem trabalhar. E aprender algo novo todos os dias.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, o mar e viajar em boa companhia. Ser professor e gestor voluntário na Fundação Altino Ventura.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Negar o novo só por ser novo é um equívoco. Inteligência artificial, telemedicina, teleducação e telegestão são áreas estratégicas para o sistema de saúde universal e integralização de regiões remotas. Neste cenário, o médico continuará sendo essencial. O que aprendemos está mudando em grande velocidade e nada será como antes. Temos que reaprender tudo outra vez.

Ser médico é...

Participar ativamente do grande milagre que é a vida. É ajudar a preservar e recuperar a saúde, maior patrimônio do ser humano, sem horários e limites, fazendo o seu melhor a cada dia.

Márcia Azevedo



Nascida em uma família com raízes no sertão do Pajeú, Márcia Azevedo seguiu a tradição familiar e tornou-se médica pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluindo em 1981. Escolheu abraçar cardiologia, sendo aprovada no concurso para residência médica no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, onde permaneceu por quatro anos. Retornando para Recife, fez concurso para a Secretaria de Saúde, atuando como preceptora de clínica médica, e passou a integrar a equipe de cardiologia do Hospital Santa Joana, ocupando a coordenação da multiemergência por quase 30 anos. Fez pós-graduação na Oxford University, na Inglaterra. Em 2011, foi convidada para coordenar o serviço de pronto atendimento do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) e, em 2013, tornou-se docente da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), descobrindo a magia de partilhar conhecimentos e contribuir para a formação de jovens médicos. É mãe de Bernardo e Henrique, fonte de grande orgulho.

**Tudo em minha vida
tem grande significado,
uma história, um valor
e um porquê.
Eu faria tudo novamente.**

Por que escolheu ser médica?

Meu pai era médico, e tive o privilégio de me formar quando ele completava seus 40 anos de profissão. Foi um grande mestre e me ensinou a ser médica. Jamais pensei em fazer outra coisa.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Usar a medicina para aliviar o sofrimento do outro faz com que a gente entenda que a fragilidade humana é imensa.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Não existe uma receita. Acredito que, como diz um grande colega de profissão, nós podemos escolher entre ser um bom ou um mau exemplo. O que posso falar para os jovens médicos é: sigam os bons exemplos.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Entre aqueles que já se foram e olham por mim lá de cima, meu pai e grande mestre, Hildo Azevedo, e meu irmão, Marcelo Azevedo, grande cirurgião geral e professor. Também o Dr. Henrique Cruz e a Dr^a. Nilbe Victor, grandes expoentes na vida profissional. Entre os que ainda estão entre nós, tenho uma lista imensa, mas cito meu irmão Hildo Azevedo Filho, a minha irmã caçula Rosinha, minhas cunhadas Alite e Cecília, meus sobrinhos que hoje também exercem a profissão lindamente – Renata, Fernanda, Rafael, Gabriela, Juliana. Todos tiveram nos ancestrais da nossa família grandes exemplos.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Plagiando uma grande colega médica, faço da minha profissão um hobby. Também amo viajar e conhecer o mundo.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

O futuro é construído no aqui e agora. A gente só pode viver o futuro estando de corpo e alma no nosso presente. Já a medicina está em constante mudança e não podemos deixar de acompanhar essa evolução. O que precisa ser mantida é a compaixão, o olhar e o cuidado com o outro como nós gostaríamos que tivessem conosco. Toda a tecnologia não vai, jamais, dar lugar a este olhar.

Ser médica é...

Manter a motivação interna de querer cuidar, olhar, tratar e estar sempre a postos para se doar.

Marconi Meira



Natural de Afogados da Ingazeira, no interior de Pernambuco, o médico Marconi Meira passou, na infância, por diversas outras cidades brasileiras antes de chegar ao Recife, na década de 70. Ingressou no curso de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1976, formando-se em 1981, e fez residência médica em cirurgia geral, seguida de mestrado em cirurgia abdominal, além de vários cursos durante a sua formação, incluindo passagem pelo Baylor College of Medicine, em Houston, no estado americano do Texas. Atualmente, é chefe de cirurgia no Hospital Memorial São José – Rede D’Or São Luiz, no Recife, e chefe do Serviço de Cirurgia Geral e da Residência em Cirurgia do Hospital dos Servidores do Estado de Pernambuco, onde se dedica ao ensino desde o início da década de 90. É também professor de cirurgia no curso de medicina da UNINASSAU. É titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica e se mantém em plena atividade na cirurgia geral, digestiva, bariátrica e robótica.

**Once you stop learning,
you start dying.**
-Albert Einstein

Por que escolheu ser médico?

Não sou de uma família de médicos e, portanto, não tive esta influência na minha decisão. Talvez, por ter convivido com doenças de amigos na infância e outras suspeitas de doenças graves do meu pai, tenha tido esta influência para diminuir a angústia do desconhecimento sobre os problemas de saúde, assim como para ter oportunidade de ajudar o próximo sempre que possível.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Procurar ser paciente e entender as necessidades dos outros.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

O ponto inicial é o amor pela profissão e, de fato, entender que ser médico é diferente. É abdicar de muitas situações de conforto, é sempre buscar atender e entender o problema do outro, estudar sempre e ser um profissional ético, o que, inexoravelmente, vai resultar no reconhecimento dos colegas e da sociedade.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Não cito nomes para não ser injusto. Temos excelentes profissionais que participaram, inclusive, da minha formação médica e ética, em várias especialidades.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A convivência com a família e com os amigos verdadeiros é um impulso para continuar a vida. Admiro muito e adoro jogar golf, um esporte especial e um excelente lugar para conhecer pessoas além dos seus pares de profissão.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina do futuro terá muitas mudanças e as doenças, principalmente as que hoje tratamos com cirurgia, terão um desfecho diferente. O tratamento médico será personalizado pelo genoma e a manipulação genética modificará a humanidade. Os avanços tecnológicos impactam diretamente, pois conseguimos otimizar e minimizar a agressão aos nossos pacientes com procedimentos minimamente invasivos, a exemplo da cirurgia robótica.

Ser médico é...

Ser dedicado, ser ético, ser gente.

Maria Ângela Rocha



Maria Ângela Wanderley Rocha nasceu no município de Catende, no Agreste de Pernambuco, em 1948. É filha de Euclides de Araújo Rocha e de Maria Augusta Wanderley Rocha. Formou-se pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE), em 1971. Tem como especialidade principal a infectologia pediátrica. Na formação acadêmica, fez mestrado em medicina tropical na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com foco no estudo sobre o tétano neonatal. Em sua trajetória, recebeu diversos prêmios e homenagens, tendo reconhecido o desempenho do seu trabalho. Atualmente, é professora das disciplinas de doenças infecciosas e parasitárias, na UPE, e chefe do setor de infectologia pediátrica do Hospital Oswaldo Cruz. Também coordena, desde 1996, o Centro de Referência de Imunobiológicos Especiais de Pernambuco (CRIE/PE). É membro de diversos comitês, incluindo o da construção do Plano Nacional de Imunizações (PNI). Participou ativamente em diversos congressos, simpósios e conferências e escreveu capítulos de livros e revistas, nacionais e internacionais.

**Na medicina,
como na vida, é
importante se colocar
no lugar do outro.**

Por que escolheu ser médica?

Meu objetivo sempre foi fazer o curso de medicina e nunca, concretamente, pensei noutra profissão. Meu pai era médico e isso me influenciou muito. Admirava o seu trabalho, atendendo pessoas mais carentes em cidades do interior.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A medicina faz com que eu pense e me coloque no lugar das pessoas que atendo. Nesse exercício diário, acho que a minha atividade profissional tem me tornado mais compreensiva, disposta a ouvir além das queixas clínicas dos pacientes. Um aprendizado de vida.

Que receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

O conceito de sucesso para mim é muito relativo. Digo sempre para meus alunos que o importante é escolher uma especialidade que lhe dê prazer, motivação e que, independentemente de qualquer coisa, lhe deixe feliz.

Quais médicos Pernambucanos você admira?

São vários, mas aqui citaria dois que foram meus professores na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco: o pediatra Fernando Figueira e o infectologista Rinaldo Azevedo. Eles me inspiraram e motivaram na escolha da minha especialidade.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Uma paixão é viajar. Conhecer novos lugares e culturas diferentes sempre me fascinou. Desde menina, nas aulas de história e geografia, me encantava com os lugares históricos e geograficamente importantes.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Novas técnicas laboratoriais e aparelhos utilizados nos exames e em técnicas cirúrgicas já conferem maior precisão, ajudando os profissionais nas suas condutas. A medicina do futuro também vai incorporar avanços tecnológicos, facilitando cada vez mais os diagnósticos.

Ser médica é...

Um objetivo alcançado e uma realização profissional que norteia e equilibra os outros aspectos de minha vida.

Maria do Carmo Lencastre



Nascida em Portugal, Maria do Carmo Lencastre estudou medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especializou-se em clínica médica e geriatria. Após estágio em Canterbury, na Inglaterra, voltou para o Recife e fundou o GeriaVida, no Hospital Vitória Régia, que posteriormente se tornou o Instituto de Geriatria e Gerontologia de Pernambuco, funcionando há 20 anos no Real Hospital Português (RHP). Nesse período, foi diretora científica, vice e presidente da Sociedade de Geriatria e Gerontologia, seção Pernambuco, e também diretora da defesa profissional, membro da comissão de título e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Entre outros, também acumulou os cargos de diretora científica da ABRAz – Associação Brasileira de Alzheimer em Pernambuco, preceptora do programa de geriatria, coordenadora do programa de residência e diretora médica técnica do RHP. Hoje, dirige o Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Ferreira da Costa e a Escola de Saúde do RHP, além de coordenar o comitê de Bioética da UNSECO no mesmo hospital.

**A vida é um
dom de Deus.**

Por que escolheu ser médica?

A medicina sempre me atraiu por seu caráter humano e de serviço. Tive um tio médico de família que era de uma excelência humana e profissional. Foi uma inspiração.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a vida é um dom de Deus e que ser médico é um privilégio.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Olhe o outro com amor, veja o que ele precisa, seja útil!

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dra. Ivailda Fonseca, Dr. Miguel Doherty, Dr. Carlos Vital, Dr. Anacleto Carvalho e Dr. Cristiano Hecksher.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A fé, a família e a música.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero que a medicina continue a cumprir sua função, que é promover a saúde e reduzir o sofrimento, servindo à humanidade. Os avanços tecnológicos na minha área irão aproximar os recursos da população, permitindo melhores resultados na promoção e no cuidado da saúde. Serão instrumentos extremamente úteis para os profissionais de saúde.

Ser médica é...

Um privilégio e uma vocação. Nos permite crescer, servir aos outros e contribuir para a humanidade.

Mario Gesteira Costa



O médico Mario Gesteira Costa graduou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1973, após cursar o 6º ano no Nuffield Department of Surgery, na Oxford University, na Inglaterra. Fez pós-graduação com residências em cirurgia geral e cardiotorácica no Albert Einstein College of Medicine, em Nova Iorque, nos EUA. Diplomado pelo American Board of Surgery e American Board of Thoracic Surgery e já professor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade de Pernambuco (UPE), voltou ao Recife em 1981. Tornou-se professor adjunto, chefe do serviço de cirurgia torácica do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, cirurgião cardiovascular no PROCAPE, preceptor da residência de cirurgia cardiovascular e criador da residência de cirurgia torácica da FCM. Aposentou-se da UPE em 2016 e se dedica à sua clínica privada desde 1981, principalmente nos hospitais Memorial São José, Santa Joana Recife e Jayme da Fonte. É membro titular das Sociedades Brasileiras de Cirurgia Cardiovascular e de Cirurgia Torácica, da qual foi secretário para assuntos internacionais e secretário geral.

**Amar a família, prezar
os amigos e cuidar dos
pacientes, agradecendo
a Deus pela vida.**

Por que escolheu ser médico?

Para ajudar pessoas através da medicina.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Quanto mais estudamos, maior a consciência de como é parco o nosso conhecimento.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Estudar e trabalhar com afinco, sendo solidário e amigo dos pacientes e seus familiares.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Para o Recife se tornar um “polo médico”, a contribuição de dois médicos foi crucial: Dr. Luiz Tavares da Silva e Dr. Antônio Simão dos Santos Figueira, ambos já falecidos. Além das funções na Faculdade de Medicina da Universidade Federal e da fundação da Faculdade de Ciências Médicas, eles viabilizaram a pós-graduação de inúmeros médicos no exterior, facilitando a ida e a volta dos mesmos. A maioria destes, de diversas especialidades, retornou para praticar e ensinar no Recife. Contribuição importante também foi dada pelos irmãos Fernandes Vieira, Sávio, José Aécio e Eustácio, ao criar a Clínica Santa Helena e os Hospitais Santa Joana e Memorial São José. Muitos médicos contribuíram e continuam contribuindo para a medicina de nossa região.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, meus amigos, um bom bate-papo e viajar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Avanços vieram para facilitar. Contudo, será sempre importante conversar com o paciente, escutar o que ele tem a dizer, examiná-lo e usar o bom senso do julgamento clínico, que continuará soberano, ainda que ajudado pela tecnologia.

Ser médico é...

Saber ouvir e compreender as queixas do paciente, suas aflições e expectativas diante da enfermidade, discutindo as propostas terapêuticas com parcimônia, sensibilidade e educação. Um médico calmo, solidário e amigo é um dos melhores medicamentos.

Mauri Cortez



**Trabalhe duro por dez
anos, e aí você
vai começar a ter
sorte na vida.**

O médico Mauri Cortez, nascido em família humilde, estudou em escola pública até o primário. Concluiu a formação básica no Colégio Salesiano como bolsista, por ser jogador de basquete. Formou-se em medicina na Universidade de Pernambuco (UPE), no ano de 1982. Fez residência em ortopedia no Hospital Santo Amaro. Almejando novos conhecimentos, vendeu seus bens para financiar a especialização e pós-graduação no Instituto de Cirurgia e Microcirurgia de Paris, com bolsa de estudos fornecida pelo governo da França. Voltou a Recife em 1986 e, já no ano seguinte, seguiu para Lausanne, na Suíça, para nova especialização. De volta à capital pernambucana, realizou cirurgias ainda pouco feitas no Brasil, como reimplantes de mãos e dedos. Como mestre e doutor, ingressou na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como professor na cadeira de ortopedia. Em 1998, junto com o médico Rui Ferreira, fundou o primeiro hospital da mão e microcirurgia do Brasil, o SOS Mão Recife. Sempre pensando no social, em 2008 inaugurou o Instituto SOS Mão Criança, que atende e opera crianças carentes de forma gratuita.

Por que escolheu ser médico?

No ano do vestibular, eu já pensava em ser médico e fazer alguma especialidade cirúrgica e que fosse complexa. Além disso, sempre pensei em me consolidar na profissão e poder ajudar aquelas pessoas menos favorecidas com meus conhecimentos.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

O maior ensinamento em todos esses anos de prática cirúrgica é que, muitas vezes, casos mais graves, aqueles que achamos não ter solução, terminam com bons resultados.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Faça o que você gosta. Persista fazendo e não desista. Aí você vai fazer bem feito e então começará a trilhar o caminho do sucesso.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Em memória, Dr. Rômulo Fonseca dos Santos, que me incentivou e me iniciou na profissão. Dr. Carlos Moraes, um ícone na cirurgia cardíaca no Brasil, e os doutores Chicão e Luís Fernando Maciel.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A família é a coisa mais importante na vida de todos nós.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina tem avançado muito em todas as áreas, trazendo grandes mudanças nas especialidades da genética, imagem, cirurgia robótica, oncologia... Na cirurgia da mão e na microcirurgia ainda é muito manual, depende muito da habilidade do cirurgião. Entretanto, os materiais e equipamentos têm avançado bastante, tornando cirurgias menos invasivas mais rápidas e com melhores resultados. No futuro, muitos procedimentos serão evitados com o avanço da genética e da farmacologia.

Ser médico é...

Ter prazer em melhorar a vida das pessoas quando elas mais precisam.

Maurício Gama



Recifense, filho de Antônio e Mirian Gama, o médico Maurício Gama é formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com residência médica em cirurgia geral na Universidade de Pernambuco (UPE) e em cirurgia plástica no Hospital Agamenon Magalhães. Fez Fellow em cirurgia plástica no serviço do professor Ivo Pitanguy e com o doutor José Júri, da Argentina. É especialista em cirurgia plástica pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP). Coordena o Programa de Residência Médica em Cirurgia Plástica do Hospital Agamenon Magalhaes e é staff dos hospitais Santa Joana e Memorial São José – Rede D’Or São Luiz na mesma área. Fundou o Instituto de Cirurgia Plástica e Estética (Inplace) em 2006, onde atende sua clientela e desenvolve projetos de ensino com foco na sua especialidade.

**Beleza é a tentativa
humana de aproximar-se
das proporções divinas.**

Por que escolheu ser médico?

A escolha da profissão recai sobre os princípios e desejos do indivíduo. O interesse nas relações humanas e o gostar de pessoas nortearam minha decisão desde a juventude.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A dedicação e amor usados como princípios no exercício da profissão a tornam mais profícua.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Perseverança e busca de exemplos.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dr. Perseu Lemos, Dr. Cláudio Lacerda, Dr. Francisco Trindade (Chicão) e Dr. Américo Gusmão.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, esportes (tênis e corrida), leitura, vinhos e viagens.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A evolução vem para melhorar a qualidade e extensão dos atendimentos. Muitas especialidades desaparecerão e outras surgirão. A telemedicina trará uma revolução nos resultados. Porém, fica a ressalva do atendimento humano.

Ser médico é...

Aprender sempre com paciência e resignação. Tentar transmitir aos seus discípulos e pacientes a arte de melhorar o corpo e a alma.

Mirela Ávila Gurgel



A médica Mirela Ávila Gurgel nasceu em Recife em 1976, filha de Lucilo Ávila (médico) e Maria Eduarda (psicóloga). Aos dez anos, sua mãe faleceu e Mirela ganhou uma mãe do coração, Maria Jerusa. Nessa época sua família aumentou, passando a ter cinco irmãs e um irmão. Mirela estudou nos colégios São Luís e Santa Maria, em Recife, tendo também realizado período de estudos de intercâmbio nos EUA. Em 1996 ingressou na Universidade Federal de Medicina, concluindo o curso em 2001. Seguiu para a residência em Radiologia e Diagnóstico por Imagem no Hospital das Clínicas da UFPE, complementando seu treinamento com estágios em São Paulo (no Hospital de Base de São José do Rio Preto e na clínica da Mama) e nos EUA. Desde o início da sua residência, já demonstrava bastante interesse pela área de Imagem da mama e intervenções. Em 2004, após concluir a residência, assumiu como médica radiologista no Centro Diagnóstico Lucilo Ávila em Pernambuco, onde atua até hoje com ênfase em diagnóstico e intervenção mamária. Desde 2018 é diretora médica desta instituição e possui título de especialista na área de atuação.

Mirela é casada com o médico Fernando Gurgel desde 2002 e juntos tiveram duas filhas, Maria Fernanda e Maria Luíza.

**Para ser grande, sê inteiro:
nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe
quanto és no mínimo que fazes.**
-Fernando Pessoa

Por que escolheu ser médica?

Lembro de querer ser médica desde sempre. Acompanhei a trajetória de meu pai, que é médico, e já pequeninha eu ficava fascinada em ver o quanto ele era apaixonado pela sua profissão e como ele conseguia ajudar tantas pessoas em seu caminho. Adorava quando ele me levava nas férias para ser sua “ajudante” na clínica.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A vida é o bem mais precioso e devemos preservá-la acima de tudo.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Faça medicina por amor ao próximo, à ciência e aos valores éticos. Dedique-se de corpo e alma, diariamente e incansavelmente, ao exercício dessa profissão tão sublime. Estude muito, aprenda todos os dias. Não desanime frente às tempestades e obstáculos, pois serão muitos. Saiba que a recompensa ao trazer conforto e esperança a alguém, ou mudar ao curso de uma doença, trazendo mais vida através de suas ações, é algo espetacular.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Admiro imensamente meu pai, Dr. Lucilo Ávila, meu maior mestre e meu marido, Dr. Fernando Gurgel. Ambos são médicos radiologistas altamente qualificados, dedicados a seus pacientes e sempre buscaram fazer uma medicina humanizada aliada a tecnologia de ponta. Tenho

também muito orgulho e admiração por todos os médicos que fizeram parte de minha formação.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Eu adoro estar com a minha família, aproveitar cada minuto de meu tempo livre com eles. Viajar também é uma grande paixão.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina está passando por uma grande transformação digital. Na minha área, a radiologia diagnóstica, a inteligência artificial já é uma realidade e vem trazendo algumas modificações impactantes, como a substituição do médico radiologista na formulação de laudos e na agilidade da realização dos exames. Entretanto, o toque humano no atendimento, ainda são essenciais e não vejo como extingui-lo completamente do ato médico em substituição à tecnologia, nem hoje, nem amanhã, nem em 100 anos.

Ser médico é...

... AMAR O PRÓXIMO. É respeitar e admirar a força da vida. É ficar até tarde no trabalho, virar noites de plantão e ter a sensação do dever cumprido. É ter uma dedicação intensa ao aprendizado, estudar e se aperfeiçoar todos os dias, buscando aprimorar o atendimento ao paciente. É salvar vidas, incansavelmente, sem limites, sem fronteiras.

Misael Wanderley Jr



Primeiro filho de três, o urologista Misael Wanderley dos Santos Júnior cresceu no bairro de Jardim São Paulo, na periferia do Recife. Concluiu o Ensino Médio no tradicional Colégio Salesiano, de onde saiu para cursar medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluindo em 1988. Fez pós-graduação em uro-oncologia no M.D. Anderson Cancer Center e Baylor College of Medicine, em Houston, no Texas (EUA), e é mestre e doutor em cirurgia pela UFPE. Atualmente, é professor de urologia na Faculdade de Medicina da UNINASSAU e coordena o Serviço de Urologia e o Programa de Cirurgia Robótica do Hospital Esperança. Membro titular da Sociedade Brasileira de Urologia, é considerado um dos principais nomes no tratamento das doenças malignas do trato urinário masculino e feminino e é referência na área de oncologia, na qual desenvolve linhas de pesquisa nas doenças malignas da próstata, principalmente o câncer.

**A falta de tempo é a
desculpa dos que perdem
tempo por falta de método.
-Albert Einstein**

Por que escolheu ser médico?

Tenho lembrança desde a tenra idade, quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse e minha resposta sempre foi: médico. Nunca me vi fazendo ou sendo outra coisa.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprendi a “cuidar das pessoas”. Médico é um ser que nasceu para cuidar de gente. Acho que aprendi isso ao longo do tempo e é o que mais procuro fazer no meu dia a dia.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Digo sempre aos meus alunos o que ouvi de um professor: nunca coloque o dinheiro e o sucesso profissional como metas principais, pois se você exercer a medicina genuinamente e em toda a sua abrangência, o sucesso profissional e financeiro virá automaticamente. Dedicção total à profissão, por amor, esse é o segredo do sucesso.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Muitos. Alguns já se foram, como Dr. Henrique Cruz, Dr. Marcelo Costa Lima e Dr. José Remígio. Dr. Amaury de Medeiros, Dr. Marconi Meira, Dr. Cláudio Lacerda, Dr. Ney Cavalcanti, Dr. Francisco Bandeira, entre tantos outros, são figuras extremamente admiráveis.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Tenho paixão pela música e pelo Santa Cruz Futebol Clube desde muito cedo em minha vida. Mas a família é a maior fonte de inspiração e a razão do meu continuar sempre.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Creio que a telemedicina, a robotização e automação de procedimentos médicos é um caminho sem volta na moderna medicina. O desafio é utilizar todos esses recursos sem perder a humanização do atendimento ao paciente.

Ser médico é...

Tornar-se um ser humano diferente. Não desrespeitando as outras profissões, mas sabe aquela frase que diz: “todos os homens nascem iguais, mas só os melhores se tornam...”? Para mim, os melhores se tornam médicos.

Moisés Wolfenson



Moisés Wolfenson concluiu o curso de medicina em 1971, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 1973, finalizou a residência em cirurgia plástica no serviço de Perseu Lemos. No ano de 1975, estagiou no Hospital Foch, em Suresne, na França, atuando no serviço do professor Paul Tessier. Ainda no mesmo ano, em Paris, no Hospital Saint Louis, estagiou com o professor Claude Dufourmentel. Um ano depois, de volta a Pernambuco, Wolfenson exerceu a chefia do serviço de cirurgia plástica do Hospital Geral do Recife, permanecendo por cinco anos. Em 1981, ingressou no Hospital Agamenon Magalhães, onde foi preceptor, por 15 anos, da residência médica em cirurgia plástica. No ano de 1995, foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Laser. O médico teve participação de destaque em diversos fóruns e jornadas do segmento. Foi editor da Revista Brasileira de Laser em Medicina e Cirurgia, de 2013 a 2015, onde também publicou 15 trabalhos científicos. É autor, ainda, de quatro livros na área.

**Todo cirurgião plástico
é também um artista.**

Por que escolheu ser médico?

Foi de forma precoce que me apaixonei pela medicina. Durante as férias escolares passadas em São Paulo, admirava meu primo, Dr. Isidoro Dreicon, que mostrava fotos de seus resultados nas cirurgias plásticas. Jurei amor eterno à cirurgia plástica, mesmo antes da medicina.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Estudar, fazer especializações e uma contínua busca por mais conhecimentos e novas práticas cirúrgicas.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Passar confiança, credibilidade e segurança, atuando com profissionalismo, ética, dedicação e amor, sem distinções. Tratar o seu paciente como se fosse uma pessoa da família.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Cláudio Lacerda, Hildo Azevedo, Gilda Kelner, Miguel Dohert, Gilson Edimar, Romeu Krause, Reilane Alves de Assis, Anderson Araújo, Cristiane Almeida e Francisco Bandeira.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A paixão pelos livros, não só como leitor, mas também como autor de textos científicos, artigos e poesias. Como costumo falar: “todo cirurgião plástico é também um artista e encontra diferentes formas de manifestar seus mais íntimos sentimentos, o que lhes chega à alma”.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Será mais voltada para a medicina preventiva, com diagnósticos feitos a partir do estudo detalhado do genoma. Os médicos serão mais capacitados pela inteligência artificial, tendo mais tempo para a relação médico-paciente. Outro aspecto futurista será a impressão de órgãos em 3D, evitando as grandes filas para transplante. Na cirurgia plástica, as células-tronco farão restaurações do couro cabeludo e renovação da pele.

Ser médico é...

Fazer o melhor para o seu paciente com competência, calor humano e muita dedicação. Dessa forma, ter o reconhecimento do seu trabalho na medicina pelos diferentes segmentos da sociedade.

Murilo Guimarães



O recifense Murilo Guimarães concluiu o Ensino Médio no Colégio Nóbrega e, aos 18 anos, passou na terceira colocação geral do vestibular de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez estágio curricular na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Formou-se em 1976 e fez residência médica no Instituto de Doenças do Tórax do Recife. De 1979 a 1980, fez pós-graduação em Pneumologia no Cardiothoracic Institute (Royal Brompton Hospital), em Londres, quando elaborou tese de mestrado, aprovada com nota máxima. De volta a Recife, assumiu cargo de professor na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE), onde lecionou até a aposentadoria, em 2017. Foi sócio-fundador de algumas empresas médicas. Hoje, trabalha na Murilo Guimarães Medicina do Tórax – Clínica Tórax. Tem trabalhos publicados em revistas médicas nacionais e estrangeiras. Foi presidente da Sociedade Pernambucana de Pneumologia e Tisiologia, presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia, Fellow e Governor do American College of Chest Physicians e membro do British Thoracic Society.

**O homem é
do tamanho
do seu sonho.**
-Fernando Pessoa

Por que escolheu ser médico?

Nasci em família paterna de longa tradição jurista. Pensei em trilhar caminho diferente. Por outro lado, minha mãe idolatrava seu irmão, Joaquim Cavalcanti, falecido aos 38 anos, sempre me relatando sua grande obra médica. Isso se aliou ao meu sentimento de mudança e a escolha foi natural.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprendo grandes lições continuamente, mesmo décadas depois de formado.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Poderia responder: releia o Juramento de Hipócrates. Porém, direi: exerça a profissão com incansável dedicação, atualize-se sempre, mirando o bem do paciente. Jamais coloque vantagens pessoais à frente dos interesses alheios. E nunca dissocie honestidade de carinho.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Pergunta difícil. O espaço é restrito para essa lista. Assim, evito constrangimento de indesejáveis omissões nominando os que já se foram. Meu já citado tio, o brilhante Joaquim Cavalcanti, e o “gentleman”, Luiz Tavares da Silva. Faço uma única concessão aos vivos, aludindo ao tutor e inspirador dos meus primeiros passos, Ivan Lima Cavalcanti.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, à qual dediquei a vida profissional. Mas cito também a paixão por viagens e o interesse por vinhos.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Como em outras áreas, o conhecimento médico-científico vai evoluir em velocidade bem maior, em especial devido à Tecnologia da Informação. As pesquisas terão respostas bem mais rápidas e equipamentos de maior precisão (e espero que de menor custo) implementarão eficácia no diagnóstico clínico e na terapia cirúrgica, o que vejo com bons olhos. Todavia, que nada disso substitua a relação médico-paciente.

Ser médico é...

Zelar pelo bem-estar da sociedade e a vida humana.

Norma Maranhão



**Ser médico é
responsabilidade, vocação
e, principalmente,
um ato de paixão.**

Referência na radiologia nacional, Norma Maranhão é formada em medicina pela Universidade de Pernambuco (UPE). Fez doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), obtendo o grau de doutora em radiologia, o primeiro da especialidade no Nordeste. Em sua trajetória, instalou, no Recife, o primeiro mamógrafo de alta resolução da região, foi pioneira no Brasil na realização de biópsias de fragmentos de lesões mamárias impalpáveis por meio do método estereotáxico e, na América Latina, foi a primeira médica a utilizar mamografia digital em campo total. Também foi a primeira mulher a chegar à presidência da Sociedade de Radiologia de Pernambuco. É membro da Comissão Nacional de Controle de Qualidade em Mamografia, além de desenvolver atividades científicas na Comissão Nacional de Mamografia, órgão que presidiu durante 11 anos. Entre as homenagens que já recebeu, estão: Medalha do Mérito São Lucas, iniciativa da Associação Médica de Pernambuco, Cremepe e Simepe, em 2001; Medalha José Mariano, conferida pela Câmara de Vereadores do Recife; e Medalha de Honra ao Mérito Esther Souto.

Por que escolheu ser médica?

Escolhi a medicina por enxergar na profissão uma forma de ajudar as pessoas. Para essa escolha, tive também a influência do meu pai, Lucilo Maranhão, que continua me inspirando todos os dias.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Priorizar a vida e seus valores e respeitar os espectros da humanidade.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

A medicina requer muita dedicação e doação durante toda a vida. É preciso ter, acima de tudo, foco, disciplina, determinação, estudar sempre, amor e responsabilidade.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Admiro todos os profissionais que se comprometem intelectual, ética e humanisticamente com seus pacientes. Que colocam em prática e honram os princípios de São Lucas e o juramento de Hipócrates.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Estar com meus amigos, minha família e aproveitar meus netos! Também gosto muito de cuidar da minha própria saúde, ir para academia, pilates, estar em contato com a natureza e uma boa leitura.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Já estamos vivenciando a medicina do futuro agora no presente, conseguindo utilizar os avanços tecnológicos a favor do paciente, permitindo uma prática de condutas clínicas e cirúrgicas, diagnosticando com maior personalização e individualização. Temos vivenciado que os avanços tecnológicos cada vez mais nos auxiliam a poder perder menos tempo com comandos burocráticos e, conseqüentemente, a ter maior atenção ao paciente. Na área da biópsia de mama, que somos pioneiros na América Latina, o avanço tecnológico é grande e já conseguimos fazer biópsias minimamente invasivas, proporcionando um diagnóstico mais assertivo.

Ser médica é...

Colocar em prática o amor ao próximo. É responsabilidade, vocação e, principalmente, um ato de paixão.

Odin Barbosa



O médico Odin Barbosa nasceu no Recife, em 1954, filho de um sargento da Aeronáutica com uma professora primária, vindos do interior da Paraíba. Fez o nível secundário no Colégio Militar do Recife. Coursou medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entre 1972 e 1977, aprovado em primeiro lugar na área de Saúde. Fez residência em clínica médica no Hospital Barão de Lucena. Iniciou a carreira na UTI do Hospital Santa Joana, onde descobriu que a medicina intensiva era a sua paixão profissional. Seguiu uma vida associativa na Associação de Medicina Intensiva Brasileira, onde foi membro da diretoria e fez dois congressos brasileiros no Recife, um como presidente e outro como presidente da Comissão Científica. Dedicou-se também à difusão da medicina intensiva como palestrante em centenas de eventos locais e internacionais, incluindo o Congresso Europeu de Medicina Intensiva. É sócio honorário da Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos, após ter ajudado na criação do Congresso Luso-Brasileiro de Medicina Intensiva.

**Tudo vale a pena se a
alma não é pequena.**
-Fernando Pessoa

Por que escolheu ser médico?

Fui um dos primeiros médicos de toda a família que provinha do interior da Paraíba e sempre cresci ouvindo isso. Esse fato facilitou muito meu encontro com aquilo que foi minha grande paixão profissional.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Como dizia nosso poeta João Cabral de Melo Neto: “Podeis aprender que o homem é sempre a melhor medida. Mais: que a medida do homem não é a morte, mas a vida”.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Gostar do que faz como profissão. Nessa fase inicial, é que os rumos podem ser mudados mais facilmente, e o jovem deve estabelecer-se naquilo que o entusiasma.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Alcides Bezerra, Frederico Wanderley, Francisco Trindade, Oscar Coutinho Neto, Eustácio Vieira, Lígia Arruda e minha esposa, Cíntia Machado.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, viagens, conhecer novas culturas e lugares, música, arte em geral e gastronomia.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina continuará a ser uma profissão diferenciada porque cada vez mais terá que aperfeiçoar a humanização, a empatia, a compaixão. Os avanços tecnológicos são fundamentais, mas o tratamento deve ser individualizado para cada paciente.

Ser médico é...

Entender que você lidará, em toda a sua vida, com seres humanos em sofrimento e, além dessa relação humanística, o médico tem que ter o conhecimento científico necessário para ajudar essas pessoas.

Otelo Schwambach



No fim da década de 1950, o então adolescente Otelo Schwambach Ferreira saiu do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, para morar no Recife. Ingressou no curso de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1961. Recebeu o Prêmio Universitário Banorte e a medalha Octavio de Freitas por ter sido o aluno com as notas mais destacadas durante a graduação. Já formado, cumpriu três anos de residência médica no recém-inaugurado Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira – IMIP. Fez mestrado em pediatria pela UFPE e obteve os títulos de especialista em pediatria e em pneumologia pediátrica concedidos pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Foi o criador do serviço de pneumologia pediátrica do IMIP e, na área acadêmica, atuou como professor de pediatria na UFPE. Referência na questão da saúde infantil há mais de 50 anos, publicou, com outros pediatras, a série de livros educativos “Conversando com os Familiares” e foi o organizador do livro “Conversando com o pediatra”, do selo Escrituras Médicas.

**A genialidade é 1% de
inspiração e 99% de
transpiração.**

-Thomas Edison

Por que escolheu ser médico?

Acredito que pela influência de um médico que cuidou de mim aos cinco ou seis anos. Nasci em Minas Gerais, em uma fazenda. Na cidadezinha mais próxima, havia um médico que me operou, na época, quando tive uma séria doença. A partir daí, passei a admirar a profissão.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Ser modesto. Até o médico mais experiente deve estar sempre em processo de aprendizado. Quanto mais eu estudo, mais sei que ainda tenho muito o que aprender.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Como disse Thomas Edison: “a genialidade é 1% de inspiração e 99% de transpiração”. Para qualquer que seja a profissão, é preciso trabalho, estudo e dedicação.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São muitos. Comecei a estudar medicina em 1961, na primeira turma da Faculdade de Medicina que ficava no bairro de Engenho do Meio. Lá, tive professores fantásticos. Minha maior referência foi o Dr. Fernando Figueira. Tenho também grande admiração por nomes como Hélio Mendonça, Nelson Chaves, Jorge Lobo, Amaury Coutinho, Salomão Kelner, entre outros.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, o trabalho voluntário que realizo com crianças e famílias na cidade de Chã Grande, e minhas caminhadas.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Quando me formei, não existiam tomografia, por exemplo, nem endoscopia. Vi nascer a ressonância magnética. Agora temos a robótica, a telemedicina. É impossível prever o futuro, mas a função do médico sempre será a mesma. Escutar o paciente, sentir suas emoções, vivenciar os sentimentos de cura e perda. Coisas que dificilmente um robô será capaz de fazer.

Ser médico é...

Trabalhar, trabalhar, estudar, estudar. Estar sempre alerta aos erros, às inovações, ser receptivo às queixas e às observações dos pacientes.

Paulo Almeida Filho



Paulo Almeida Filho foi o segundo de cinco filhos de Paulo José de Almeida e Cristiana Altino de Almeida. Nasceu em dezembro de 1965 no Recife, no seio de uma família unida, com cinco irmãos. Estudou no Instituto Helena Lubienska e no Colégio Contato, onde formou grandes elos. Sua formação médica foi na Universidade Federal de Pernambuco. Após os proveitosos anos de residência, veio a prova de título de especialista em medicina nuclear pelo Colégio Brasileiro de Radiologia e Comissão Nacional de Energia Nuclear. Com isso, finalmente iniciava, em 1992, a carreira de médico nuclear. Começou no serviço do CERPE, pioneiro do norte e nordeste, realizando cerca de 900 exames por mês. Em 1994, prestou concurso para docência na UFPE, tendo sido aprovado na única vaga e desenvolvido a atividade de docente, até hoje, no Hospital das Clínicas. Em sua trajetória, atuou em várias cidades do Nordeste e realizou treinamentos nos Estados Unidos e Paris. Foi um dos fundadores, em 2001, do Real Nuclear, no Real Hospital Português, sendo atualmente o chefe desse serviço. Desde 2010, é pesquisador da Agência Internacional de Energia Atômica.

**Navegar é preciso,
viver não é preciso.**
-Fernando Pessoa

Por que escolheu ser médico?

Venho de uma família de médicos. Meu bisavô e avô maternos, Edgar Altino e Evaldo Altino, foram médicos muito conhecidos na cidade. Meus pais, Paulo José de Almeida e Cristiana Altino de Almeida, fizeram com que em nossa casa se respirasse medicina todos os dias.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A principal lição é que o paciente é o centro da nossa profissão, o nosso principal foco é a sua cura, aumento da sua expectativa e qualidade da sua vida. Essa é a maior lição, fundamental para o exercício da nossa profissão.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

O mais importante é construir um bom embasamento teórico tanto nas ciências médicas básicas, como anatomia, fisiologia e bioquímica, quanto na clínica médica. O médico só atingirá o sucesso se ele sempre mantiver o foco no principal objetivo do seu trabalho: o paciente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Minha mãe, Cristiana Almeida, médica nuclear. O meu pai, Paulo Almeida, cirurgião torácico. Tive e tenho a honra de conviver com grandes profissionais, como Chicão e o saudoso Paulo Meireles. Admiro muito minha esposa, Aline Leal, médica nuclear, e Sérgio Altino, irmão,

que também é um grande destaque.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Velejar para mim sempre foi muito importante e prazeroso. Redescobri também o prazer de jogar tênis. Outra coisa que me encanta é ouvir música. Mas as paixões que realmente me movem são meus filhos: Paulo, Daniel e Lucas.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A minha especialidade é um exemplo de área movida pela tecnologia. Em medicina nuclear e imagem molecular, novas modalidades e equipamentos surgirão a toda hora. O principal impacto será a melhora no manejo das doenças, proporcionando diagnósticos mais precisos e tratamentos mais eficientes.

Ser médico é...

Exercer um ofício fascinante que, de um lado cobra muito do indivíduo, por outro devolve a ele recompensas intangíveis e maravilhosas.

Pedro Salerno



Nascido em Minas Gerais, filho de um dentista e uma médica, Pedro Salerno formou-se em medicina na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC – Campinas), fez residência em cirurgia geral na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em cirurgia cardiovascular no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, em São Paulo. Fez, ainda, fellow em cirurgia cardiovascular na Universidade de Toronto, no Canadá, trabalhou no Hospital do Coração na equipe do Prof. Dr. Adib Jatene, onde obteve grande aprendizado em sua especialidade. Fez doutorado em cirurgia cardiotorácica na Universidade de São Paulo (USP). Em 2001, chegou ao Recife, terra que o acolheu. Atua em diversos hospitais, entre eles o Procape, e é professor de medicina na Universidade Católica De Pernambuco (UNICAP). É casado com Lucia Salerno, também médica, com quem tem três filhos, Juliana, Carolina e Pedro.

**A persistência é o
caminho mais curto para
se chegar ao êxito.
-Charles Chaplin**

Por que escolheu ser médico?

Meus pais eram da área da saúde. Minha mãe era pediatra. Observar como ela conversava com as mães e depois examinava as crianças com maestria me motivou a escolher a profissão.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Ser ético, ter compaixão com o semelhante, dedicação, disciplina, abdicar de convívio com seus familiares. Ser médico é ser comprometido com o outro.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Penso que você não precisa ser o melhor, mas procurar fazer bem aquilo que faz, sem esperar pela recompensa, apenas pelo prazer.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dr. Enio Lustosa Cantarelli. Médico comprometido com os mais necessitados. Deixou um legado importantíssimo para a sociedade pernambucana, o Procape. E os médicos Marcelo Ventura e Ronald Cavalcanti, visionários, fundadores da Fundação Altino Ventura, HOPE e Hospital Esperança.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A família é a minha maior paixão. Tenho uma esposa médica e três filhos, todos na profissão médica. Este é o maior legado que um homem pode ter. Outra paixão é ser professor na Universidade Católica de Pernambuco.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Parafrazeando Alan Kay: “A melhor maneira de prever o futuro é inventá-lo”. A prevenção será a grande mudança no perfil das doenças. Estudos genéticos irão gerar indivíduos perfeitos. A inteligência artificial será o divisor de águas no diagnóstico e ensino da arte médica.

Ser médico é...

Olhar para o paciente e ver um ser humano como você, que ele está ali em busca de conforto, atenção e carinho. E, ao final de todos os dias, sentir que cumpriu sua missão.

Regina Coeli



Recifense, Regina Coeli Ferreira Ramos é médica preceptora do ambulatório de doenças infecto-parasitárias infantil do Hospital Universitário Oswaldo Cruz desde o ano de 2004, atuando principalmente em temas como pediatria, infectologia, aids pediátrico e saúde pública. Desde 2015, também estuda temas como microcefalia, Zika e Chikungunya. Mestre em ciências da saúde pela Universidade de Pernambuco (UFPE), foi professora substituta da disciplina de medicina tropical da mesma instituição durante o período de 2009 a 2011. É professora assistente do curso de medicina da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) desde 2016 e doutoranda do programa de pós-graduação de medicina tropical da UFPE desde 2017.

**Seja feliz.
Livre como a gaivota e
eterno como o amor.**

Por que escolheu ser médica?

Não sei, apenas sei que amo a profissão que escolhi e tento exercer da melhor forma que me é possível.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Ser humilde sempre. Todos nós somos iguais e merecemos respeito.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Exercer a profissão com amor. Ser mais do que médico qualquer, precisa ser: humano, compreensivo e empático.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Dra. Maria Ângela Wanderley Rocha,
Dr. Demócrito de Barros Miranda Filho,
Dr. Vicente Vaz e Dr. Roberto Galvão.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Viajar, leitura e pintura em tela a óleo.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Independente dos avanços que estejam por vir, e que estes venham para que haja um diagnóstico precoce e futuramente uma cura para todas as doenças, não devemos nos esquecer de transmitir amor aos que precisam de nós.

Ser médica é...

Doação, compartilhamento, humanismo.

Roberto Cohen



Roberto Cohen conta que teve origem em uma família simples, com os pais ensinando a ele e as três irmãs o respeito pelo próximo e como nunca tratar alguém com arrogância. Formado pela Universidade Federal de Pernambuco, fez mestrado em Ciências da Saúde pela Universidade de Pernambuco. Casado com médica patologista, possui dois filhos médicos, o mais velho, Rafael, com a mesma especialidade, e a caçula, Gabriela, gastroenterologista. Tem como filosofia a ideia de que o maior tesouro não é o ter e sim o saber. Roberto revela que a vida lhe deu muito mais do que os seus melhores sonhos, sentindo-se plenamente realizado profissional e pessoalmente. Atualmente, é professor da UPE, membro da Sociedade Brasileira de Urologia e da Associação Americana de Urologia.

**A escuridão não pode
expulsar a escuridão; apenas
a luz pode fazer isso. O ódio
não pode expulsar o ódio; só
o amor pode fazer isso.
-Martin Luther King**

Por que escolheu ser médico?

Não foi pura e simplesmente uma escolha, desde muito pequeno minha mãe conta que eu sempre dizia que um dia seria médico.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Respeito e humildade por aquele que sofre e te pede ajuda.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Fazer com desprendimento aquilo que te dá prazer.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Da minha área, Dr. Amaury de Medeiros e José Aureliano, em grande parte responsáveis pela minha formação.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Os avanços tecnológicos são muito benéficos desde que usados com racionalidade em prol do paciente.

Ser médico é...

Ter paixão pelo exercício da profissão e gratificado com o restabelecimento do maior de todos os bens, a saúde.

Romualdo Almeida



Sertanejo de Arcoverde, interior de Pernambuco, Romualdo Almeida teve o privilégio de crescer junto a tios, avós e bisavós. Mudou-se para Recife, para estudar, onde fez graduação na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco. Escolheu a cardiologia como especialidade, mas logo fez uma transição gradual para a área de gestão médico-hospitalar. São mais de 30 anos de dedicação ao Hemope, Hospital Albert Sabin (EMCOR), Norclínicas/Intermédica, HEMATO, Hospital Memorial São José e, atualmente, dedica-se à Interne Home Care e à Rede D'Or São Luiz. Sua trajetória de médico e gestor inspirou a escolha dos seus dois filhos, que estão concluindo o curso médico na mesma faculdade em que se formou.

**Se você se sente só, é
porque ergueu muros
em vez de pontes.
-William Shakespeare**

Por que escolheu ser médico?

Um primo psicanalista diz que “alguns escolhem a medicina, outros nascem médicos”. Percebi através dele, Dr. Pedro Leonardo, e do meu tio-avô, Dr. Ivaldo Dourado, que essa seria uma escolha sensata e uma alternativa para um tímido poder se aproximar e cuidar de gente.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Somos apenas instrumentos capacitados, e o “dom da cura” é uma conjunção de fatores, nem sempre o médico tem todas as respostas. Recomendo a quem posso: não se afaste da espiritualidade, pois ela trará respostas e conforto na adversidade.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Ter a exata dimensão e importância da escolha; gostar muito do que decidiu fazer; construir relacionamentos verdadeiros; saber que a justa remuneração premiará a dedicação aos pacientes; jamais se achar infalível; e gostar de gente e trabalho em equipe.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Seriam muitos a citar. Entre as referências da profissão: Carlos Moraes, Paulo Andrade, José Aécio Vieira, Ivan Cavalcanti, Enio Cantarelli. Os amigos Armínio Collier, Jurandir Brayner, Luis Costi, Geraldo Sá, Marconi Meira,

Maurício Matos, Silvana Sobreira, Rodrigo Pedrosa, Luiz Carlos Santos e tantos outros. Os “irmãos de afeto”: Fernando Moraes, João Veiga e Alberto Cherpak. E meu conselheiro desde a escola, Prof. Wilson Oliveira.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família e filhos. Cultivar amizades e poder oferecer a solidariedade a quem me procura. E o Náutico.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina avança exponencialmente, beneficiada pela tecnologia. Mas é preciso evoluir respeitando a velocidade e o tempo para construção dos relacionamentos humanizados. Não deixarei de acreditar na relação médico-paciente como ponto fundamental para a prática de uma medicina de excelência.

Ser médico é...

Nascer para servir.

Ronald Fonseca Cavalcanti



Filho do oftalmologista Inácio Cavalcanti, seguiu os passos do pai, graduando-se em medicina e se especializando em oftalmologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1981. Mestre em administração de clínicas oftalmológicas pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), assumiu a presidência do Hospital de Olhos de Pernambuco (HOPE), fundado em 1953 por seu pai, em sociedade com o também oftalmologista Altino Ventura. É, ainda, vice-presidente da Fundação Altino Ventura (FAV), membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de administração em Oftalmologia (SBAO) e presidente da Latin American Society of Ophthalmic Administrators - LASOA. Atua como professor afiliado da pós-graduação do departamento de oftalmologia da Fundação Altino Ventura, nas áreas de córnea e doenças externas oculares.

**O trabalho é o que
impulsiona nossa vida e
nos faz navegar em busca
dos nossos sonhos.**

Por que escolheu ser médico?

Sendo filho de oftalmologista, convivi desde cedo com um universo que me encantava por reunir, de um lado, o aspecto humano do cuidado com o paciente e, do outro, as peculiaridades científicas e tecnológicas dessa especialidade médica.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprendi que é ensinando que se aprende. Para isso é preciso, primeiro, ter disponibilidade e abertura para compartilhar esse bem precioso, que é o conhecimento.

Qual a receita do sucesso, você prescreveria para quem está começando?

Acredito que não há receita pronta para o sucesso. Mas posso dizer que trabalhar naquilo que você gosta é um fator que considero fundamental. Ao fazer o seu melhor, você se sente feliz e realizado.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Posso, com orgulho e carinho, citar os nomes do Dr. Altino Ventura e de meu pai, Dr. Inácio Cavalcanti, que transmitiram essa visão de compromisso e responsabilidade social.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Ver a família crescer e identificar-se com princípios que buscamos cultivar, como ética, respeito e harmonia. Viver a natureza, me aproximar dela cada vez mais, entender a sua criatividade e tentar copiá-la.

O que espera da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A oftalmologia já é uma especialidade tradicionalmente privilegiada em relação aos avanços tecnológicos e, cada vez mais, irá progredir nesse sentido. Espero que a medicina do futuro, mesmo com todo esse progresso, que é muito bem-vindo, não perca de vista que o respeito ao ser humano deve ser sempre uma prioridade, e não o respeito às máquinas.

Ser médico é...

Ser humano. É aprender e se manter atualizado. É reconhecer as capacidades e limitações do outro e as suas próprias.

Rosa Arcuri



Rosa Arcuri Vasconcelos nasceu em Cattolica Eraclea, na Itália. Aos dezoito meses de idade, seus pais migraram para o Brasil, optando por Recife. Graduou-se em medicina na Universidade de Pernambuco (UPE) em 1977. Fez residência em hematologia e hemoterapia na Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco (Hemope). Em 1994, foi selecionada como bolsista pela World Federation of Hemofilia para um fellowship no Angelo Bianchi Bonomi Hemophilia and Trombosis Center da Universidade de Milão. Integrou o Comitê Nacional de Coagulopatias do Ministério da Saúde por sete anos. Porém, foi na sua casa, o Hemope, que exerceu importantes atividades, tais como: chefia do departamento de hematologia, direção técnica e administração do Hospital Hemope, direção e administração da hemoterapia. Em 1999, idealizou, juntamente com seu esposo Francisco Lucio, e fundou com mais quatro colegas, a primeira clínica privada de hematologia de Pernambuco, a Multihemo, atualmente integrada ao Grupo Oncoclínicas. Nos últimos seis anos, integra a Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital Santa Joana Recife.

**Quem pensa que sabe
alguma coisa, ainda não
sabe como convém saber.
-Apóstolo Paulo**

Por que escolheu ser médica?

Na adolescência, apesar de ser uma boa aluna em matemática, o que me fascinava era o cuidar das pessoas. A medicina me permitiria cuidar da saúde e amenizar as dores das pessoas. No decorrer do curso médico, escolhi a hematologia por tratar-se de uma especialidade dinâmica e desafiadora. Fui arrebatada pelo entusiasmo de mestres como Dr. Gilson Saraiva e Dr. Luís Gonzaga dos Santos, este último, o criador da Fundação Hemope.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que a relação médico/paciente é mais importante do que a técnica. No momento da doença, o paciente encontra-se vulnerável. Temos que agir com ética e respeitar o sofrimento dele e da família.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Aproveitar todas as oportunidades para adquirir conhecimentos. Mesmo aquelas que nos parecem insignificantes. Isto fará diferença no futuro.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São tantos que não caberiam neste espaço, mas gostaria de destacar na minha área de atuação o Dr. Luís Gonzaga dos Santos e o Dr. Mario Florêncio.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, viajar, conhecer novos lugares e culturas. Como disse o escritor Mário Quintana: "Viajar é mudar a roupa da alma".

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia na área de oncohematologia contribui profundamente no avanço de técnicas de diagnóstico, baseadas na genética de tumores e no tratamento com drogas específicas de células-alvo. Como falei, a hematologia é muito dinâmica, todos os dias acordamos com novos estudos e novas drogas.

Ser médica é...

Gostar das relações humanas, tratar o paciente com respeito e dignidade mesmo após uma jornada de rotina exaustiva.

Rui Pereira



**Ser médico é paixão.
Vício. Dedicção.**

O médico Rui Pereira nasceu no Porto, em Portugal, onde iniciou seus estudos na faculdade de medicina local em 1972. Em 1974, associa as suas atividades acadêmicas à prática docente no Liceu Nacional de Leiria e faz também a sua transferência para a tradicional Universidade de Coimbra, onde se forma em 1978. Neste mesmo ano, é admitido como médico residente no Hospital Distrital de Leiria. No final de 1980, parte para o Brasil para fazer sua formação como cirurgião plástico com o professor Perseu Lemos. Entrou para a equipe do IMIP, onde atua até hoje, chefiando o serviço de cirurgia plástica e o Centro de Atenção aos Defeitos da Face (CADEFI). Em 1985, funda, no Real Hospital Português, a primeira clínica de cirurgia plástica em hospital privado no estado. Em 2004, a Câmara Municipal de Recife outorga-lhe o título de Cidadão Honorário de Recife, e a Associação de Medicina de Pernambuco concede-lhe, em 2013, a medalha Maciel Monteiro, sua mais alta condecoração. Em 2017, obteve o grau de doutor em cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

Por que escolheu ser médico?

Foi quase por acaso. Tinha terminado o ensino secundário em Portugal e aguardava o ingresso na Escola Náutica. Alguns colegas fariam a prova do curso de medicina da Universidade do Porto e me convenceram a tentar. Fui aprovado e já nas primeiras aulas de anatomia minha curiosidade foi aguçada. A medicina foi mais forte que a paixão pelas coisas do mar.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Estar atento aos pormenores, ouvir os conselhos dos professores ou a observação simples do paciente mais modesto. É preciso sempre estar alerta para qualquer mudança de percurso.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Uma carreira focada na clínica privada vai exigir dedicação e disponibilidade. Se o enfoque for à saúde pública, a compreensão do impacto direto na vida das pessoas e suas comunidades. Existe ainda o propósito pelos caminhos do saber e os que enveredam pela pesquisa. Ambos trazem o impacto de suas descobertas para subsidiar a prática médica.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Destaco o professor Fernando Figueira, que me impactou de forma definitiva, deixando uma lição de vida. O professor Perseu Lemos, desbravador na cirurgia plástica. E também os alunos, ao longo dos anos no IMIP, que me deixaram uma marca na alma.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A família. Além dela, não existe razão de viver. Depois tem a minha terra, distante e amada. A paixão pelo meu time Benfica. O mar, que até hoje me atrai, e viajar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Com a tecnologia, as decisões médicas contarão com uma retaguarda mais sólida e assertiva. Porém, sem a intermediação do médico, toda essa assistência é fadada ao fracasso. Além de condutas e diagnósticos brilhantes, a necessidade maior é sempre de compreender o paciente.

Ser médico é...

Paixão. Vício. Dedicação.

Sandra Mattos



Sandra Mattos é médica pela Universidade Federal de Pernambuco (1981), com especialização em Cardiologia Pediátrica e Fetal nos Hospitais Royal Brompton e Great Ormond Street de Londres, GB (1983-1988). Ocupou os cargos de Locumn Consultant em Cardiologia Pediátrica no Hospital John Radcliffe de Oxford (1989) e de Professora Assistente do Departamento de Cardiologia Pediátrica da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, EUA (1989-1990). Desde 1994, Dr^a. Sandra dirige a Unidade de Cardiologia Materno-Fetal do Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco e preside o Centro de Estudos Caduceus e a ONG - Círculo do Coração. Presidiu o Departamento de Cardiologia Pediátrica da Sociedade Brasileira de Cardiologia de 2004 a 2007. É doutora em Biotecnologia pela Rede Nordeste de Biotecnologia (2010) e desenvolve pesquisas sobre as Origens do Desenvolvimento da Doença e da Saúde e sobre a utilização das tecnologias de informática na Saúde.

**Onde há um desejo,
há um caminho.**

Por que escolheu ser médica?

Um dia, ainda no jardim de infância, recebi uma maletinha de curativos para ser a médica do dia. Como ninguém se acidentou, aproveitei o material em mim mesma. Ainda lembro o susto da professora e dos meus pais quando apareci coberta de curativos e mancando, para dar o clima. Inesquecível! Acho que, desde sempre, ser médica era o caminho.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Humildade. Não há nada mais importante na vida. Mas aprendi em casa. O exercício da profissão apenas a reforçou.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Ter sucesso é ser feliz! E felicidade de fora para dentro é ilusão. Então, a primeira coisa é esquecer o que os outros definem como sucesso. Se pergunte: por que escolhi ser médico? Se a primeira resposta for: “porque quero servir ao próximo”, o sucesso está garantido. Para outras respostas, revise seus objetivos e, quando necessário, corrija o rumo da sua vida.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Muitos. Nomeá-los seria injusto, pois sempre deixaria alguém de fora. Meus ídolos são os que trabalham com empatia para com os pacientes e colegas, de todos os níveis. Aqueles que te deixam com uma sensação de “encontrei um amigo” após a primeira consulta.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Música, jardinagem, yoga, meditação e a presença de pessoas queridas.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

As possibilidades são impensáveis. Os avanços tecnológicos têm o potencial de nos transformar em seres híbridos: mais resistentes a doenças, com próteses, chips, nanopartículas protetoras. Mas tudo avança muito rápido e estamos perdendo a capacidade de ouvir o paciente, examiná-lo, estabelecer o “rapport”. Tecnologia com humanização pode ser maravilhoso. Sem isso, não sei aonde chegaremos.

Ser médica é...

Servir ao próximo.

Sarita Martins



**Nunca desista
dos seus sonhos.**

Sarita Martins de Carvalho Bezerra ingressou, aos 17 anos, na Faculdade de Medicina. No último ano do curso, já havia decidido ser dermatologista. Fez mestrado em doenças infecciosas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutorado em dermatologia na Universidade de São Paulo (USP). Na carreira acadêmica, também fez uma especialização em dermatologia na Universidade de Londres. Foi professora de dermatologia na UFPE por 26 anos, além de presidente nacional da Sociedade Brasileira de Dermatologia no ano de 1994 e presidente do Congresso Brasileiro de Dermatologia, em 1996. A médica foi eleita, ainda, presidente nacional da Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica em 2003 e do Congresso Brasileiro de Cirurgia Dermatológica em 2004. Foi membro da International Society of Dermatologic Surgery por seis anos. Autora de artigos e capítulos de livro da especialidade, venceu um prêmio ibero latino-americano de dermatologia, com o trabalho “Efeitos da radiação solar crônica prolongada sobre o sistema imunológico de pescadores profissionais no Recife”.

Por que escolheu ser médica?

Eu fui a primeira médica da família. Não tinha nenhuma referência ou espelho. Era algo que eu sentia desde nova; vocação mesmo. Lembro-me quando era bem pequena, quando me perguntavam o que eu iria ser quando crescer, respondia de pronto: médica.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Diariamente, aprende-se. Não se pode deixar algo no piloto automático. Acredito que só se deve fazer o que se ama, até para fazer bem feito.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Estudar. Se dedicar de corpo e alma no que faz. Na medicina, não se pode ficar parado. Os avanços são constantes, assim como as tecnologias e tratamentos.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Muito difícil citar nomes porque são muitos. Pernambuco é um estado visceral para a medicina do Brasil e até do mundo. Gostaria, contudo, de citar o meu marido, o dermatologista Márcio Lobo, que transformou sua vida acadêmica e profissional num sacerdócio.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Tenho duas grandes paixões e viajar é uma delas. Acabou virando motivo de ter escrito um livro: “Eu, a mala e o mundo”, contando detalhes e dando dicas de alguns lugares que visitei. Gosto também de gastronomia. Adoro receber amigos em casa para jantares temáticos, com menu completo, feito exclusivamente por mim.

O que esperar da medicina do futuro?**Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?**

Não temo. Aceito, me preparo e me atualizo. Uso a tecnologia sempre a meu favor. Eu mesma já passei por várias mudanças. É uma questão de ser receptiva e se adequar. Tem que tirar proveito dos avanços tecnológicos, mas sem abrir mão do lado humano.

Ser médica é...

Estar disponível para aliviar o sofrimento do seu paciente, além de exercer a empatia com muita humildade e dignidade.

Sebastião Teixeira Filho



Sebastião Teixeira Filho mudou-se do interior para Maceió para iniciar os estudos e, aos 14 anos, veio para Recife estudar no Colégio Nóbrega. Passou no vestibular da Universidade Federal em Ciências Médicas. Um sonho já se formava na cabeça dele, que era ir para os Estados Unidos, ser médico. Ao terminar o Curso Médico no Brasil, prestou concurso (ECFMG), através do Consulado Americano, para revalidação do Diploma. A ideia era conseguir ir como empregado por uma Universidade Americana, na condição de residente. Mais uma vez, o sonho foi realizado e, após a formatura, ele financiou a passagem aérea com um cunhado, enviando mensalmente os dólares, por carta. Terminada a Residência em Ginecologia e Obstetria nos EUA, foi aprovado no American Board of Obstetrics And Gynecology, para licença plena para medicina e cirurgia nos Estados Unidos. A partir daí, a saudade bateu e ele voltou para a terra natal, já como pai de sua filha mais velha, Erika, que seria depois seguida por Bruno, Patrícia e Luciano. No Brasil, enveredou pela Reprodução Humana Assistida, desde 1990, até hoje.

Deus pode mais!

Por que escolheu ser médico?

Desde pequeno, sonhava operando – exatamente! operando! – paramentado como cirurgião, cuidando de urgências em algum pronto-socorro, etc. A única profissão que cheguei a cogitar, fora a Medicina, foi ser piloto, mas a Medicina ganhou.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Sem qualquer chavão: ser humilde perante a doença, perante os colegas e, principalmente, perante Deus.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Estudar, sobre tudo, o máximo possível, principalmente o que for relacionado à Medicina e à sua especialidade. Aprenda uma língua, de preferência, o Inglês.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Corro o risco de, injustamente, deixar de mencionar alguns, pois a lista é grande mas, para não me abster à pergunta: Dr. Luciano Teixeira, Dr. Paulo Meireles, Dr. Luiz Fernando Maciel, Dr. Oscar Coutinho Neto, Dr. Vitorino Spinelli, Dr. Sílvio Cavalcanti, Dr. Hermilo Borba Neto, Dr. Manoel Emidio Leão, Dr. Jairo de Andrade Lima, Dr. Mauricio Mena Barreto e muitos outros.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A família, sem dúvida alguma. Ler romances de aventura, sobre aviação, ficção, etc.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Para termos uma ideia do que será a Medicina do Futuro, basta um simples olhar para o que era a Medicina há 70 anos. Olhar para o advento da anestesia, da assepsia, do antibiótico como uma novidade maravilhosa... A robótica e a nano robótica já são “presente”. A tecnologia impacta a nós Médicos, nos obrigando a mantermo-nos atualizados sempre.

Ser médico é...

Estudar sempre, ter a consciência de que sabe o melhor da sua profissão (especialidade e medicina geral), sempre estar preparado para o pior acontecer, e confiar em Deus.

Sérgio Gondim



Sérgio Gondim Barbosa de Souza nasceu em Surubim e mora no Recife desde os 14 anos. Estudou no Ginásio Marista de Surubim e no Colégio Nóbrega Recife, até o vestibular. Coursou Medicina na UFPE e fez Residência Médica no Hospital Barão de Lucena, no Recife. Por meio de concursos públicos atuou como Clínico no Serviço Médico do TRT e trabalha no Hospital Getúlio Vargas - Enfermaria de Clínica Médica – onde exerce função assistencial e de preceptor do programa de Residência Médica, voltado para a formação de novos médicos e sua pós-graduação. Por anos, atuou como Clínico no Hospital Santa Joana. Atende em consultório particular desde 1983. Tem o prazer de poder aprender, trabalhar e conviver com vários ex-residentes, uma equipe informal, com afinidades técnicas e éticas. Assina artigos de Opinião no Jornal do Comércio, Recife, onde abre o seu pensamento à comunidade, na contramão de sua cultivada timidez. Vez por outra, participa de corridas de rua (Medalhas Corrida das Pontes do Recife, Corre Recife, entre outras). Segundo ele, só não ganha mais porque não sobra tempo.

**O tempo é engolidor dos
anos e gastador das feições,
a vida é curta,
mas tem serventia.
-José Nivaldo, em Dr. Marcolino.**

Por que escolheu ser médico?

Houve um componente genético homozigótico (meus pais eram médicos) e outro contagioso (vibravam muito com a profissão).

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Aprendi cedo que o atendimento, para mim muitas vezes rotineiro, é especial e decisivo para o paciente.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Estou à procura dessa receita até hoje, mas costumo sugerir o que parece óbvio: estar radicalmente focado na solução do problema do paciente. O sucesso do médico é o sucesso do paciente.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Muitos! Tive a sorte de começar aprendendo com a equipe do HBL e vou sintetizar em Oscar Coutinho Neto (os demais sintam-se bem representados). Como se fosse pouco, fui compartilhar o mesmo consultório com Cyro de A. Lima e Chicão. Na sequência encontro Luiz Fernando Salazar, Evyo Abreu e Lima, Luiz Griz, Chico Bandeira, Fernando Raposo, a equipe do HGV representada por Ieda Ludmer e Sergio Murilo. Vou parando porque ninguém vai acreditar que tive tanta sorte assim.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Muitas! As minhas três mulheres únicas Sônia, Paula e Elisa. Meu genro único, Renan. Meus irmãos, múltiplos. Gosto de trotar pelas ruas do Recife no início do dia e escrever textos curtos sobre qualquer coisa, no fim do dia. Depois de tudo, estar na Praia de Catuama, sem fazer nada.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Já assinei revistas que chegavam de navio! Precisei aprender outra medicina, em tão pouco tempo: imagem, acesso à informação e compartilhamento de experiências on-line. Apesar de tantos avanços, acredito que a relação médico-paciente, sem intermediários, é insubstituível.

Ser médico é...

Na definição do homem simples, é “estudar muito para entender os achaques e depois passar remédio que não ofenda”.

Silvana Sobreira



Nascida em João Pessoa, Silvana Sobreira começou a carreira na área de saúde formando-se em enfermagem. Aos 19 anos, iniciou a graduação em medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), concluindo em 1991. Fez residência em clínica médica e neurologia no Hospital da Restauração. É mestre em medicina interna e doutora em neuropsiquiatria e ciências do comportamento, ambos os títulos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Desde 2005, após aprovação em concurso, atua como preceptora da residência de neurologia do Hospital da Restauração. A atuação na rede privada também está inclusa na rotina profissional. Atualmente coordena a equipe de neurologia de três hospitais da rede D'OR São Luis – Memorial São José, Esperança e São Marcos.

**Sê humilde para evitar o
orgulho, mas voa alto
para alcançar a sabedoria.
-Santo Agostinho**

Por que escolheu ser médica?

Me senti atraída por uma profissão que agregava valores tão importantes para mim: estudar, cuidar do ser humano e interferir positivamente na vida das pessoas.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

A finitude da vida é a grande lição. Nós somos instrumentos do plano de Deus e cumprir nossa profissão é simplesmente unir a ciência com o amor divino que tanto almejamos alcançar.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Dar o seu melhor sempre, com dedicação, determinação, paixão e humildade. Não somos insubstituíveis, mas, ao trabalhar com afincamento e propriedade do conhecimento, no mínimo deixamos marcas indelévels. O sucesso é apenas a consequência do trabalho sério e bem feito.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Minha grande mestra, Dra. Lúcia Brito. Dr. Glerystone Holanda, que fez a neuroradiologia ganhar novo sentido para mim. Dr. Luiz Athaide, por seus ensinamentos. Dr. Hildo Azevedo e Dr. Geraldo Sá Carneiro, dois gigantes da neurocirurgia. Dr. José Aécio Vieira, uma mente brilhante. E Dr. Paulo Sérgio Muniz, pelo ousado empreendedorismo médico.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família é a base de minha formação e de meus valores. Meu esposo, Fernando Macena, que no dia a dia reafirma quão importante é seguirmos juntos. Adoro livros, plantas, viajar e o mar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Os diagnósticos serão mais acurados, as cirurgias minimamente invasivas trarão mais possibilidades de evitar efeitos colaterais indesejáveis, os medicamentos terão mais potência para atingir o alvo desejado. Por outro lado, a tecnologia deve ser utilizada com muita responsabilidade. A inteligência artificial necessitará da consciência humana na tomada de decisões.

Ser médica é...

Estar permanentemente disposta a se doar ao cuidado do ser humano.

Silvio Caldas Neto



O recifense Silvio Caldas formou-se em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1988. Fez residência em Otorrinolaringologia na Universidade de São Paulo (USP) e, nos Estados Unidos, fez estágio em Otologia no House Ear Institute. Na França, estagiou no Hospital Universitário Pellegrin, no Instituto Georges Portmann e no Hospital Universitário de Arles. De volta ao Brasil, entre 1995 e 1996, atuou nos hospitais da Restauração e dos Servidores de Pernambuco. No mesmo período, foi admitido como professor da Faculdade de Medicina da UPE e do departamento de Cirurgia da UFPE, onde exerceu funções como coordenador da disciplina de Otorrinolaringologia, chefe do Serviço de Otorrinolaringologia, supervisor de Residência Médica em Otorrinolaringologia, chefe do Departamento de Cirurgia e coordenador do curso de medicina. Atualmente, é professor titular e diretor da Faculdade de Medicina da UFPE. Foi ainda presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia de Pernambuco e da Sociedade Brasileira de Otologia, e diretor de publicações da Associação Brasileira de Otorrinolaringologia.

**A virtude está
no centro.**
-Aristóteles.

Por que escolheu ser médico?

Sempre fui fascinado pelos temas ligados às ciências da vida. Mas a convivência próxima com meu pai, também médico, foi decisiva para essa escolha.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que nossa principal missão é escutar as pessoas e informá-las de maneira eficiente sobre os seus problemas; acolher suas angústias e construir juntos as soluções para os seus males, empregando excelência técnica na batalha contra as doenças. É sermos, sobretudo, humildes, ao admitir nossos limites.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Atualize-se. Reinvente-se. Questione-se. Não tenha dogmas científicos, pois a medicina se reinventa a todo instante. Tenha convicções, mas não se apegue irredutivelmente a elas. O único dogma admissível na nossa profissão é o respeito pelo paciente e pela própria medicina.

Quais médicos pernambucanos você admira?

São inúmeros, tanto pela importância que tiveram na minha formação, como pela relevância para a medicina do nosso estado.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, minhas grandes amizades e o magistério, pelo qual sou apaixonado.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia tem impactado o diagnóstico e o tratamento de doenças, o que é quase sempre positivo e promove aumento da nossa expectativa de vida com qualidade. Mas os custos que ela representa para o sistema de saúde podem produzir até um efeito contrário, pois os recursos usados para financiar uma tecnologia podem faltar para outras soluções de maior impacto. A relação médico-paciente também tem mudado. Não sei ainda o que isso trará de bom ou ruim. Porém, o médico sempre será fundamental, pois acolhimento, cumplicidade e humildade são conceitos que nenhuma máquina pode compreender.

Ser médico é...

Sempre servir à medicina e por meio da medicina. Jamais servir-se dela.

Tiago Queiroz



Nascido em Recife, Tiago Queiroz Cardoso morou a maior parte da infância no interior do estado. Aos 14 anos, deixou a casa dos pais para continuar os estudos na capital. Aos 16 anos ingressou no curso de medicina da Universidade de Pernambuco (UPE), concluído em 2009. Após graduação, fez residência médica em Psiquiatria no Hospital Ulysses Pernambucano e depois mestrado e doutorado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde também foi professor de psiquiatria por dois anos. Foi ainda preceptor das residências de psiquiatria do Hospital das Clínicas (HC-UFPE) e do Hospital Ulysses Pernambucano. Após os anos de formação acadêmica e ensino como psiquiatra, fundou o Instituto Dr Tiago Queiroz, centro multiprofissional com proposta de um tratamento integral para a mente, com atendimentos em psiquiatria, psicologia e nutrição, e que também conta com cursos de mindfulness, uma meditação com base científica, que atua na prevenção e tratamento de quadros de ansiedade e depressão. É Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria e da American Psychiatric Association.

**Excelência e equilíbrio:
o preço do sucesso
profissional não pode ser o
fracasso pessoal.**

Por que escolheu ser médico?

Acredito que teve muita relação com ter aprendido a gostar de cuidar de pessoas. Embora seja o primeiro médico da família, aprendi com meus pais a se importar com o outro, saber ouvir e sempre tentar ajudar.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Uma lição que certamente ecoa na minha vida é a importância de cuidar melhor das minhas emoções. Reconhecer que tão importante quanto o trabalho é aprender a desconectar do trabalho e viver momentos valiosos com família e amigos.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Não busque uma receita de sucesso, crie a sua. Mas sugerindo alguns ingredientes para sua receita, seriam: tenha referências, mas não copie ninguém e fuja da comparação. Explore seus pontos fortes, mas nunca perca a humildade. Faça terapia e aprenda sobre mindfulness. Estude muito, fuja dos atalhos e foque no longo prazo.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Teriam vários, mas deixo aqui minha admiração e gratidão por quatro psiquiatras que foram muito importantes na minha formação: Amaury Cantilino, Antônio Peregrino, Murilo Lima e Suzana Azoubel.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Esportes em geral, assistir séries, comer e viajar. Amo estar com minha esposa, Tainah, e minha filha, Maitê, toda família e amigos. Minha fé em Deus é a base de tudo.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Acredito que os avanços tecnológicos nos trazem cada vez mais possibilidades de cuidar melhor dos nossos pacientes. O nosso desafio é não perder a empatia, o afeto pelo cuidar do outro, independente do meio para isso.

Ser médico é...

É aprender a ser melhor do que ontem. Aprender com humildade, paciência e muita dedicação. Aprender a ser inteiro: um excelente técnico e um amável ser humano que se encontram na arte de cuidar do dom maior, a vida.

Tibério Moreno Júnior



Tibério Moreno de Siqueira Junior fez residência em cirurgia geral no Hospital dos Servidores do Estado, entre 1995 e 1996, e residência em urologia na Universidade Católica do Rio Grande do Sul, entre 1997 e 1998. Mestre e doutor em Urologia pela Universidade de São Paulo (USP), é também membro titular da Sociedade Brasileira de Urologia, da Endourological Society e da Sociedade Brasileira de Cirurgia Laparoscópica. Entre suas qualificações, ingressou no grupo de cirurgia robótica do Hospital Esperança, no Recife. Na carreira, passou a chefiar o serviço de urologia do Hospital Memorial São José. Fez especialização em câncer urológico na Wayne State University, em Detroit, nos Estados Unidos, além de fellowship em endourologia e laparoscopia urológica na Indiana University. Atualmente, é urologista do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, sendo o primeiro ganhador do prêmio Ureteroscópio Dourado, concedido ao profissional que mais contribuiu para o desenvolvimento da cirurgia minimamente invasiva no Brasil nos últimos 10 anos.

**Estudo, trabalho, dedicação
e compaixão é o segredo
e a base de sustentação
do sucesso para
qualquer médico.**

Por que escolheu ser médico?

Sempre gostei de biologia. Durante o colegial, comecei a seguir meu pai, que também é médico urologista, nas suas visitas aos pacientes nos fins de semana. Isso foi me despertando o interesse pela medicina.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Sempre ouvir as pessoas com respeito e paciência. Ter compaixão.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Fazer o que gosta, sempre estudar e trabalhar muito, ser perseverante e ter pensamento positivo.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Meu pai (Tibério Moreno de Siqueira), Dr. Luiz Fernando Maciel, Dr. Ney Cavalcanti e Dr. José Aécio Vieira.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Família, amigos, praia e o Náutico.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A medicina já está mudando e vai mudar muito mais com o desenvolvimento tecnológico. Acredito que a maioria das mudanças serão para melhor, mas talvez algumas piorem o sistema de trabalho médico e a relação médico-paciente. Esses avanços vão impactar todas as áreas da medicina e principalmente o meu, que já está sendo impactado devido ao uso da tecnologia robótica na realização das cirurgias, principalmente no tratamento do câncer de próstata.

Ser médico é...

Estudar e trabalhar muito. É sofrer, mas sobretudo, ficar feliz e realizado quando conseguimos abreviar o sofrimento e as angústias dos pacientes e familiares.

Valentina Carvalho



Filha de Nicolau, dentista, e Maria José (Mary Jo), professora primária, Valentina Carvalho é a caçula de quatro irmãos. Estudou no Colégio Boa Viagem até concluir o segundo grau. Fez balé clássico na Escolinha de Arte do Recife por oito anos, experiência que foi um divisor de águas na sua vida, mas precisou abrir mão da dança no segundo ano de medicina. Tornou-se médica na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e lá fez residência, treinamento suplementar, mestrado, doutorado e foi professora substituta por quatro anos. Atualmente, atende no IMIP, no Hospital Barão de Lucena, em consultório e é professora de neurologia da UNINASSAU. Casada com Celio Vasconcelos, é mãe de Valentina (Tininha) e Vitor.

**O essencial
é invisível aos olhos.**
-Antoine de Saint-Exupéry.

Por que escolheu ser médica?

Não foi uma escolha. A medicina é como uma grande paixão, ela lhe arrebatava e, quando você percebe, já está completamente apaixonada e não tem escolha. Fui percebendo uma necessidade vital de me aproximar e escutar quem sofria, de querer ajudar e aliviar aquele sofrimento.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Humildade.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Pergunte-se: “eu quero fazer isto até ficar velhinho?” e “eu permaneceria fazendo isto ainda que tirasse na Megassena acumulada?”. Caso as respostas sejam sim, significa que o jovem médico ama a medicina a ponto de exercê-la mesmo após a aposentadoria. E, mesmo que se tornasse um multimilionário, não a abandonaria.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Hildo Azevedo, Evyo de Abreu e Lima, Jairo de Andrade Lima, Paulo Meireles (em memória), Ana Van Der Linden e Marcelo Moraes Valença.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

A dança, o teatro, a pintura, a leitura e viajar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Os avanços na neurologia são distintos de outras especialidades, pois se transplante de órgãos é uma realidade bem-sucedida em muitas áreas, não há qualquer perspectiva de transplante cerebral. Deixaríamos de ser quem somos. Com o aperfeiçoamento da inteligência artificial, um número cada vez maior de pessoas terá acesso a diagnósticos mais rápidos e precisos e a uma maior efetividade na prevenção e tratamento das doenças. E, exatamente por isto, vai crescer a necessidade do acolhimento, de uma boa relação médico-paciente, do aperto de mãos e do abraço. Pois, tomemos como exemplo a antecipação do diagnóstico de uma doença incurável, certamente isto não trará mais felicidade.

Ser médica é...

Acordar todos os dias com a necessidade de ajudar pessoas.

Victorino Spinelli



**Ser médico,
para mim, é tudo.**

O médico pernambucano Victorino Spinelli possui graduação em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluída em 1965. Fez fellowship e scholarship, ambos em hepatologia, na Yale University, em New Haven, Connecticut, nos EUA, entre os anos de 1969 e 1971. No país norte-americano, também foi professor convidado por dois meses na Stanford University, em Palo Alto, Califórnia, em 1982, e por um mês na Buffalo University, em Nova Iorque. De volta ao Brasil, foi professor adjunto de clínica médica do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), aposentando-se em 2005. Foi ainda preceptor da residência em clínica médica do Hospital Barão de Lucena. Membro da Academia Pernambucana de Medicina, presidiu, entre 2001 e 2013, a Sociedade Brasileira de Hepatologia. É vice-presidente do Instituto do Fígado de Pernambuco (IFP) desde a sua fundação, em 2005. Primeiro instituto criado no Brasil para acolher pacientes do SUS, o IFP é um centro especializado no tratamento das enfermidades do aparelho digestivo, principalmente das doenças hepáticas.

Por que escolheu ser médico?

Na minha família existiam dois médicos, que foram meus dois exemplos. A medicina sempre me atraiu, terminei decidindo por ela e não me arrependo. Com mais de 50 anos de atuação médica, sou plenamente satisfeito com a minha escolha.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Que escolher é sempre uma coisa difícil de se fazer. Não era o mais provável que eu escolhesse ser médico, pois sempre tive atração por matemática, pelos cálculos. Mas fiz uma escolha com a qual, hoje, sou plenamente satisfeito.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Primeiro, se dedicar de corpo e alma à profissão que você escolheu. E tentar, sempre, ser o melhor naquilo que se propôs a fazer.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Hélio Mendonça, que foi meu primeiro professor na faculdade de medicina, na área de histologia. Amaury Coutinho, um grande exemplo para mim. Por conta dele, eu me apaixonei pelo fígado, área que norteou minha vida até hoje. E Salomão Kelner, outro grande nome na minha trajetória.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

O futebol é minha paixão. Cheguei a comemorar 54 anos jogando bola, por hobby, não de forma profissional. O Náutico é o meu time do coração. Também me movem a minha família e os amigos, sempre presentes.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Não arrisco dizer o que espera a medicina no futuro. Mas acredito que ela vai atingir, praticamente, a perfeição.

Ser médico é...

Tudo. Para mim, é tudo.

Vilma Guimarães



Vilma Guimarães nasceu em Garanhuns, no Agreste pernambucano, e mudou-se para a capital a fim de estudar medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), formando-se em 1981. Fez residência em ginecologia e obstetrícia no Hospital Barão de Lucena. É especialista, ainda, em histeroscopia e laparoscopia. Aprovada em concurso público, tornou-se médica da Secretaria de Saúde de Pernambuco e do Hospital das Clínicas da UFPE. Tem atuação em atividades de ensino e pesquisa no Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira (IMIP), onde apresentou tese de mestrado, em 2006, sobre a mortalidade por câncer de colo uterino na cidade do Recife. Em 2010, apresentou tese de doutorado com foco nas mulheres HPV positivas usuárias do Sistema Único de Saúde. Tem livros publicados, entre eles os títulos “Ginecologia ambulatorial baseada em evidências”, “Obstetrícia: diagnóstico e tratamento – IMIP” e “Gestação de alto risco baseada em evidências”. Dr^a. Vilma é casada e tem três filhas, que também seguiram no caminho da medicina.

**O grande dom do
médico é cuidar e
gostar das pessoas.**

Por que escolheu ser médica?

Desde a minha infância, o grande sonho da minha vida era ser médica. Não tive dúvidas em relação a esta escolha e nunca pensei em outra profissão.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

Como sou ginecologista e obstetra, o aprendizado é diário com as mulheres nas diversas fases da vida e especialmente ajudando no nascimento de mais um ser que vem ao mundo. É sempre uma emoção grande que contagia a todos que participam desse momento especial.

Qual receita de sucesso você prescreveria para quem está começando?

Gostar do que se faz, dedicação ao trabalho e um processo ininterrupto de atualização na sua área de atuação. Como o ginecologista é o médico da mulher e no qual ela deposita total confiança, precisamos de um conhecimento mais amplo que envolve a conexão com outras especialidades.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Foram minhas grandes fontes de inspiração: Dr. Luiz Carlos Santos, Prof. Fernando Figueira, Prof. Carlos Moraes, Dr. Paulo Neto, Dr^a. Miriam Kelner e Dr. Roberto Rinaldo.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

As grandes paixões da minha vida sempre foram a minha família e meus amigos. Acrescento a grande felicidade em viajar.

O que esperar da medicina do futuro? Como os avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

Espero que a medicina esteja associada aos grandes avanços tecnológicos, tão necessários e bem-vindos, e que a compaixão, empatia e o amor estejam presentes em todas as nossas ações.

Ser médica é...

Sentir a necessidade de ajudar e ficar feliz com a ação executada.

Wenceslau Ribas



Nascido em Ribeirão, município da Zona da Mata Sul de Pernambuco, Wenceslau Ribas veio para Recife ainda criança. Frequentou escolas públicas até o ensino médio e, aos 16 anos, iniciou o curso de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ao mesmo tempo em que começou a dar aulas em cursos pré-vestibular. Fez pós-graduação em cardiologia no Hospital Oswaldo Cruz (HOC), residência médica em São Paulo, no Hospital da Beneficência Portuguesa, e no INCOR (Instituto de Cardiologia – SP), em cardiologia intervencionista. Trabalhou na equipe de Dr. José Pedro, um dos mais renomados cirurgiões cardiovasculares do Brasil. Retornou para Recife após o término de sua formação, assumindo a chefia da sala de recuperação de cirurgia cardíaca do HOC e a coordenação da hemodinâmica do Hospital dos Servidores do Estado e do Hospital Agamenon Magalhães (HAM). Atualmente, é preceptor de residência na área de cardiologia intervencionista do HAM e do Procape, assim como coordenador da hemodinâmica do Hospital Santa Joana Recife desde o ano de 2001.

**Ser médico não é achar
que salva vidas, mas
sim aceitar a sensação
do dever cumprido.**

Por que escolheu ser médico?

Minha mãe, D. Auxiliadora, que nos inspirava por sua determinação, dizia que eu seria médico ou padre e que meu irmão seria cientista ou engenheiro. Hoje sou médico e meu irmão engenheiro.

Qual a maior lição aprendida com sua vivência na profissão?

As pessoas não podem ser tratadas como “mais uma”. Quando existe um óbito, para o hospital pode até ser mais um, mas, para a família, este paciente é o único pai, mãe, filho, ou seja, a pessoa mais importante.

Qual a receita do sucesso você prescreveria para quem está começando?

Resumiria em DETERMINAÇÃO E DEDICAÇÃO. Não existe nada que não se aprenda. E se dedicar ao seu paciente para que ele se sinta protegido, entendendo a expressão “TAMO JUNTOS”.

Quais médicos pernambucanos você admira?

Wilson Pimentel, radicado em São Paulo há muitos anos, meu professor de cardiologia intervencionista, o mais hábil especialista sul-americano, desafiando os casos mais complexos de doença arterial coronária de forma humana e compromissada.

Quais paixões te movem na vida para além da medicina?

Minha família, sem dúvidas. Tenho em meus três filhos e na minha esposa, Edna, a fonte de renovação de energia. Além de torcer pelo Sport Club do Recife e de passear de moto com Edna.

O que esperar da medicina do futuro? Como avanços tecnológicos impactam na sua profissão?

A tecnologia tem impactado profundamente na medicina e avançado de forma galopante, permitindo diagnósticos mais precoces, tratamentos menos invasivos, conhecer patologias que antes eram inimagináveis. Por outro lado, uma preocupação pessoal é que essa evolução implique o afastamento do contato entre o médico e o paciente, pois essa relação é fundamental para assegurar o sucesso de qualquer tratamento.

Ser médico é...

“Entender que em nenhuma situação, nenhuma circunstância, é permitido a você negar atendimento a aquele que lhe solicita socorro”, palavras do Dr. Bezerra de Menezes, que faço minhas.

Polo Médico do Recife

REFERÊNCIA EM TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA CUIDAR DE PESSOAS.

Referência em confiança

O Recife é um dos roteiros mais procurados por brasileiros e estrangeiros que buscam qualidade, segurança e tecnologia de ponta em serviços médicos, dispondo de uma expressiva rede de clínicas, centros de diagnósticos e hospitais com creditações internacionais da Joint Commission International (JCI).

Referência em inovação

O Recife é considerado o 1º Polo Médico do N-NE e 2º do Brasil, com mais de 7 mil leitos no Polo Médico Privado de Pernambuco. A cidade também é um polo convergente de profissionais altamente qualificados—responsáveis pela condução de novos estudos e tratamentos exclusivos—e de eventos relacionados à saúde, que estimulam e fomentam o turismo científico.

Referência em assistência

Aqui, o investimento na rede pública de saúde também é bastante expressivo. São mais de 400 unidades de saúde, entre hospitais e unidades de saúde de grande e médio portes. As Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e os hospitais públicos de alta complexidade são referências na Região e, entre outras iniciativas, fazem com que o Polo Médico do Recife esteja sempre à disposição para todos.

SESI



INSPIRAÇÃO E APOIO PARA PRODUZIR MAIS E MELHOR.

**É O QUE A SUA EMPRESA
ENCONTRA NO SESI.**

O SESI é referência em programas de melhoria das condições e ambientes de trabalho, em prevenção de doenças e acidentes, na promoção da saúde e da qualidade de vida dos trabalhadores e da comunidade. Empresas de todos os portes contam com os serviços do SESI.

pe.sesi.org.br



Camila **Haeckel Blanke**

Camila Haeckel Blanke nasceu no Recife. Possui duas graduações - Administração e Gestão de Varejo-, MBA em Gestão de Negócios, além de ser apaixonada por pessoas e por histórias. Há mais de 14 anos atua no mercado financeiro. Especializou-se em gestão de carteiras de investimentos, conquistou certificações internacionais e fez carreira em bancos multinacionais e corretoras. Encantada pela força e delicadeza feminina, lançou o livro “Sucesso: o que elas PEnsam”, no qual conta a trajetória de mulheres que atingiram resultados importantes em suas áreas de atuação. Como fruto desse trabalho, foi convidada para ser speaker do TEDx, compartilhando as lições que aprendeu com as entrevistadas. Em seguida, decidiu ampliar o alcance do projeto e deu vida à obra “Inspiração Paraíba”, revelando as histórias por trás de pessoas de destaque no estado. É sócia da editora Inspiração, responsável por esse livro e por outras publicações.



Eduarda **Haeckel Vieira**

Eduarda Haeckel Vieira é pernambucana formada em publicidade e propaganda com MBA em marketing e vendas. Após experiência em agência de publicidade, Eduarda ingressou na indústria de cosméticos Cheiro de Bebê. Destacou-se nas áreas de marketing, desenvolvimento de produtos e comercial, comandando a introdução e relacionamento da marca com as maiores redes de varejo e atacado do Brasil. Também foi responsável por implementar uma ação de responsabilidade social na empresa, ao reinserir ex-presidiários no mercado de trabalho. Iniciativa reconhecida e premiada pelo Governo do Estado de Pernambuco. Criativa e afeita a novos desafios, em 2017 publicou seu primeiro livro “Sucesso: o que elas PEnsam” enaltecendo a trajetória de grandes mulheres Pernambucanas. Inspirada pela obra, encantou-se pela premissa de que conhecimento só se tem valor quando compartilhado e fundou a editora Inspiração, empresa que entrega novos olhares e perspectivas através publicação de livros, desenvolvimento de conteúdo e experiências.



INSPIRAÇÃO SAÚDE

Pernambuco é berço de inúmeros médicos, que através de um trabalho árduo e resiliente colocaram o estado em posição de destaque na área da saúde. São profissionais - homens e mulheres - com trajetórias de vida inspiradoras, dedicadas, principalmente, ao cuidado com o próximo.

O livro Inspiração Saúde nasce com o propósito de compartilhar a trajetória e experiências de parte expressiva desses grandes médicos. Nestas páginas, os homenageados, generosamente, dividem as suas motivações, desafios, aprendizados e paixões para além do jaleco, assim como suas expectativas para o futuro da medicina.

Diante da evidência da fragilidade dos seres humanos frente a inimigos invisíveis, esta é uma obra necessária. Principalmente por exaltar aqueles que realizam, diariamente, a vocação para o cuidado e para os quais entregamos o que nos é mais valioso: a nossa própria vida.

ICONE
INSTITUTO DE CIRURGIA
OCULAR DO NORDESTE

